ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA

Separata do «Boletim da Segunda Classe», Vol. IX

CONTRIBUIÇÕES

PARA A

LEXIOLOGIA LUSO-ORIENTAL

POR

DR. SEBASTIÃO RODOLFO DALGADO

Professor de sânscrito

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1916

CONTRIBUIÇÕES
PARA A LEXICOLOGIA LUSO-ORIENTAL

(Ao Sr. David Lopes)

PREFÁCIO

O íntimo convívio e o assíduo contacto dos conquistadores, comerciantes e aventureiros portugueses com os povos asiáticos influíram poderosamente, como era natural, no vocabulário das suas respectivas línguas, aumentando-o notávelmente com o conhecimento de novas ideas e novos objectos.

E se avultado foi o número dos termos portugueses que penetraram nos idiomas indígenas, como já demonstrei em outro trabalho [1], também não é somenos a quantidade dos vocábulos vernáculos que transitaram para a língua portuguesa, passando desta muitos para outras línguas europeias, e até para a nomenclatura scientífica, especialmente botânica [2].

Várias foram as causas dêste fenómeno: a intensidade

---

[1] *Influência do Vocabulário Português em línguas asiáticas*, publicado pela Academia em 1913, e de que se está a fazer em Bombaim uma tradução em inglês.

[2] «Os primeiros nomes botânicos indianos foram principalmente introduzidos por Garcia de Orta (*Coloquios*, impressos em Goa em 1563)». Yule-Burnell, *A Glossary of Anglo-Indian colloquial words and phrases* (p. xv). London, 1886. 2.ª edição por William Crooke, 1903.

e a amplitude da acção civilizadora de Portugal; a sua precedência no Oriente e a sua mentoria, pôsto que involuntária, às outras nações da Europa [1]; a sua adaptabilidade à maior parte das linguas asiáticas, e vice-versa, reconhecida por mais de um sábio estrangeiro [2]; o rápido e perdurável desenvolvimento da raça eurasiática e os seus conseqüentes crioulos.

As palavras, porém, que se introduziram em português, pertencem a diversas categorias. Umas — como *bate* (arroz em casca), *sura* (suco da inflorescência de palmeira), *jagra* (açúcar mascavado), *calão* (bilha), *fula* (flor), *gudão* (armazêm) — circunscreveram-se à linguagem asiática. Outras — como *chita, côco, chá, bezoar, lacre, rotim, tamarindo* — acompanharam os objectos, que designavam, na sua peregrinação pela Europa e América. Ainda outras — e estas são poucas, como *abada, amouco, andor, bengala, biombo, canja, catre, caurim, chatim, corja, jangada, pagode, pires, veniaga, zumbaia* — entraram na fala comum, com foros de perfeita naturalização; mas modificaram-se, pela maior parte, nas suas significações originárias, sujeitando-se a representar na nova pátria cousas e conceitos já conhecidos [3].

Os dicionários portugueses, ainda os mais compreensivos, não registam todas as dições de origem asiática que ocorrem nos nossos *indianistas* de nomeada [4]. Os mais modernos,

[1] «Uma grande quantidade dos nossos coloquialismos anglo-indianos, se bem que sejam porventura atribuíveis a fontes indígenas... veio-nos por um intermédio português». — *Ibidem*, p. XVII.

[2] Vid. Dr. A. Fokker, *O elemento português na lingua malaia*, in *Revista Lusitana*, vol. VII, 1. — Dr. J. C. Heyligers, *Traces de Portugais dans les principales langues des Indes Orientales Neerlandaises* (La Haye, 1889), p. 13.

[3] Alguns dêstes termos entraram, por motivos ali indicados, no meu livro já aludido.

[4] Entendo por *indianistas* os escritores que trataram das cousas da Índia, tomada na acepção mais lata.

ao passo que inserem muitas inéditas e actuais, omitem algumas, consignadas pelos mais antigos. Êstes descrevem largamente o têrmo, em detrimento da concisão, que se requere numa definição, mas caracterizam-no melhor e marcam-lhe a pátria, se bem que sob a denominação genérica de «asiático» ou «indiano». Aqueles, com o louvável intuito de o não deixar sem origem, generalizam-no na sua definição, expatriam-no e deturpam-lhe a filiação.

O defeito primordial de tudo isto está, ao meu ver, no desconhecimento ou no desprêzo das legítimas fontes do estudo e na etimologia empírica, que se estriba inteiramente na homofonia — critério pouco seguro e nada scientífico, como está de sobra demonstrado pela filologia comparativa [1].

Dêste processo — se processo é a etimologia *de palpite* — pululam disparates palmares e desastrados. Por exemplo: *cairo*, «filamentos de côco» filia-se em *Cairo*, cidade do Egito; *gudão*, «armazêm», deriva-se do inglês *go-down*; *ola*, «folha de palmeira», identifica-se com *olaria*, «fabrica de loiça»; *beniaga* ou *veniaga*, «trato comercial», entronca-se no latino *venum agere*; *bandel*, «pôrto», prende-se a *banda*; *catre*, «camilha dobradiça», liga-se ao *catre* castelhano; *balão*, «embarcação indiana», encabeça-se no *balão* europeu: *caxa* ou *caixa*, «moeda asiática», acasala-se com a *caixa* do lat. *capsa*; *calão*, «bilha», emparelha-se com *calão*, «barco de pesca», para se originar de *cale*; *mão*, «pêso indiano», mete-se na *mão* do lat. *manus*; *nacibo*, «sina», presume-se derivar de *nascer*; *saraça*, «tecido», origina-se do cast. *zaraza*; *vara*, «vendaval de Choramândel», prende-se ao lat. *vara*.

[1] «A etymologia é uma sciência ou antes ramo de sciência historica: quando faltam os elementos historicos sucessivos não pode pois muitas vezes chegar a mais do que conjecturas». — Adolfo Coelho, *Prefação* do Dicc.

O mesmo acontece quanto aos significados: *gudão* é «casa térrea na Índia portuguesa»; *bandel* é «bairro destinado á habitação dos estrangeiros»; *bate* é «arroz descascado»; *sura* é «suco do cacho de palmeira», *adão* (fruta de Adão) é «árvore da Índia portuguesa»; *jagra* é «açúcar feito de côco, na Ásia»; *necodá,* (arrais) é «chefe militar na Índia; *reimão* (tigre de Malaca) é «animal que não tem habitação certa»; *talagoia* (iguana) é «peixe de Dio»; *vangana* (arrozal regadio) é «planta da Índia».

É óbvio que a certidão de nascimento e os primários traços biográficos dos vocábulos orientais é no Oriente que, em regra, se devem buscar. Mas, para isso, importa primeiro averiguar se de facto o têrmo é oriental e a que região do Oriente pertence, e qual foi a rota que seguiu na sua viagem para a Europa.

O processo, por tanto, que se me afigura indispensável ao estudo da lexicologia asiática — e o mesmo se dirá da africana — é percorrer com paciência as obras de todos os nossos escritores, e as principais dos estrangeiros antigos, que com reconhecida competência trataram das cousas da Ásia meridional, e colher aí os vocábulos exóticos com a sua definição ou descrição e com a sua pátria ou derivação.

Felizmente, os nossos indianistas reproduzem, em geral, com mais fidelidade e método do que os estrangeiros, e quanto comporta o alfabeto português, sem sinais diacríticos especiais, não sómente dições malaias e japonesas, cujos fonemas pouco ou nada diferem, mas até os complicados alfabetos indianos e as locuções dos idiomas monossilábicos [1]. Além disto, interpretam uma e mais

[1] Note-se a exactidão com que os nossos escritores transcreveram o tamul *Chóramándala,* «país dos Choras ou Cholas», por *Choramândel* ou *Choromândel,* que os estrangeiros corromperam em *Coromandel*, que não significa nada, e nos passaram como um grande presente. E o antigo *Columbo,* ainda hoje corrente no português de

vezes as expressões peregrinas que empregam, e indicam amiúde o seu berço e às vezes a sua etimologia.

Com tais elementos fica o campo em grande parte desbravado e o estudo assente em bases sólidas e irrefragáveis. Para o seu complemento, há dificuldades momentosas a superar, as quais demandam muita perspicácia na investigação e conhecimento adequado, pelo menos nos seus dicionários, de dezenas dos idiomas vernáculos — tarefa árdua, que se não pode desempenhar cabalmente sem colaboração dos competentes.

Ocorrem numerosos termos nas pautas aduaneiras e nos sistemas tributários, que se não explanam, por serem então no local assás sabidos. Outros há — como *côco, areca, bétele, palanquim, saguate, caixa, cule, pagode parau, manchua, pangaio*, *manga* — que são ambulatórios em toda a zona da influência portuguesa na Ásia, África e até na América. Muitos dos referentes a tecidos e embarcações — como *bengala, serampuri, sanguicel, catur, samatra* [1] — são antiquados ou geográficos, que não aparecem nos dicionários manuais, compostos, de ordinário, para uso de escolas e em geral deficientes. Emfim, a identificação das dições da China e Indo-China oferece maiores obstáculos, atenta a índole das suas línguas, e a incorrecção das reedições, que, pretendendo emendar o texto da primordial, por vezes o corrompem.

Acontece também, não raro, que um dado vocábulo, peregrino em português, se encontra ao mesmo tempo em vários idiomas orientais da mesma família ou de diversas e em regiões muito distanciadas, não se podendo precisar, sem demorada pesquisa, de qual dêles proveio para a

Ceilão, representa melhor o singalês *Kolumbu* que o actual *Colombo,* outra deturpação estrangeira.

[1] *Samatra* significa «borrasca» na Índia Portuguesa. António Bocarro emprega o vocábulo nêste sentido. Vid. *Influência.*

nossa língua. Pode igualmente suceder que o que se afigura como étimo tenha na realidade por étimo a palavra cuja origem se procura, sendo facto, exuberantemente demonstrado no meu referido livro, que os portugueses transportaram diversos termos indígenas de uma terra para outra, onde ficaram depois inteiramente naturalizados.

É claro que o cometimento é laborioso e inçado de estorvos; mas deve-se admitir que é o único processo racional e frutífero. E é o que me proponho seguir na elaboração do *glossário luso-asiático*, que já abrange mais de dois mil vocábulos copiosamente abonados com autoridades nacionais e estrangeiras. Sendo porêm o trabalho de sua natureza demorado, e precário o estado de minha saúde, não sei se viverei para levar a cabo o empreendimento.

Acho, portanto, conveniente publicar desde já pequenas monografias acêrca de uma dúzia e meia de palavras de origem asiática, que tiveram aceitação geral nos domínios da língua portuguesa, e que por sua importância filológica são sobremodo interessantes.

I

Abada, bada; ganda

O Sr. Gomes de Brito publicou na *Revista Lusitana* (vol. XIII, 1910), sob o título de *Analecta Litteraria e Historica,* um erudito e curioso artigo acêrca dos «vocabulos *Abada, Abbada, Bada, Ganda, Bicha,* considerados sob o aspecto da especie e do sexo que representam». Deixou, todavia, algumas dificuldades glotológicas sem solução, chamando a atenção dos competentes, e ventilou a questão morfológica com um critério, no meu entender, um tanto errado.

Com quanto eu prefira, por índole, versar semelhantes assuntos doutrinária e impessoalmente, todavia, em deferência ao ilustrado autor do artigo, tratarei mais desenvolvidamente dêstes vocábulos e tocarei em certos pontos, o que aliás houvera por escusado.

I. — Abada, bada

Dois termos peregrinos empregaram os nossos antigos escritores, que trataram das cousas do Oriente, para designar um paquiderme, desconhecido então na Europa: *bada* ou *abada* e *ganda.* O segundo teve uso restrito e duração muito breve. O primeiro, porêm, expandiu-se notávelmente no tempo e no espaço, e passou para várias línguas européias, pelo menos nas obras de seus viajantes e homens de sciência,

§ 1.º — **Sematologia.**

Não consta que o vocábulo *abada* fosse conhecido na Europa antes dos descobrimentos e das conquistas dos portugueses. João de Barros, que tinha ensejo de se lhe referir, quando falou de *ganda*, não o menciona. Parece, conforme se depreende de Covarrúvias, que foi no tempo de Filipe II que a palavra se introduziu em castelhano, na sua forma primitiva e legítima — *bada*[1]. O dicionário francês da Academia não a regista, tam pouco Littré e Devic; aparece, porêm, no de Larousse. Entre os autores citados no *Glossário anglo-indiano* não se notam senão dois ingleses e ambos explicam o têrmo[2]; e o dicionário inglês de Webster não o insere.

Mas que significa *abada?* Os nossos historiadores dizem unânimemente que *abada* ou *bada* é sinónimo de rinoceronte. «Renocerontes ou **Badas**». Padre João Lucena (1600)[3]. «Os Rynocerontes, que são as **Abadas**» Frei Gaspar de S. Bernardino (1609)[4]. «E nella [ilha da Java Menor] se crião grandes elephantes, rinocerotes ou **badas**». Manuel Godinho de Erédia (1613)[5]. «Y delos

1 1611. — «En nuestros dias trouxeran al Rey Filipe II, que santa gloria haya, una **Bada**, que por mucho tiempo estuuo en Madrid». — Don Sebastian Covarruvias, *Tesoro de la Lengua Castellana*. — «L'an 1581 fut envoyé des Indes un Rhinoceros avec un Elephant pour present au Roy d'Espagne estant lors à Lisbonne». — Linschoten (1589), *Histoire de la Navigation* (Amsterdam, 1638), p. 90.

2 1592. — «Now this **Abath** is a beast which has one horne only in her forehead». — Barker, II, 591.

1618. — «A China brought me a present of a cup of **Abado** (or black unecorns horne) with sugar cakes». — Cocks's *Diary*, II, 56.

3 *Historia da Vida do Padre Francisco de Xavier*, Liv. x, cap. 18.

4 *Itinerario da India* (Lisboa, 1842), p. 71.

5 *Declaraçam de Malaca e India Meridional com o Cathay* (Bruxelas, 1881), f. 50.

era parte um Rinocerot, ó **Abada**; que despues se perdiô nel Mediterraneo, embiandole elRey D. Manuel al Papa con otras cosas raras de la India». Manuel de Faria y Sousa (1664)[1].

Estão nisto de acôrdo viajantes forasteiros. «Il n'y a point **d'Abada** ou Rhinoceros es Indes [Índia meridional], mais il s'en trouve en Bengala et Patana». Linschoten (1589), *Histoire*, p. 89. O mesmo autor atribui o vocábulo aos portugueses (p. 30): «En ce mesme pays se trouve le Rhinoceros et il y en a grand nombre, et est appellé des Portugais **Abada**».

«Aonde levam as suas mercadorias para as vender aos chineses, particularmente... muitas pontas da **Bada**, dito Rinoceronte». Carletti (1606, *in Glossary*). — «... nombre de Tigres, quelques **Adybadas**, ou Rinoceros, Buffles Sauvages, Porc-Espys, Civettes...» (em Samatra). Général Beaulieu (1620)[2].

Frei Gaspar da Cruz descreve o animal, sem lhe dar o nome greco-latino: «E hũas alimarias que chamam naquellas partes [India insular] **Badas**: das quaes os machos tem hũ corno na testa sem ponta, he rombo, e hũs dos cornos são malhados de singulares cores, outros pretos todos, outros cor de cera, mas não tem virtude, se nam he pera almorreimas: e depois de Alifante não ha outra alimaria mayor»[3].

1 *Asia Portuguesa* (3 vol., Lisboa, 1666-1675), I, p. 167.

2 *Memoire du Voyage aux Indes Orientales* (p. 97), in *Relations de divers voyages curieus* (4 partes). Paris, 1663-1672.

Marco Polo chama ao animal *leoncorne*: «Hanno molti elefanti saluatici, et *Leoncorni*, che sono molto minori de gli elefanti, simili a'buffali nel pelo... Hanno un corno in mezzo del fronte». *Apud* Ramúsio *(Delle Navigationi et Viaggi)*, II, f. 52.

3 *Tractado em que se contam muito por estenso as cousas da China* (Évora, 1569), cap. 3.

O têrmo era tão corrente na segunda metade do século XVI, que muitos dos nossos escritores o não interpretam. Fernão Pinto menciona-o muitas vezes sem explicação: «Onde ha outros muytos animaes muyto peyores inda que aves, como são elefantes, **badas**, liões» (1541). «Em cafilas de elefantes e **badas**». «Donde [Tartária] partirão com oitenta mil **badas**». «Apos estes sacerdotes mais atrás hum pequeno espaço hião quarenta carros com duas **badas** em cada carro» (1544)[1].

«Postos da outra banda do rio, sahiu a elles um cavallo marinho, que pelo não terem nunca visto cuidaram ser **Badá**, e com o medo e pressa se meteram pela vaza». Manuel Godinho Cardoso (1585)[2]. «... elefantes, **badas**, bufalos, vaccas bravas» (na Africa Oriental). Frei João dos Santos (1609)[3]. É cousa natural pelejar o Leão com o Tigre, a **Abada** com o Elefante, só porque são dous animaes valentes e poderosos». D. Francisco de Melo (1657), *Apologos Dialogaes* (1721), p. 454. «Sapão, Cayoloc, Marfim, pontas de **Abada**, e Canfora de Sião». Padre Fernão de Queiroz (1689)[4].

O vocábulo aparece empregado ainda no declinar do século passado: «Os productos que constituem principalmente o commercio de importação d'aquella provincia [Moçambique] são: marfim, pontas de **abada**, cera, gergelim, cautchuc, etc.». *Boletim da Sociedade de Geographia,* 3.ª série (1880), p. 444.

Quanto a lexicógrafos, Morais, Constâncio, Adolfo Coelho, João de Deus, Cândido de Figueiredo, e os dicionários da Academia e *Contemporaneo* registam *abada* com o significado de «rinoceronte». Agostinho Barbosa (1611), no seu dicionário *Lusitanico-Latinum*, interpreta *abada* por *rhinoceros*. Bluteau (1712) é o primeiro, que eu saiba, a contestar a identidade e a latinizar a palavra portuguesa, «por não ter nome proprio latino». Diz êle que *abada* é «fera da Africa nas terras de Benguella ou nas terras de Sofala». Vieira e Lacerda exprimem-se quási do mesmo modo.

¿Mas *abada* ou *bada* é o nome da espécie ou sómente o da fêmea, como *aliá* é a «fêmea do elefante»? Á primeira vista, parece supérflua a pergunta, mas não o é. O nosso glotólogo Gonçalves Viana diz, referindo-se a *abada*: «Qualquer que seja o sentido em que os nossos escritores antigos empregaram êste vocábulo, ou designando a fêmea do rinoceronte, como é a opinião geral (?), ou referindo-se a outro paquiderme análogo, como declara Rafael Bluteau no *Vocabulario Portuguez Latino,* tem-se-lhe atribuido duas orijens diversas». *Apostilas aos Dicionários Portuguêses.*

Igualmente Yule observa «que mais de uma autoridade fazem dêle *the female rhinoceros*». E Skeat sugere (na segunda edição), como para justificar esta acepção, que «a fêmea era o mais perigoso animal, ou o que mais freqùentemente se encontrava, como é certamente o caso com o crocodilo».

De entre as autoridades, porêm, só se notam duas, e ambas estrangeiras, que dão tal sentido à dição *abada.* «Ora esta **Abath** é uma bêsta que tem tam sómente uma ponta na sua testa, e julga-se ser *the female Vnicorne,* e é muito estimada dos mouros nestas partes como o mais soberano remédio contra veneno». Barker, 1585.—«**Abada**, *s. f.* La *hembra* del Rhinoceronte». *Dicc. de la Lengua Castellana,* 1726.

Eu, da minha parte, não conheço nenhum escritor nacional que limite ao sexo feminino o sentido da palavra. Dos indianistas, que até hoje li, nenhum faz tal restrição, antes pelo contrário. Quando, por exemplo, Manuel Bar-

---

[1] *Peregrinação,* capp. XLI *(bis),* CVII, CXXXI.

[2] *Relação do naufragio da nau Santiago. In Historia tragico-maritima,* (1904-1909), VI, p. 71.

[3] *Ethiopia Oriental,* 2 vol. (Lisboa, 1892), I, p. 39.

[4] *Historia da Vida do Veneravel Irmão Pedro de Basto,* p. III.

radas (1613) diz, referindo-se a Ceilão, «só faltam nesta ilha leões, onças e **abadas**», evidentemente, não entende por *abadas* únicamente fêmeas dos rinocerontes, como não entende por *onças* sómente fêmeas. E «oitenta mil **badas**», de que fala Fernão Pinto, não eram certamente todas fêmeas. E se com efeito são «mais perigosas» as fêmeas, menos razão havia para as empregar em semelhante serviço.

Quanto aos lexicógrafos, os principais que consultei não restringem à fêmea a significação de *abada* ou *bada,* mas na maioria, identificam-na com «rinoceronte», que abrange o macho e a fêmea. Vid. os dicionários citados.

É, por tanto, o caso de se aplicar o princípio do direito romano: *ubi lex non distinguit, nec nos distinguere debemus* — e os nossos indianistas e dicionaristas são legisladores no assunto; e de se concluir que *abada* designa a espécie ou, antes, a família de rinoceronte, compreendendo ambos os sexos. E se a etimologia tem voz no debate, veremos que ela confirma a nossa conclusão.

*

Admitindo, todavia, que alguns autores estrangeiros, e talvez nacionais, tenham circunscrito o vocábulo à fêmea do paquiderme ¿qual teria sido o verdadeiro motivo da deviação do seu sentido normal? Não é certamente o que aponta Skeat. Nem a especial ferocidade do indivíduo feminino, nem o seu mais freqùente encontro — se é que são factos — justificam a modificação do sentido.

Pondo de parte ao presente a questão da origem arábica, que talvez teria influido, quere-me parecer que, vulgarizando-se o vocábulo «rinoceronte», masculino, pelo conhecimento do animal, e sendo *abada* do género feminino, entenderam alguns escritores que *abada* era o nome da fêmea do rinoceronte. E creio que não será temeridade

presumir que a iniciativa partiu dos viajantes forasteiros, como Barker, que sabendo um tanto de português e ouvindo amiúde «**a** *bada* ou *abada,* **as** *badas* ou *abadas,* confundiram o género gramatical com o sexo; e nós, que somos incorrigíveis adoradores do estrangeirismo, tomamos-lhes às cegas a lição!

Temos um frisante paralelo em «elefante» e «aliá»; mas neste caso o processo é genuinamente nacional. Os portugueses, antes de entrarem em Ceilão, conheciam na Índia o animal e davam-lhe o nome europeu com o seu género próprio. Na ilha, porêm, ouviam aos indígenas chamar-lhe comummente *aliyā,* «elefante macho sem dentes», em singalês, sendo *ætinnī* ou *hastinnī* o nome da fêmea [1]. Pela sua pronunciada tendência a termos vernáculos, adoptaram *aliá,* mas não querendo desfazer-se de «elefante» e actuados pela terminação feminina em português, deslocaram a significação originária; e *aliá* ficou sendo a «fêmea do elefante».

O Padre Manuel Barradas, que em princípios do século XVII esteve na Taprobana, faz do nome comum de dois e dá-lhe um significado amplo, que os dicionários do singalês não abonam, nem se coaduna com a índole da língua: «Em logar de azemolas se servem alli de **aléas (aléa** é todo o elefante sem dente, quer seja macho quer *femea)*». Declara também que «dos elefantes nenhuma femea tem dentes, e dos machos os menos são os que os tem» [2]. Daqui fácil era a feminização do sentido.

---

[1] Outros nomes singaleses do elefante sem dentes são *hastiyā, gajendrayā,* sendo o de dentes conhecido por *ætā.*

[2] *Descripção da Cidade de Columbo* (*in* Historia tragico-maritima), vol. II, p. 79. Nesta edição o vocábulo ocorre invariávelmente acentuado *aléa;* mas suponho que o autor escreveria *aleá.*

Emerson Tennent (1860) corrobora plenamente a asserção de Barradas: «It is a curious fact that, whilst in India and Africa

Mas Frei Gaspar de S. Bernardino (1609) [1], *Documentos da India* (1614)[2], António Bocarro (1635) [3] não conhecem senão *aliás* fêmeas no sexo e femininas no género.

O Sr. Cândido de Figueiredo regista (2.ª edição) *aleia* (fem.) com o significado de «elephante sem dentes», e *aliás* (fem.) com o de «fêmea do elephante», abonando-o com Gonçalves Viana. Mas na nota que a êste foi subministrada por Guilherme de Vasconcelos Abreu há dois erros, o nome do autor não é «Frei Gaspar de Santo Agostinho», nem *aliás* está no singular no *Itinerario*.

*

Além do sentido primário, também se emprega a palavra *abada* na acepção de «ponta de rinoceronte». «Ponta ou corno do animal deste nome». *Diccionario* da Academia, que o abona com Fr. António de Gouveia («hum copo de **abada** guarnecido de pedrarias») e com João Lavanha («o seu tributo era um vaso de **abada**»). «No

---

both sexes have tusks... not one elephant in a hundred is found with tusks in Ceylon, and the few that possess them are exclusively males». *Ceylon*, II, p. 273.

[1] «... dous dentes que lhe saem fora seys ou sete palmos, os quaes nam muda em toda a vida, nem os tem as **Aliás** ou femeas, mas só os Elephantes machos».—*Itinerario da India*, p. 163.

[2] «Os *vidanás* das **aliás** com que os [elefantes] caçam, serão postos pelo capitão geral, visto serem necessarias para o serviço dos arraiaes; e o dito capitão geral dará ordem ao *vidaná*, para acudir com as aliás de caça necessarias para a dos elefantes e para os amansar».—*Documentos remettidos da India ou Livros das Monções*, 4 vol. (Lisboa, 1880), III, p. 55.—*Vidāna* é vocábulo singalês, que significa «chefe, capataz».

[3] «Levando á sua mão esquerda o rei de Tangú, seu primo, em cima de uma **alia**, que é a femea do elefante».—*Década 13.ª da Hist. da India* (Lisboa, 1876), p. 149.

commercio significa as pontas d'este animal: Bengalas de **abada**». *Diccionario Contemporaneo*. Vid. Cocks, já citado.

§ 2.º — Morfologia.

De que género é *abada*? Respondem *una voce* todos os lexicógrafos e escritores portugueses que é do género feminino. Parece que tanto bastava, nem outra coisa se requere em qualquer língua. Nem é novidade morfológica que haja substantivo feminino que denote objectos animados de um e outro sexo, como são: *bêsta, girafa, zêbra, onça, gazela, águia, lontra, cobra, baleia, abelha, formiga, mosca*, etc. Os gramáticos denominam-nos epicenos.

Mas que fundamento tiveram os dicionaristas e os indianistas para dar à palavra tal tratamento? A regra da gramática portuguesa, que diz: São femininos os nomes que terminam em **a** átono. É em obediência a esta regra, e à sua paralela de nomes em **-o**, que as palavras latinas *arma* e *errata*, que são neutras e plurais na língua-mãe se tornaram femininas e singulares em português, e *periodus* e *abyssus*, femininas na origem, se converteram em **o** período, **o** *abismo*.

Como é então que se ha de indicar o macho da espécie? Parece-me que não é uma objecção insolúvel. Aplique-se, por analogia, a regra que distinguiria o sexo das alimárias supracitadas. Dir-se há, quando seja necessário precisar o sexo, *abada macho* ou *abada macha*, como se diria sem estranheza *zêbra macho* ou *zêbra macha, formiga macha*, assim como os romanos diriam *formica mascula*. Assim o Padre Barradas escreve (edição de 1904): «**as** *aléas* machos»; «**as** *aléas* femeas»; também «**os** *aléas* mansos». Demais, não sei se seria pecado que bradasse ao céu dos machos a expressão «o macho da abada», não sendo nenhum a locução «a fêmea do rinoceronte».

Nem mesmo me consta que haja algum nome português de animal, terminado em *a*, que seja o que na taxinomia

gramatical se chama «comum de dois». Podemos dizer: **o** *tigre,* **a** *tigre;* **o** *unicorne,* **a** *unicorne;* **o** *antílope,* **a** *antílope;* mas seria paradoxo dizer: **o** *lontra,* **a** *lontra,* **o** *pantera,* **a** *pantera,* **o** *víbora,* **a** *víbora* [1].

Vem a pêlo observar que muitos dos nossos antigos escritores entendem por *bufara* (=búfala) a espécie e não sómente a fêmea: «Tambem ha muita gado, **bufaras**, vaqas e bois» — *Chronica dos Reys de Bisnaga* (1525), p. 82. — «Ha inummeraveis Alifantes e muitas **Bufaras**, de que eu vi por aquella terra muita soma dellas brauas». Frei Gaspar da Cruz, *Tractado da China,* cap. 3. — «Usam de umas rodelas á maneira de adargas de couro de **bufaras** de mato». Francisco Vaz de Almada, *Hist. tragico-marit.*, IX, p. 60.

Quere-me parecer que tudo isto é claríssimo como a luz do sol. Uma cousa é o sexo, e outra o género gramatical. Há idiomas, como os da Malásia, que não teem género nem número formal, e todavia os objectos que as dições significam não são destituídos de sexualidade e de pluralidade. Determina-se o sexo por meio de qualificativos, de ordinário femininos, como, em malaio: *anaq,* «criança», *anaq orang,* «menino», *anaq përĕmpuam,* «menina»; *kuda,* «cavalo», *kuda bĕtina,* «égua». O plural forma-se por reduplicação: *orang-orang,* «homens». E note-se que o malaio passa por «o italiano da Insulíndia» [2].

---

[1] «Foi na *Historia de Leandro y Hero* [de Boscan] que Camões encontrou a palavra *focas,* usada no género masculino. Daí *os feios focas* de I, 52, 4». Dr. José Maria Rodrigues, *Algumas observações a uma edição comentada dos Lusiadas.* (Coimbra, 1915), p. 74. Filinto Elísio e mais alguns seguiram o exemplo, sem distinção do sexo. Actualmente, o vocábulo é feminino no sentido de «animal».

[2] O mesmo se observa nos creoulos portugueses, não sómente de Malaca, mas também da Índia. No *norteiro: fi,* filho ou filha, *fi-mach,* filho, *fi-fem',* filha, *fi-fi,* filhos, *fi-fi fem',* filhas. Vid. Hugo Schuchardt, *Kreolische Studien,* IX, e *Dialecto Indo-português do Norte,* pelo autor.

Há ainda línguas que põem no neutro nomes de seres humanos, sem causarem espanto: lat. *scortum,* mulher pública; sânsc. *kalatra,* mulher casada, *mitra,* amigo; inglês *child,* criança; alemão *mädchen,* moça; concani *kalavant,* bailadeira [1]. Em linguagem rigvédica, o dual feminino *mātarau* = as duas mães, equivale ao dual masculino *pitarau* = os dois pais, «pais».

Encarando a questão sob o ponto de vista etimológico, se a palavra *abada* provêm do árabe, é feminina pela origem; se deriva do malaio, não tem género originário. Demais, na transição de uma língua para outra, as palavras não levam necessáriamente consigo, como é notório, o género do seu idioma. E no seio duma mesma língua o tempo opera mudanças de género, sem alterar o sentido. É sabida a história de *cólera-morbo; fim* não era antes masculino; Garcia d'Orta diz indiferentemente **o** *arvore* **a** *arvore;* João de Barros e Castanheda dizem sempre **a** *língua,* **a** *cabeça,* no sentido de «intérprete, chefe».

Mas em francês a palavra *abada* é masculina. Seja embora. Nós tratamos do português, não do francês, quando falarmos francês, seguiremos as regras da sua gramática; por elas não aprenderemos português. Não se pode arrastar a subserviência intelectual e a isenção patriótica ao extremo de transfundir a gramática francesa na língua portuguesa; não o permitem Camões e Vieira, nem Castilho e Herculano. Os antigos portugueses davam,

---

[1] A propósito de *bailadeira,* houve quem sugerisse a adopção do francês *bayadère,* na forma de *baydeira,* por não haver em português vocábulo que lhe correspondesse, como se a expressão francesa não fosse a representação fonética de *bailadeira!* Vid. Gonçalves Viana, *Palestras Filolójicas.*

não recebiam, lições nos assuntos que nos ocupam; eram retintamente *nacionais*; por isso dominaram, com admiração do mundo inteiro, nos mares e nos continentes, e se mais partes houvera, também lá chegaram.

E os franceses, por mais que valham — e eu não tenho o mínimo empenho de os menoscabar — não são indemnes de desconchavos glotológicos. Se os tivessemos de imitar servilmente, haveriamos de chamar ao *mordexim* ou cólera «morte-de-cão», porque Sonnerat diz com toda a seriedade (1782): «Ces indigestions appellées dans l'Inde *Mort-de-chien* sont fréquentes [1]». Diriamos também «pau de águia» porque os franceses dizem *bois d'aigle* e os ingleses *eagle-wood*. Mas Afonso de Albuquerque, Duarte Barbosa, Fernão Pinto, Castanheda, Gaspar Correia, Simão Botelho, Garcia da Orta, João dos Santos, Cardim, Erédia e outros, que bem sabiam que não havia mais relação entre o pau e a águia do que entre o ôvo e o espêto e donde procedia o vocábulo, disseram sempre *pau de águila* (de que os botânicos fizeram *aquilaria*), como exige o étimo malaiala *ágil* (leia-se *águil, et sic de ceteris*), do hindi *agar*, sânsc. *aguru* ou *agaru*, literalmente *non gravis*, «leve». Mas já Bluteau denuncia a influência estrangeira, quando regista *pau d'águila* ou *d'aguia* [2].

Além disto para contrapôr ao francês, temos o nosso vizinho e mais aparentado castelhano, que, a julgar por seus dicionários, trata *bada* como nome feminino.

Fique, por tanto, assente que *abada* ou *bada* é em

[1] *Voyages aux Indes Orientales et à la Chine*, I, p. 205.

«Cette grande indigestion qu'on appelle aux Indes *Mordechim*, et que quelques uns de nos Français ont appellée *Mort-de-Chien*». — *Lettres Edifiantes* (1702), XI, p. 156.

Quere-me parecer que o francês *pastèque*, «melancia», não provêm imediatamente do árabe *battikh*, mas por intermédio do português indiano *pateca*, que significa o mesmo. Vid. *Influência*.

português nome feminino epiceno, que denota a espécie e não sómente o indivíduo do sexo feminino, e que não é contra-senso linguístico esta difinição: «O Rhinoceronte é *a* abada dos índios; é *a* ganda dos escriptores portugueses do XVI seculo».

§ 3.º — **Etimologia.**

Apontam-se geralmente duas origens da palavra *abada*, uma arábica e a outra malaia [1]. O étimo árabe é *ābida*, feminino, que significa, conforme Kazimirski «animal que se tornou bravo, espantadiço, e que facilmente se escapa»; conforme Belot, «bêsta ruiva»; conforme Lane, «animal silvestre». Não é pois o nome do rinoceronte, mas duma alimária indeterminada pela espécie. O nome próprio do rinoceronte em árabe-persa é *karkaddan*. «Le meme pays nourit le boschan marqué autrement appelé *kerkedenn*. Cet animal a une seule corne au milieu du front.... Le *kerkedann* est inferieur par la grosseur à l'éléphant, et sa couleur tire vers le noir.» Solimão (851) [2].

Temos, por tanto, tam sómente a quási homofonia dos vocábulos, desajudada pela identidade ou similaridade dos sentidos, e destituida de elementos históricos que indiquem

[1] «O nome de *abada* ou *bada*, dado ao mesmo animal [ganda] e ainda conservado na designação commercial das *pontas de abada*, é de origem pouco clara». Conde de Ficalho, *apud* Garcia da Orta, Col. XXI.

[2] M. Reinaud, *Relation des Voyages faits par les arabes et les persans dans l'Inde et à la Chine dans le IXe siècle de l'ére chrétienne*, I, p. 28.

El nombre de *Bada* es impuesto de los mismos Indios, mas presupuesto que no ay lengua que no aya tenido origen de la Hebrea... non será fuera de camino dizer que *Bada* es nombre Hebreo de *Badad*, solus, solitarius; por quanto este animal se cria en desertos, y lugares muy remotos, y solitarios». — Covarrúvias.

O dicionario da Academia Espanhola deriva *bada* do árabe *bahda*, «corpulento».

quando e por que via entrou o vocábulo originário na península ibérica, e se veio acompanhado do animal ou isolado nas obras dos doutos, como aconteceu com a palavra *rinoceronte*, e que necessidade ou conveniência houve para a sua admissão ao lado desta.

A etimologia scientífica não se contenta sómente com a homofonia e sinonímia, para estar segura da derivação; pois sucede às vezes que até em línguas inteiramente desaparentadas coincidem, por mero acaso, na forma palavras que designam a mesma idea ou ideas próximas, como port. *varanda* e sânsc. *varaṇda*, inglês *bad* (mau) e persa *bád*, lat. *sanguis* (sangue) e manchu *sengi*, ingl. *sun* (sol) e manchu *shun*[1].

Deve-se, por conseguinte, reconhecer que a derivação arábica é absolutamente insustentável. Nem obsta a opinião, sempre ponderada, dos autores do Glossário anglo-indiano, que não dão preferência incondicional a esta procedência, mas únicamente na hipótese de se provar que o têrmo era corrente em Portugal antes das conquistas orientais. Mas não era; se o fosse, nem os nossos cronistas descreveriam o animal, nem haveria motivo para a introdução da voz *ganda*[2].

O étimo malaio é *bādaq*, que Wilkinson inscreve do seguinte modo[3]: «*Badaq*, nome genérico do rinoceronte e

[1] Assim, a etimologia actual *toto coelo discrepat* da que Voltaire ridiculizava, definindo-a: «Est une science où les voyelles ne font rien et les consonnes fort peu de chose.» Vid. Max Müller, *Science of Language* (London, 1890) pp. 262-328.

[2] «The word is not used by Barros where he would probably have used it if he knew it... and we have found no proof of its earlier existence in the language of the Peninsula; if this should be established we should have to seek an Arabic origin... The usual form *abada* is certainly somewhat in favour of such an origin.»

[3] *An Abridged Malay-English Dictionary*. Kuala Lumpur, 1908.

do tapir; *b. api*, rinoceronte fabuloso; *b. hĕmpit* = *b. kĕrbau*; *b. kĕrbau*, o rinoceronte de Sumatra; *b. raya*, o rinoceronte javanês (*r. sondaicus*); *b. tampong*, o tapir».

Mas o têrmo não é privativo do malaio; outros ramos do grupo também o possuem, na acepção geral de «rinoceronte» e não na de «rhinoceronte *exclusivo* habitante de Sumatra». Tais como: achinês, batta (Samatra), sundanês (Sunda), dáiaque (Borneu): *bādak*; javanês *warak*; búgui e macaçarês (Celebes): *bāda*[1].

Fonéticamente, a derivação oferece duas dificuldades: o *-q* ou *-k* final do étimo, que não aparece no derivado, e o *a-* inicial, que se não vê no vocábulo malaio. Mas é fácil a resolução.

O *q* final de *bādaq* e outras palavras análogas é, como observa Gonçalves Viana, quási imperceptível, particularmente ao ouvido estrangeiro, e é proferido na faringe; os idiomas de Celebes dispensam-no. Cai, por isso, geralmente na transição da voz para português, às vezes com tonificação da vogal antecedente. Assim, do malaio *kalāmbaq* (macaçarês-búgui *kalámbā*), «águila», temos as seguintes transcrições: *calamba*, em Erédia, Couto, Henrique Dias, Jacinto de Deus, Pyrard, Linschoten; *calambá*, em Fernão Pinto; *calambac*, em Orta; *calambuc*, em Lucena; *calambuco*, em António Nunes, Gaspar Correia, Gaspar da Cruz, Sassetti e também Pinto. As variações fónicas explicam-se pelo carácter comercial do têrmo, que andava na bôca dos índios, persas, árabes, chineses e outros povos[2].

Não se transcreveu, porêm, o *q* de *púchuq*, «costo»,

[1] Swethenham, no seu *Vocabulary of the English and Malay Languages* (Singapore, 1885), interpreta o inglês *rhinoceros* pelo malaio *bâdak* sem nenhuma restrição.

[2] Littré regista estas variantes: *calambac*, *calambart*, *calambouc*, *calambon*, *calambour*.

que todos os nossos indianistas, a começar por Duarte Barbosa, ortografam *pucho*.

Quanto ao *a-* inicial, cumpre primeiro averiguar qual das duas formas — *bada* ou *abada* — é mais antiga e mais autorizada.

Aparece à testa dos escritores o nosso bom Fernão Pinto, tão abocanhado pela ignorância petulante, mas a quem eu dou mais valor, no ponto de vista glotológico, pois sob êste aspecto analisei a sua monumental obra, do que a muitos outros do seu tempo. Êle, que mourejou por vinte anos na Indo-China e no extremo Oriente, passou por mil peripécias, lidou com tantos povos, e que, além de fino e curioso observador, conhecia o malaio, língua franca da Insulíndia [1], e empregou o vocábulo pelo menos doze vezes, segundo a minha contagem, devia naturalmente ter visto o animal e sabido o seu exacto nome vernáculo. Ora, na primeira edição do seu livro, que infelizmente não pude ter à mão, mas que é fielmente reproduzida na de 1829, ocorre sempre o têrmo na forma *bada*. A edição de 1725, a mais antiga que a Academia possui, transforma a dição em *abada*, como mais correcta [2]!

Frei Gaspar da Cruz (1569), que esteve em Malaca antes de passar à China, não conhece senão *badas*, bem como João Lucena (1600), Fr. João dos Santos (1609). Mas Manuel Godinho Cardoso (1585) diz **badá**, em paralelo com *calambá*.

O Padre Fernão Guerreiro (1611), que compôs a

[1] S. Francisco Xavier refere nas suas cartas que em Maluco havia muitas línguas vernáculas, mas que êle doutrinava e evangelizava em malaio, que já sabia, comummente entendido. Vid. *Influência*, p. LVII. — «Leur langue est en mesme vogue pour les Indes que la Française par deçà». — Linschoten, p. 33.

[2] O autor do dicionário da Academia, se cita *abada* em lugar de *bada*, é porque teve à vista a edição de 1725.

sua *Relaçãm Annal* pelas cartas recebidas do Oriente, diz referindo-se a Sião (f. 79 v.) «... tomou o caminho pera Odià, cidade real, e corte do Rey, parte por agoa... parte por terra, e caminhos asperos de Serras, e matos povoados de Tigres, e Elefantes, **Badas**, e outras feras crueis».

Manuel Godinho de Erédia, que nasceu em Malaca de mãe indígena, e falava a língua vernácula e conhecia perfeitamente a flora e a fauna do seu país, informa-nos (fol. 10) que «as mattas produzẽ grossa madeira, onde se crião elefantes, **badas**, tigres *arymos*» (malaio *harimau*).

Concorda Fr. Jacinto de Deus (1679), natural de Macau, muito sabedor das cousas da China: «A vista de animaes ferozes, Tigres, Elefantes, **Badas**, causava terror, e espanto» [1].

O primeiro escritor do século XVI que faz menção de *abada*, é o Padre Monclaio (1569), que, sendo estrangeiro, escreve em português e alude à pátria do paquiderme, sem lá ter estado, para ouvir de viva voz o exacto nome que lhe davam: «Do Cabo das correntes trazem muytos a Moçambique assi delles [tigres] como de outros animaes grandes e dalli vem cornos que querem egualar com os de **Abada** de Malaca [2]».

Os escritores nacionais do século XVII (dos que até hoje li) que adoptaram a forma *abada* são: Gaspar de S. Bernardino (1609), Manuel Barradas (1613), Faria y Sousa (1664), e António Francisco Cardim (1650), que diz: «O benjoim amendoado desce pelo rio abaixo do reino de Laos, como as pontas de *Abada* [3]».

[1] *Vergel de Plantas e Flores da Provincia da Madre de Deos dos Capuchos Reformados*, p. 279.

[2] *Boletim da S. G. L.*, 4.ª série, p. 547.

[3] *Batalhas da Companhia de Jesus* (p. 257). Lisboa, 1894.

Também a forma que era corrente na metrópole no século XVI não era *abada*, mas *bada*, como se infere do testemunho de Filipe Sasseti (1579) [1] e do de Covarrúvias, já referido. Igualmente, o dicionário da Academia Espanhola reporta *abada* a *bada*.

O que levo dito parece-me bastante para plenamente satisfazer o mais exigente etimologista, quanto ao berço, étimo, forma primitiva e regular do nome oriental do rinoceronte.

Mas os autores estrangeiros preferem, na maioria, a expressão *abada:* tais como (citados no Glossário): Mendoza (*abadas*, 1585), Barker (*Abath*, 1592), Linschoten (*Abadas*, 1598), Cocks (*abado*, 1618), Bontius (*Abada*, 1631). Note-se porêm que isso não implica necessáriamente que os estrangeiros receberam dos portugueses assim, *ipsis literis*, a dição. Para contraprova, tomemos, por exemplo, o vocábulo *lagarto*, que os nossos indianistas e africanistas (Barbosa, Pinto, Castanheda, Barros, Garcia de Rezende, Correia, Gaspar Afonso, Barradas) aplicaram ao «crocodilo», e de que os ingleses fizeram *alligator*, e transmitiram aos franceses. Vid. *Glossary* e Littré.

Como é então que se explica a prefixação de *a* a *bada?* Skeat entende que o *a* representa em português o artigo árabe, aposto ao vocábulo malaio. Mas o artigo árabe acompanha palavras de procedência arábica, e não é *a*, senão *al-*, que normalmente devia dar *albada*, de que não há nenhum vestígio. Cf. *albarda, albarrã, albarrada, albornós*.

É bem possível que o *a* seja o artigo feminino aglu-

[1] Ora ci si trova la Bada, altrimenti *Banda*, degli antichi detta Rinoceronte, ancora che in Persia ella ritiene il nome antico». *Lettere* di Filippo Sassetti (Milano, 1874), p. 122. Carta datada de Lisboa, 19 de Fevereiro.

tinado a *bada: a bada = abada*. Cf. *adaga*, que o Sr. Cândido de Figueiredo tira do baixo latim *daga; agomia*, ao lado de *gomia*, que, segundo Dozy, vem do árabe *kommīya* [1].

Julgo, porêm, mais provável que o *a* é simplesmente protético, como se vê em tantas outras palavras, assim nominais como verbais, de ordinário em concorrência ou prioridade: *tambor, atambor; gomil, agomil; lacrau, alacrau; lanterna, alanterna; lácar* (lacre), *alácar; voar, avoar; lembrar, alembrar; levantar, alevantar; limpar alimpar*. Cf. também *atum* do lat. *thunnus*.

Conclui-se do que fica exposto que *bada* não é «abreviação de *abada*», mas sim forma originária e genuina, e que, pelo contrário, *abada* não é «a forma completa que nos legaram os escritores nossos compatriotas do século XVII», mas antes uma escrescência, já legitimada [2].

Daqui se vê também que a esdruxulação de *abada* (*ábada*), adoptada pelo *Diccionario Contemporaneo*, é injustificada, por falta do fundamento etimológico, e que a genimação de *b* (*abbada*) é inteiramente arbitrária, de que há muitos exemplos nos escritores antigos, e ainda nos modernos, sem apoio na fonologia nem na etimologia.

[1] «A palavra *phantasma* passou para português com a forma *bentesma*, mudando de género em conformidade com a regra de serem femininos os nomes terminados em *a*. Mais tarde o artigo que precedia geralmente este nome aglutinou-se, formando-se deste modo a palavra *abentesma*». António de Vasconcelos, *Gramm. Hist.*, p. 45.

[2] O Dr. Adolfo Coelho, que não regista *bada*, admite a origem asiática da palavra *abada*, mas supõe que está «profundamente deturpada».

É curiosa a seguinte observação de Bluteau: «Em muitos lugares da sua *Ethiopia Oriental*, o padre Frei João dos Santos tira ao nome deste Animal a primeira letra e chama-lhe *Bada*». Frei João não tira nada, ortografa como deve ser.

É admissível a influência ortográfica de *abbade* não sómente na geminação, mas até na prótese [1].

A inscrição do vocábulo nos dicionários portugueses poderia estar concebida, mais ou menos, no seguinte teor:

Abada (forma mais generalizada), *bada* (forma mais correcta), *s. f.* Rinoceronte; ponta do mesmo animal. Do malaio *badaq*, com eliminação do *q*, quási imperceptível, é prótese de *a*.

II. — Ganda

O outro nome do rinoceronte é *ganda*, que acompanhou o animal da Índia para Portugal, antecedeu *bada* ou *abada*, mas foi por êste suplantado e não ultrapassou as fronteiras.

Vejamos primeiro o que dizem os nossos cronistas, que são mestres no assunto.

1513. — «Leuassem huma **ganda**, que lhe lá [em Surrate] daria, que El Rey mandaua ao Gouernador, porque nunqua outra vira... Esta **ganda**, e o *catele* [catre] mandou o Gouernador a ElRey. E porque assy era espantosa a vista de **ganda**, ElRey a mandou ao Papa; que era alimaria mansa, baixa de corpo, hum pouqo comprido, os coiros, pés e mãos d'alifante, a cabeça como de porquo comprida, e os olhos junto do focinho, e sobre as ventas tinha hum corno, grosso e curto, e delgado na ponta; comia herua, palha, arroz cozido». — Gaspar Correia, *Lendas*, I, p. 373.

1516. — «Ele mandou hũa **ganda** ha elRey noso Sõr, porque lhe diseraom que folgaria com ela». — Duarte Barbosa, *Livro* (2.ª edição), p. 281.

---

[1] Por exemplo, *ola*, «folha de palmeira» do malaiala *ōla* (tamul *ōlai*) escreve-se geralmente *olla*, talvez por influência do lat. *olla*, que não tem nada comum com o têrmo indiano.

1552. — «Chegou a **ganda** que era hũa alimaria quasi da grossura de hũa pipa e curta dos braços e das pernas, e toda coberta de conchas, salvo a barriga, e a cabeça como de porco, e no meyo da testa hum corno muyto agudo de comprimento de hum palmo ou mais». — Castanheda, *Historia*, III, cap. 134.

1553. — «E em retorno de muitas peças ricas, que elle Diogo Fernandez leuou a elRey, alem de outras que mandou a Afonso d'Alboquerque, foi hũa alimaria, a maior que a natureza criou depois do elefante, grande sua imiga, e fereo cõ hum corno, que tem direito sobre o nariz de comprimento de dous palmos, grosso na raiz, e agudo na ponta; á qual os naturaes da terra de Cambaya, donde aquella veyo, chamão **Ganda**: e os Gregos, e Latinos Rhinoceros». — João de Barros, Déc. II, x, 1.

«... á maneira de corno das alimarias a que os Gregos chamão Rhynocero, e nós **Ganda**, como os indios lhe chamão». — *Idem*, Déc. III, III, 1.

1557. — «Deo-lhe dous Alifantes, e huma alimaria que se chama **Ganda**, e outras muitas peças». — *Commentarios de Afonso Dalboquerque* (Lisboa, 1774), IV, cap. 18.

1563. — «Estes renoçerotes ha em Cambaya, onde parte com Bengala, e no Patane e chamamlhes **ganda**». — Garcia da Orta, *Coloquios dos Simples e Drogas da India*, (Lisboa, 1891-1895), Col. XXI.

1566. — «Uma alimaria, a que os daquella terra [Cambaia] chamam **Ganda**». — Damião de Góis, *Chronica d'elRey D. Manuell*, III, cap. 65.

«A outra alimaria que natureza deu por imiga ao Elephante é o Rhinocerote, ou **Ganda**, como lhe chamam os Indios». — *Idem*, IV, cap. 18.

1578. — «Renocerontes ay muchos en aquellas partes de Cambaya que parte com Bengala, y tambien los ay en el Patane, a donde le llaman **Ganda**». — Christoval Acosta (que vai sempre na esteira de Orta), *Tractado de*

las Drogas y Medicinas de las Indias Orientales (Burgos, 1578), p. 443.

O primeiro estrangeiro (e único, que eu saiba) que menciona *ganda,* e antes dos nossos escritores, é o alemão Valentim *(Lettera scripta da Valentino Moravia germano a li mercatanti de Nurimberg)*, que diz: «Nelli dì 20 di questo mese di magio 1515 giunse qui in Lisbona cità Nobilissima di tutta la Lusitania emporio al presente Excell. uno animale chiamato da greci Rhynoceros et dalli Indi **Ganda** mandato dal re potentissimo de India della Cità di Combaia a donare a questo serenissimo Emanuel Re di portogallo», etc. [1].

*

Á vista dos testemunhos aduzidos, nenhuma dúvida pode restar pelo que respeita ao sentido e à pátria do têrmo. Também, quanto à etimologia, não se controverte que *ganda* derive do sânsc. *gaṇḍa* ou *gaṇḍaka,* sendo substituídos pelos dentais os fonemas cacuminais, por os não ter a língua portuguesa, do mesmo modo que se procede com os idênticos fonemas ingleses, que mais se aproximam dos cacuminais que dos dentais [2].

Mas é evidente que o vocábulo não passou directamente do sânscrito para português, porque não era então língua viva, nem nunca foi popular. Resta, portanto, saber qual

[1] Angelo de Gubernatis, *Storia dei Viaggiatori Italiani nelle Indie Orientali* (Livorno, 1875), p. 389. Gubernatis identifica erradamente *ganda* com *garuda*, que é o nome sânscrito duma ave, veículo do deus Vixnu.

[2] Dobram-se às vezes, especialmente na transcrição moderna, as letras *t* e *d* para representar as cacuminais originárias. Tal foi o sistema adoptado pelos antigos missionários europeus e que é ainda hoje seguido na Índia Portuguesa.

foi o canal da transmissão. Conforme os nossos escritores, a denominação partiu de Cambaia, donde proveio o primeiro paquiderme enviado para Goa e depois remetido a Dom Manuel. Ora em Cambaia vogavam então os seguintes idiomas: persa, língua oficial; guzarate, língua vernácula; hindustani ou indostano, língua franca da Índia.

O vocábulo sânscrito assume nos idiomas neo-áricos as seguintes formas: *geṇḍô (=guendô),* masculino *(geṇḍi,* feminino) em guzarate; *geṇḍā,* masculino, em hindustani e marata; *gaṇḍ(a),* masculino, *gaṇḍ(a) merũm* (literalmente «veado rinoceronte»), neutro, em concani; *gaṇḍa* ou *gaṇḍaka* (masc.) em bengali; *gaṇḍā, gaṇḍāra* (masc.) em oriya; *geṇḍô* (masc.) em sindhi; *gaiṇḍā* (masc., *gaiṇḍi,* fem.), em panjabi; *gaṇḍa* (masc.) em assamês [1].

É bem possível que outrora em hindustani e guzarate se dissesse *gaṇḍa;* mas é provável que, sendo então Bengala e Patane a vivenda dos rinocerontes, o animal fosse de Bengala a Cambaia com o seu nome da origem, que é o mesmo que o da língua de Goa.

*

Quanto à morfologia, repete-se o que está dito com respeito à *abada: ganda* é em português nome feminino epiceno, que designa a espécie, isto é, o indivíduo de um e outro sexo.

Mas o Sr. Gomes de Brito pergunta: «Como é que, em sãoscrito, se chama o rhinoceronte *macho,* já que a femea se chama «gan'd'a?» Em sânscrito, o macho chama-se *gaṇḍa* ou *gaṇḍaka, khaḍga* ou *khaḍgin,* e a fêmea, *gaṇḍakā,* ou *khaḍgi-dhenukā,* literalmente «vaca rinoceronte».

[1] «*Ganda* lhe chamaram os portuguezes, de nome indiano *gainda, genda, ganda*». Conde de Ficalho, *apud* Garcia da Orta, Col. XXI.

Para se evitarem dúvidas, mais ou menos fundadas, que se possam suscitar em casos análogos, acho conveniente expor aqui sucintamente as leis que regulam o género dos nomes indianos, terminados em *-a,* na sua origem e na sua transição para português.

Todos os temas nominais sânscritos em *-ă* breve são masculinos ou neutros, sendo femininos os de *-ā* longo.

Ao *-a* sânscrito corresponde em latim *-u* e em grego *-o:* Exemplos em nominativo: sânsc. *vrkas,* «lôbo», lat. *lupus,* gr. *lýkos;* sânsc. *janas,* «raça», lat. *genus,* gr. *gónos;* sânsc. *devas,* «Deus», lat. *Deus;* sânsc. *dhumas,* «fumo», lat. *fumus.* O lat. *denarius* ocorre em sânscrito como *dinăras,* registado no dicionário *Amarakoça,* do 5.º século.

Seguindo esta regra, Francisco Bopp transcreveu, na sua tradução latina do drama *Xacuntalá* (e não *Sacountala,* grafia francesa, que apareceu nos cartazes teatrais de Lisboa), os nomes próprios: *Nalas = Nalus, Indras = Indrus, Yamas = Yamus, Varuṇas = Varunus, Vedas (Veda) = Vedus.* Nas línguas modernas da Europa, porêm, os orientalistas preferem conservar a forma primordial e geralmente o género, conglobando o neutro com o masculino, como aconteceu com respeito ao latim. Assim dizem: *o Veda,* o *garuda, Nala, Rama, Crixna, Xiva, Ramáyana.*

Nos idiomas neo-áricos, o *-a* breve primitivo tem vários tratamentos: em uns se conserva com o mesmo valor, em outros se alonga *(-ā);* em marata é surdo, em concani quási mudo, pelo menos actualmente.

Na transcrição portuguesa antiga, conservou-se, em regra, o *-a* originário, e deu-se-lhe o género feminino, conforme a índole da língua nacional: *a abada, a ganda, a chita; a areca, a ola* (dravídicos). Quando, porêm, na língua donde imediatamente proveio o vocábulo, o *-a* é mudo, substituiu-se-lhe *e* ou *o,* como vogais de encôsto à consoante antecedente. Assim: *Ghāṭ(a) = Gate* ou *Gates* ou *Gattes,* nome de cordilheira; *kāṭ(a) = cate, cato,* «terra japónica»; *vaḍ(a) = oddo* (importação moderna), «árvore da gralha», *Ficus Bengalensis.*

Nos autores modernos, há oscilação entre o género masculino e feminino dos nomes terminados em *-a.* Uns guardam o género da origem; outros lhes aplicam a regra da gramática portuguesa. Por exemplo: *o purana, a purana,* «livro lendário e mitológico»; *o xastra, a xastra,* «sciência, tratado»; *o mantra, a mantra,* «verso védico, fórmula mágica».

Escuso de declarar o tratamento que dão os estrangeiros a tais vocábulos nas suas línguas, visto que não vem ao caso nem nos serve de norma. Basta mencionar que os franceses fazem-nos masculinos, se não mudam a terminação, como em *arèque = areca.*

*

Qual é a razão por que a voz *ganda* desapareceu do campo da língua e cedeu o terreno à *abada,* sendo, aliás, prèviamente conhecida assim em Goa como em Lisboa? Nem sempre é fácil explicar porque umas expressões vivem pouco e outras duram muito, como não se pode dizer com certeza porque um homem morre novo e outro chega a ser decrépito. Podem-se contudo conjecturar vários motivos a favor de *abada:* melhor enunciabilidade do que *ganda,* que na bôca dos índios tinha fonemas arrevezados; maior afinidade fonética no vocabulário português, com *aba, àbada, abade, abadia;* maior popularidade no Oriente, pois em quanto a *ganda* se circunscrevia então a Bengala e Patane, donde também se sumiu ao presente, a *bada* inçava a Indo-China inteira e fornecia suas pontas ao comércio da Índia insular.

Se a *bada* que viveu na côrte de Madrid no tempo de Filipe II é a segunda ganda que veio da India a Portugal

e de que falam Filipe Sassetti e Linschoten, vê-se que mudou de nome na nova pátria. A palavra *ganda* morreu, portanto, com as alimárias que acompanhou, e a sua memória ficou no dicionário histórico da língua, com o seguinte epitáfio:

Ganda (*ant.*), *s. f.* Rinoceronte da Índia. Do bengali-sânscrito *ganḍa,* hindustani *genḍa.*

*

Quando perlustrei as *Lendas* de Gaspar Correia e os *Commentarios de Afonso Dalboquerque,* notei que ali se fazia referência à denominação de *bichá* e *bicha,* dada à ganda com que o rei de Cambaia presenteou o conquistador de Goa. Mas não lhe dei nenhum valor glotológico, por me parecer um mero cognome, um nome apelativo, apropriado a um indivíduo, como os leiteiros apregoam pelas ruas de Lisboa a chegada da *tartaruga* e da *mariposa.*

O Sr. Gomes de Brito, porêm, encara o assunto sob outro prisma e aventa algumas considerações, a que julgo indelicadeza da minha parte não adicionar ligeiros esclarecimentos.

O filho de Albuquerque *terribil* alude duas vezes à *bicha* (IV, cap. 23): «Ele lhes deu huma carta pera Afonso Dalboquerque, e hum presente de cousas de Cambaya e huma **bicha** por ser cousa monstruosa, e nunca vista nestas partes». «Mandaram embarcar o fato e a **bicha,** que já era chegada, a qual veyo a este Reyno, e ElRey D. Manuel a mandou ao Papa, e no caminho se perdeo a náo em que hia». Daqui pareceria que *bicha* era outro nome geral da *ganda.*

Induz-se, todavia, o contrário de Gaspar Correia, que se refere à *ganda* como nome genérico e à *bicha* como qualificativo individual. Diz êle (III, 513): «E diante dos alifantes oitenta **gandas,** como huma que foy a Portugal, a que *chamarão* **bichá,** que no corno que tem no focinho tinhão ferros de tres pontas com que pelejauão».

Primeiramente, não há inconveniente em chamar *bicho,* a um quadrúpede, pôsto que de corpo volumoso ou colossal. *Bicho* é, como define o *Diccionario Contemporaneo,* «nome de qualquer animal, com excepção do homem, das aves e dos peixes; e mais particularmente os insectos e os vermes... O teu cavallo é um bello *bicho.* A hyena é um *bicho* temivel». E os nossos escritores não reputavam despropósito chamar *lagartos* aos crocodilos.

Depois, se a *ganda* de Cambaia se apelidou *bicha* e não, *bicho,* é porque era fêmea e rabugenta como as outras da sua espécie, conforme a observação de Skeat; e sabemos que se diz *bicha* a uma «mulher de muito mau genio», segundo o aludido dicionário.

Mas porque é que, tendo já o rinoceronte dois nomes orientais, o sobrecarregaram com um terceiro? A palavra *bada* ou *abada* era então desconhecida em Goa, e *ganda* pouco conhecida dos soldados e marinheiros portugueses, e arrevezada, sendo enunciada pelos indígenas. E um epíteto homorístico ficava a carácter.

É verdade que na edição das *Lendas* de Gaspar Correia o vocábulo aparece acentuado na última silaba — *bichá.* Admitido que êle conscientemente [1] acentuásse a palavra e assim alguns a pronunciassem, creio que o facto é explicável. Generalizada a alcunha e passada para a bôca dos naturais que tratavam da alimária, deslocar-se hia o acento, conforme a gramática concani e marata, e *bicha* assumiria a fórma *bichá,* que é o vocativo dos nomes em *-a* surdo ou mudo, e reagiria no curioso europeu que lhes perguntasse o nome do paquiderme.

[1] Cf. *Olas* (*Lendas,* I, p. 212) e *olá* (II, p. 14).

Não se imagine que é uma subtileza cerebrina. Há exemplos que exuberantemente corroboram o processo. Ao condutor de *palanquim* (cadeirinha) ou de «sombreiro» chamaram os nossos antigos indianistas *boy*, em correspondência com o concani e hindustani *bhoi*[1]. Os autores modernos, porêm, inclusivò Tomás Ribeiro e Lopes Mendes,[2] chamam-lhe *boiá*, adoptando a pronúncia corrente em Goa, que é o reflexo do vocativo vernáculo.

Cunha Rivara explana a evolução (na tradução do livro de Pyrard): «Os Portuguezes diziam antigamente com os naturaes *Boy*, tomando o nominativo; mas hoje tem prevalecido entre elles o caso obliquo, e declinando-o a seu modo dizem em todos os casos do Singular, *Boyá*», e em todos os casos do Plural, *Boyás*».

Outro exemplo. *Bhāṭkārā* é vocativo do concani *bhāṭkār*, «proprietário de prédio rústico». Mas no português indiano voga *batcará*, ao lado de *batcar*. «No arrendamento da propriedade particular desapparecem o *alcista*, o *saucar* e o colono, para darem logar ao *batcará* e ao mandcar». Manuel Ferreira Viegas (*Bol. S. G. L.*, 27.º série, p. 427). «Mas quando amanhã tiver de a semear como varzea do seu *batcará*, ainda mais fugirá de ser seu *manducar*.» — *O Ultramar*, de 7 de Novembro de 1912.

Como é que chegou ao conhecimedto de Brás de Albuquerque o apelido usado na Índia? Se não foi por escrito, foi de outiva em Lisboa, aonde o rinoceronte traria consigo o seu nome caseiro, visto que não é de supor que ficaram na Índia todos os que lhe davam êsse tratamento. Os seus cuidadores, ao menos, e gente da embarcação em

[1] Vid. *Chronica de Bisnaga* (editada por David Lopes), p. 70; Castanheda, I, cap. 16; Barros, Déc. III, x, 9; S. Botelho, p. 17; *Archivo Portuguez-Oriental*, Suppl. 2.º, p. 10, etc.

[2] Vid. *Jornadas*, II, p. 34; *A India Portugueza*, I, p. 60.

que viajou sempre o acariciariam por *bichá* ou *bicha*, e por tal o conheceria o povo de Lisboa.

Finalmente o autor dos *Commentarios* ignorava o vocábulo *bada*, que ainda não chegara ao reino, e parece que entendia que a *ganda*, de que sómente ouvira o nome, e a sua *bicha* eram dois animais diferentes, nenhum dos quais identifica com o rinoceronte. Referindo-se ao presente que o rei de Cambaia deu ao embaixador do Xeque Ismael, da Pérsia, diz no cap. 18 (IV): «Deo-lhe dous Alifantes, e uma alimaria, que se chamava **Ganda**, e outras muitas peças».

Não admira, portanto, que Brás de Albuquerque se servisse do têrmo vulgarizado em Lisboa e talvez transmitido por seu pai na correspondência particular. Nas suas freqüentes visitas ao curioso animal, ouviria constantemente aos que com êle lidavam o mesmo cognome, e se convenceria de que realmente *bicha* era, na Índia, um sinónimo de «rinoceronte».

Em todo caso, se indispensável fosse atribuir uma origem qualquer ao vocábulo *bicha* no sentido de «rinoceronte, e se a etimologia *sónica* não passasse presentemente por jôgo de crianças, eu não a iria buscar na elegante voz francesa *biche*, «corça, cerva», mas no modesto concani *bixũ*, que em linguagem infantil quere dizer «cão», derivado de *bix*, «voz de chamar os animais caninos», que se prende ao sânsc. *biç*, «açular». Mas não há tal necessidade; *bicha* pode ter lugar, se quiserem, na história nacional, mas não tem cabimento na lexicologia portuguesa.

II

Amouco

Própriamente, *amouco* é, na Malásia e na Índia, o homem possuído de fúria e desespêro, que se determina, de ordinário por juramento e com certas cerimónias, a vin-

gar-se, à custa da própria vida, da grave injúria feita a si ou à pessoa da sua particular obrigação.

Rafael Bluteau (1712) define o vocábulo resumidamente: «**Amouco** (Termo da India) val o mesmo que homem determinado e apostado que despresa a vida e não teme a morte». Aínda mais lacónicamente o define Cândido de Figueiredo: «Aquelle que, na Índia, jura morrer pelo seu chefe». O dicionário da Academia (1793), porêm, é mais explícito: «**Amoucos**, s. m. pl. T. da India. Homens, que entre os Malabares, e em outras partes do Oriente, jurão de morrer na empreza, que tomão, o que fazem sem falta, ainda que seja metteremse dous entre mil. Para isto usão antes de certas ceremonias, quais são raparem as barbas de huma ilharga, e untaremse os mais delles com *minhamudy* [1], que he huma certa confeição de azeite cheiroso».

Se porventura preferimos um indianista por definidor, oferece-se Diogo do Couto, que diz (*Dialogo do Soldado Pratico Portuguez*, 1790, p. 9):

«*Vis*[*o-Rey*]. Que quer dizer *amoucos?*

Sold[*ado*]. Homens que se determinam a morrer com matarem a todos os que puderem, como se costumam nas partes de Malaca, que chamam *amoucos*, pela linguagem da terra».

Corresponde pois o têrmo, aproximadamente, ao antigo hispânico *desperado*, na acepção em que o tomam os ingleses: «homem atrevido, furioso e desesperado» (H. Michaelis); «impelido por paixões furiosas, destemido e descuidado da sua incolumidade» (Webster). Êstes, empregam, de preferência, o vocábulo em forma verbal: *to run*

[1] Do malaio *mínyaq*, «óleo», e *mûndu*, «árvore *garcinia dulcis*, cujo saboroso fruto, conforme Favre no seu dicionário, se assemelha à maçã. «Por voto solene se untarão co *Minhamudy* para *Amoucos*». — Fernão Pinto, cap. 178.

a-muck, «correr furiosa e desesperadamente contra alguem».

A dição também está afrancesada, conforme *La Grande Encyclopédie:* «**Amok.** Ce mot malais, aujourd'hui francisé, désigne une sorte de rage ou de folie furieuse, dont on trouve des exemples dans tous les pays malais».

No português continental, todavia, não voga a palavra neste sentido próprio, mas no figurado, que vem consignado no *Novo Diccionário:* «Homem servil, que em tudo, e á custa de tudo, defende e lisonjeia seus superiores ou chefes». O *Contemporaneo* regista tam sómente o significado metafórico: «Homem que defende a todo o transe um partido e principalmente os seus chefes»; e dá por étimo «*Amoucos*, indios do Malabar que juram morrer pelo seu chefe, praticando nos combates as maiores temeridades».

Formou-se também um derivado, *amoucado*, «feito amouco», que é muito mais antigo que o dicionário da Academia, que o regista com nota de «pouco usado», e abona com o Padre Francisco de Mendonça (morreu em 1626), que nos seus *Sermões* diz: «Outros dizem que se entaipou, e como hum Brazil emperrado e **amoucado** se deixou estar hum dia, e outro dia, e muitos dias, sem comer, nem beber cousa alguma desta vida».

É, portanto, únicamente a título do sentido figurado que o vocábulo *amouco* faz parte das presentes *contribuições lexicológicas*. Parece que por agora o têrmo paira na esfera da *gíria* política, ao lado do inglês *leader*, do americano *cacique*, do *golopim* e outros. Mas mostra tendência a generalizar-se e a tornar-se popular [1]. E eu vou desde já

[1] «Mas deixe lá cantar lôas aos *amoucos* d'elles, que nós, já a encanecer, estamos dispostos a deixarmo-nos adormecer ao som de lunduns». — *A Nação*, de 25 de Setembro de 1912.

subministrar os seus principais traços biográficos, a par dos que fornecem com proficiência Yule & Burnell no seu precioso *Glossário*.

*

Na história da humanidade não são raros os eventos de um indivíduo ou grupo de indivíduos, pundonorosos ou patrióticos, se resolver a cometer façanhas as mais arrojadas e temerárias, com o intuito de se conseguir a reparação da honra nacional ultrajada ou a satisfação da grave ofensa particular. Rasgos tais teem por incentivos o espírito de revindita e o sentimento de represália, ladeado de zêlo amiúde indiscreto. Ás vezes o acto não passa de produto de súbita demência frenética. [1]

Na Ásia meridional, contudo, onde sempre há acentuada propensão a extremos, de que a Índia fornece copiosos exemplos, a prática foi freqùente e muito caracterizada, menos justificada nas suas causas motivas e mais desastrada nas suas conseqùências.

É por isso que desde o princípio a estranha usança atraiu a atenção dos escritores nacionais e dos viajantes estrangeiros, que, referindo-se à Insulíndia e ao Malabar, a pintam com côres vivas. Duarte Barbosa (1516), falando dos jáos, diz: «Se algum destes Jãos adoece de qualquer doença, promete ha ho seu Deos que dandolhe saude dela, tomaraa outra mais honrada morte por seu serviço; depois que he sam toma hũa adagua na mam, de hũas colubrinas que ha antre eles muyto boas, e saindo has praças e ruas mata quantos acha, homens e mulheres, e meninos, e ha ninguem perdoa; a estes chamaom eles *Guaniços*, e como

[1] «1877. The *Times* of February 11th mentions a fatal muck run by a Spanish sailor, Manuel Alves, at the Sailors' Home, Liverpool; and the *Overland Times of India* (31st August) another run by a sepoy at Meerut». — *Glossary*.

ho vem logo bradaom as gentes, dizemdo *Guanicio, Guanicio*, porque se guardem, e has frechas e lançadas ho mataom». [1] — *Livro*, p. 373.

O mesmo autor também descreve os *amoucos* do Malabar, sem lhes dar nome especial: «Estes Nayres quando asentaom uivenda com ElRey, ou outra qualquer pesoa de que hamde receber soldo, prometem de morerem por ela, e esta ley he antre eles guardada dos mais, algũus ho nom cumprem, mas he isto de geral obrigaçam: asy que se em algũa guera mataom seu Rey ou Senhor, se se eles achaom presentes, fazem o que podem até morte; e se se nom achaom ahy, ainda que uenhaom de casa, uem busquar aquela pesoa que ho matou, ou Rey que ho mandou matar, e ahy por mais que sejaom hos contrarios, cada hũu sem tornar atras faz tanto até que ho mataom: se algũa pesoa se teme, toma destes Nayres hũu ou dous, ou aqueles que se atreuem ha manter, ha que dá hũa certa contia pequena, para que ho guardem: ninguem por amor deles lhe ousa ha fazer mal, por que eles e toda sua linhagem vingaom ha injuria que ha ho tal fose feita, ainda que seja contra ElRey». — Pp. 328-329 (2.ª edição).

Castanheda menciona outro sinónimo malabárico e alude à cerimónia: «... ficando os *Nayres* [casta militar] de Cochim muyto tristes pela morte dos Principes, e por seu Rey ser vencido. Quatorze delles, que o mais sentirão, determinarão de vingar esta injuria, e morrer sobr'isso, e assi o jurarão, e deixarão crescer o cabello das barbas e

[1] *Guaniço* ou, antes, *ganiço*, é do malaio *ganas*, que significa «mata-homens». Vid. Wilkinson, *Malay-English Dictionary*. A tradução inglesa de H. Stanley, citada por Yule & Burnell, substitui *guamiços, guanicio* por *Amuco*, e êstes concluem daqui «que a palavra *amuk* devia ser comummente usada nos países malaios antes de lá chegarem os portugueses, cêrca de 1511».

das cabeças. E a estes tais chamão na lingua Malabar *Chauer,* que na nossa quer dizer morto, e geralmente lhes chamão na India **Amoucos,** e estes são muy temidos dos outros homens, porque sabem, que vão a morrer, e por medo de morte não hão deixar de matar quem quizerem.» — *Hist.,* I, cap. 53. — *Chāvuṛṛa* quere dizer em malaiala «pronto a morrer», e *Chāvuṛṛavan,* «homem resolvido a morrer em combate», isto é, *amouco*.

Além das causas indicadas, Diogo do Couto (1602) aponta duas com respeito aos *amoucos* do Malabar, as quais se baseiam na gratidão.

«E se a caso este forasteiro [que tomou a *jangada*[1]] for anexado ou afrontado de algũa pessoa, fica esta afronta e injuria tanto á conta d'este *Naire* e toda sua geração, que logo se juntão todos, e se offerecem a morrer a te satisfazerem aquella afronta, vsando certas cerimonias, como homens que se despedem da vida, rapando as barbas de hũa ilharga, que he o sinal de homens determinados a morrer, a que elles chamão **Amoucos**; e juntos todos dão n'aquelle lugar onde lhe fizerão afronta, e o destroem e abrasão... Em outro negocio se fazem estes homens **amoucos,** que he quando na guerra lhe matão o seu Rey, então os seu criados, familiares, e todos os que d'elle tem tenças, ordenados e comedias [comedorias], logo se fazem **amoucos,** e se determinão a morrer em vingança do seu Rey». — Déc. IV, VII, 14.

Filipe Sassetti assinala igualmente êste último motivo, mas com certa latitude (na sua carta escrita de Cochim

[1] *Jangada* (do malaiala *changadam* < sânsc. *sanghatta*) é o naire que guia e guarda o viajante ou defende a fortaleza. «Tomando sua *jangada* vai com elle tão seguro, como por Alemtejo sem ninguem lhe perguntar donde vem, nem pera onde vai... E por esta rezão as nossas fortalezas tem *jangadas,* a que elRey dá tenças». — Couto, *ibidem.*

em 1584): «A sua força consiste em uma maneira de soldados, que se chamam **Amocchi,** que são obrigados a morrer à vontade do seu rei, e ficam com esta obrigação todos os soldados que em uma guerra perdem o seu rei e o seu general, dos quais se serve depois o rei nos casos urgentes, mandando dêles, para morrerem combatendo, ora um trôço, ora outro conforme a necessidade». — *Lettere,* p. 224.

Ainda mais extensivo é Gaspar Correia: «São muito leaes ao senhor que lhes dá mantença, o qual se lhe matarem, são obrigados a tomar morte por elle pelejando sempre contra quem o matou até acabarem por morte». — *Lendas,* I, p. 355.

Que ocasionalmente apareciam *amoucos* intencionados na Índia, fóra do solo malabárico, consta, além de vários outros factos, do célebre acontecimento que se deu na ilha de Beth, no mar de Cambaia, no vice-reinado de Nuno da Cunha, narrado por João de Barros: «Os Guzerates naturaes temiam tanto a crueldade do Soltam Badur, que não consentíram no partido [proposto pelo vice-rei]. E como gente determinada a morrer, toda aquela noite se rapáram as cabeças (que he huma superstição de que usam os que desprezam a vida, aos quaes chamam na India **Amoucos**) e se foram á sua Mesquita, e alli offereceram suas pessoas á morte, ou ao que a ventura delles dispuzesse; pois que queriam manter a fé que tinham dada; e em sinal deste voto, o Capitão, por dar exemplo da sua determinação, mandou fazer huma grande fogueira, onde lançou sua mulher, e hum filho pequeno que tinha, e toda sua familia e fazenda entregou ao fogo, temendo que alguma cousa sua podia vir a nosso poder. Outro tanto fizeram alguns tão desesperados como este Capitão». — Déc. IV, VI, 13.

Gaspar Correia reputa os *amoucos* por «doidos» e «danados». «Estes ficão assi como homens doudos, a que chamão **amoucos,** que já se tem em conta de mortos.

Os quaes s'espalharão, e andavão, por onde achavão os de Calecut, e sem nenhum temor se metião antre elles, matando e ferindo até que os matavão». *Lendas*, I, p. 364 — «....dizendo: **Amouco! amouco!** que quer dizer homem danado que mata». — II, p. 286.

Frei António de Gouveia (1613) tem os *amoucos* em conta de furiosos e desatinados no ataque, mas reconhece que à fúria antecede madura deliberação: «Vendo que se temia surpresa, juraram-os [*panicais* ou mestres de esgrima dos cristãos de S. Tomé] de se fazerem **Amoucos** a modo dos Malavares, pera que se o Arcebispo [de Goa] quizesse deitar mão delle, ou de algum *Caçanar* [sacerdote dos referidos cristãos] o matarem, e morrerem ahy com todos os que com elles fossem. **Amoucos** entre Malavares sam homens que jurão de morrer na empresa que tomão, o que fazem sem falta algũa, ainda que seja meterem-se dous entre mil, e assi sam muy temidos per onde quer que vão, por hirem com esta brutalidade como furiosos, e sem siso, matando o que achão dos inimigos sem consideração, escolha, ou razão». — *Jornada do Arcebispo*, f. 28.

Tavernier (1676), descreve outra espécie de *amouquismo*, produzido pelo fanatismo muçulmano: «Derriere ces palissades s'étoit caché un coquin de Bantamois qui s'etoit revenu de la Mecque et joüoit à **Mocca**, c'est-à-dire en leur langage, que quelqu'un de la canaille des Mahometans, qui est de retour de la Mecque, s'avise de prendre son *cric* [*cris*] en main, qui est une forme de poignard, qui a d'ordinaire la moitié de la lame empoisonnée, il court par les ruës et tuë tous ceux qu'il rencontre qui ne sont point de la loi de Mahomet jusqu'à ce qu'on le tuë lui-même». — *Voyages* (Rouen, 1712), IV, p. 267.

Embora houvesse *amoucos* em várias partes do Oriente, é sobretudo na Malásia que o *amouquismo* prevalecia como uma característica moral dos seus povos, e especialmente

dos javaneses, de quem diz o nosso Couto: «São homens cavalleiros, e tão determinados, que por qualquer offensa que se lhes faz, se fazem **amoucos**, para se satisfazerem d'ella». Déc. IV, III, 1. — E João de Barros conta: «Dizião que os nossos andavão tomados da furia de vingança, como os **Amoucos** de Malaca e da Jaua, os quaes são homens que com indignação de algũa vingança matão quantos achão ante si não temendo a morte, contanto que fiquem vingados». — Déc. I, VII, 5.

Fernão Pinto também se lhes refere várias vezes (1539): «E o Rey Achem sahiu logo em pessoa com mais de cinco mil **Amoucos**». *Peregrinação*, cap. 17. — «Incitando [a rainha de Aru] os seus a se fazerem **Amoucos**, e trazendo-lhes á memoria com muytas lagrymas a obrigação que para isso tinhão». Cap. 27. — «O Jorge Mendes foy o primeiro que subiu pelas escadas, acompanhado de dous dos nossos, que como **Amoucos**, hião determinados a morrerem ou a fazerem cousa com que se sinalassem». Cap. 119. — «Com as quaes palavras, e mostras do amor do seu Rey, ficarão tão animados, que sem esperarem mais, se untarão os mais delles co *minhamundy*, que he hũa certa confeição de azeite cheiroso com que esta gente em tais casos como estes costuma de se untar para remate de toda a determinação que leuão pera morrerem, e a estes que se untão desta maneyra, chama o vulgar da gente **Amoucos**». — Cap. 174.

Igualmente, Sassetti profere o mesmo juizo, em outra carta escrita em 1586, com respeito à tendência dos habitantes de Java: «Grandes homens para se fazerem **Amocchi** são os Jáos, que sendo cativos, por qualquer cousa que lhes faça o seu amo, se podem matá-lo à traição, fazem-no com efeito; e depois certos de terem de morrer, procuram destruir tudo que lhes chega à mão». — *Lettere*, p. 304.

O mais antigo viajante europeu que se refere à singular

prática é Nicolò di Conti (1430), que, sem mencionar o seu nome, aponta outra causa e sua estravagante conseqüência. Reproduzo as suas próprias palavras: «Nell' India interiore vi sono due isole verso l'estremo confine del mondo, e ambedue sono dette le Giave.... Gli abitatori di quest'isole sono più inumani e crudeli, che alcun, altra nazione...l'ammazzare un uomo l'hanno per giouco, nè per questo portano supplicio alcuno. I debitori che non hanno il modo di soddisfare a chi debbono, se dànno lor per schiavi; ma alcuni per non servire s'eleggono più volontieri la morte in questo modo, perciocchè pigliando una spada ignuda se ne vengono nelle strade ed ammazzano quanti riscontrano, che possano manco di lui, sinattantochè truovino uno che sia più valente che l'ammazzi; vien poi il creditor del morto, e fa citar colui che l'ammazzò, demmandandogli il suo credito, al che è costretto dai giudici di soddisfare»! — *Apud* Gubernatis, *Storia,* p. 170.

Walter Skeat (na 2.ª edição do *Glossario*) julga que a melhor explicação da usança de *amoucos* consiste em ser o método malaio nacional de cometer suicídio com bravura, e isso está parcialmente em harmonia com o que diz o nosso Barbosa. Mas reconhece que o *amouco* mata também crianças, mulheres e até pessoas da sua família; o que sómente pode ser o efeito da aberração mental, ou do fanatismo, no sentido de ir bem acompanhado para a outra vida.

Qualquer que seja, porêm, a razão de ser do fenómeno peculiar à Malásia, cumpre distinguir duas espécies de *amoucos:* uns, que movidos do espírito de vingança, fazem desperadamente todo o mal que podem aos seus inimigos, como na Índia; outros, que sem serem maníacos, dominados de furor, real ou fictício, matam os inculpados ou inocentes, como no arquipélago malaio.

*

Quanto à etimologia, é claro, pelo que fica exposto, que é na Malásia ou no Malabar que se deve investigar a origem da palavra. E de facto o malaio tem *āmoq,* que Crawfurd (*Malay Dictionary*) regista como *amuk* e considera primordialmente javanês. Significa «arremetida furiosa; homem possuído de fúria». Emprega-se, porêm, ordináriamente como verbo, *mengāmoq,* «investir com furor».

Yule & Burnell supõem, todavia, que é à Índia continental, e especialmente ao Malabar, que se deve atribuir a origem do *amouquismo,* outrora ali freqüente, e do seu nome; e sugerem o malaiala *amar-kkan,* «guerreiro», de *amar,* «combate, guerra».[1] Reconhecem, contudo, que há divergência fonética entre *amouco* e *amar-kkan,* e pode-se acrescentar que também os significados não são bem idênticos. Alêm disto, a costumeira de Calecut não se inspirava na vindictividade nem promanava da fúria; era simplesmente um lance arrojado para ganhar um trono.

O Conde de Gubernatis, por seu lado, tem por certo que *amouco* provêm do sânsc. *amokya,* «o que se não pode soltar, indissolúvel», visto que o *amouco* se ligava por um

---

[1] «Uma das especiais aplicações desta palavra é notável com respeito a um costume extraordinário do Malabar. Depois de reinar o Samorim por doze anos, convocava-se uma grande assembleia em Tirunavayi, onde o príncipe ocupava o seu lugar, rodeado do seu séquito, perfeitamente armado. Qualquer podia então acometê-lo, e o arremetedor, se conseguisse matar o Samorim, alcançava o trono. Isto tem acontecido muitas vezes. Em 1600 trinta de tais investidores foram mortos no cometimento. Ora esses homens se chamavam *amar-kkār* (pl. de *amar-kkan*)».

voto ou juramento, que tinha de cumprir a todo o custo [1]. O vocábulo sânscrito, porêm, não está em uso na língua do Malabar. Demais, sabemos de Castanheda que o têrmo corrente na região era *chaver*.

Não quero com isto dizer que se não possa genealógicamente relacionar *amouco* com *amokya*. Mas a sua procedência não seria imediata, nem se realizaria na Índia própria, onde nenhum idioma moderno o emprega, mas sim em Java. É facto histórico bem sabido que a civilização indo-árica exerceu, há já muitos séculos, influência preponderante na referida ilha, onde até criou uma linguagem poética, denominada *kávi*, do sânsc. *kāvya*, «poesia», impregnada de numerosos sanscritismos [2].

Por outro lado, está sobejamente averiguado, por testemunhos irrefragáveis, que o *amouquismo*, na sua acepção rigorosa, era a característica saliente dos javaneses, que se *amoucavam* por qualquer motivo, e às vezes sem nenhum motivo aparente; e que a palavra *amoq* prevaleceu entre êles. O sânsc. *amokya*, «insolúvel», passando à língua vernácula, reduzir-se hia a *amoq*, por motivo do dissilabismo da família lingüística malaia, e seria, na sua evolução semântica, empregado no sentido técnico.

Infere-se do que levo dito que o vocábulo *amouco* tem passado por várias gradações de significados, e que, para abranger todas as acepções, não se pode caracterizá-lo em poucas palavras. Não admira, portanto, que as definições dadas pelos nossos lexicógrafos pequem por excesso ou por defeito.

[1] **Amocco**, certamente dalla voce indiana *amokya* ossia *quegli che non se può sciogliere* che anche i poeti vedici hanno adoperata». — *Storia*, p. 211.

[2] «Fallam-se na ilha tres differentes dialectos malaios, mas ha tambem uma lingua sacra mui antiga chamada *kovi*, que contém infinidade de palavras sanscritas». — *O Panorama*, n.º 117, p. 89.

Os próprios maniácos teem sido por vezes apelidados de *amoucos*, só porque feriram e mataram muitas pessoas [1]. Não está, porêm, provado que os *amoucos* asiáticos são alienados; pelo contrário, consta que a sua peculiaridade preeminente é a deliberação ponderada; e a sua fúria, pelo menos na Índia, vai pautada pelos ditames da razão quanto ao objectivo, sendo anómalos outros casos [2].

Mas se não é difícil censurar as definições alheias, também não é fácil dar uma que seja adequada e concisa. Entretanto, parece-me que se poderia inscrever o vocábulo, mais ou menos, nos seguintes termos:

Amouco, s. m. Homem determinado a vingar-se da injúria por actos temerários à custa da própria vida, como no Malabar; homem, que, às vezes sem motivo plausível, se deixa possuir de fúria e acomete os que encontra no seu caminho até ser morto, como na Índia insular; *(por extensão)* homem, que, num súbito acesso de mania, mata e fere muitas pessoas; (fig.) homem obcecado, que defende porfiosamente em tudo o seu chefe, o seu partido ou a sua doutrina. Do malaio-javanês *ámoq*, talvez derivado do sânsc. *amokya*, «insolúvel» [3].

[1] «Running **a-muck** does not seem to be confined to the Malays. At Ravenna, on Monday, when the streets were full of people celebrating the festa of St. John the Baptist, a maniac rushed out, snatched up a knife from a butcher's stall and fell upon every one he came across. . .before he was captured he wounded more or less severely 11 persons, among whom was a child». — *Pall Mall Gazette*, de 1 de julho de 1879, *in Glossary*.

[2] Twice over, while we were wending our way up the steep hill in Galata, it was our luck to see a Turk run **a-muck**... nine times out of ten this frenzy is feigned». — Barkley, *ibidem*.

[3] «Termo indiano que designa os que juram morrer na empreza que tomam. *T. mod.* Os que vendem a sua consciencia, sacrificam a sua dignidade (em politica)». Adolfo Coelho, *Dicc.*

Creio que fica assim ressalvada a feição primária e geral dos *amoucos* própriamente ditos, a qual é o arrôjo frenético, e se insinua o zêlo imoderado ou apêgo desordenado nos que os imitam incruentamente.

Estando o derivado *amoucado* já naturalizado, pôsto que pouco conhecido, é bem possível que, com o tempo, se forme o verbo, no sentido próprio e translato, e então *amoucar* seria «induzir a ser amouco», e *amoucar-se,* «fazer-se amouco».

E para o complemento do quadro, *amouquismo* seria a «qualidade de amouco». Já tive de me servir dêle, para precisar melhor o conceito e evitar circunlóquios.

III

Andor, Machila, Palanquim

Os povos do Oriente preferem, por luxo ou por comodidade, veículos de diversos feitios, transportados aos ombros ou à cabeça pelos homens a esse fim destinados, a cavalos e viaturas, que não poderiam transitar por todas as partes, por falta de estradas ou por serem as herdades de tal modo muradas, que nenhum gado pode atravessar [1].

É um meio de locomoção — já mencionado no *Ramáyana* — mais económico, mais seguro, mais senhoril e mais adaptado ao clima e ao solo. Os *boiás,* os *amales* ou os *cules,* que os conduzem, trepam montes, transpõem vales,

[1] «Donde vem que a terra em que ha pouoados toda he repartida nestas propriedades, e são tantos os valles que he hum labyrintho andar por os caminhos reaes posto que sejão estradas largas, quanto mais por as azinhagas do serviço de qualquer propriedade:.. e os lugares de quada povoação em lugar de muros são cercados de hum genero de arvores de espinho tão fechadas que se não podem entrar, nem menos queimar de verdes» — João de Barros, Déc. I, IX, 3.

galgam azinhagas, vadeiam rios, embrenham-se em espessas florestas, afugentam feras, sempre a passo firme, compassado, rápido, e solene, se a ocasião o requere, embalando o *saibo* que acarretam em doce sonolência ou entretendo-o com fagueiras perspectivas [1].

Não admira, pois, que férculos dêstes, mais confortáveis e luxuosos, sejam ou, antes, tenham sido o apanágio dos reis e das altas personagens, e o seu uso, determinado por leis especiais, civis e eclesiásticas, e sujeito a várias restrições [2]. As classes menos elevadas teem de se contentar, se a necessidade física as obriga, com os modestos *dolis* ou *catres,* uma espécie de macas, levadas à cabeça por dois humildes mariolas.

Os europeus sentem ao princípio certa estranheza em se servir de semelhantes transportes, mas a breve trecho se acomodam e vão gostando [3].

Os termos asiáticos que com mais freqùência ocorrem nos nossos indianistas, para designar tais veículos, no sentido de «andas, liteira ou cadeirinha», são *andor, machila* e *palanquim.* O *andor*, é mais antigo, mais *aportu-*

[1] «Estes *andores* ha homens amestrados que os trazem e em seu andar tem hum compasso dandadura que hindo elles correndo, quem vay no *andor* bem pode hir dormindo». — Gaspar Correia, *Lendas*, I, p. 171.

«Como é economico o estabelecimento deste trem [cadeirinha de Macau], que sob o ponto de vista da comodidade do passeante, é por certo superior ao da carruagem». — Adolfo Loureiro, *No Oriente*, I, p. 312.

[2] «Ceux qui ont beaucoup de moiens dans les Indes, ne prennent ni chariots ni carrosses pour voiager: Ils se servent d'une machine que l'on appelle *Palanquin*». — Thevenot, *Voyages* (1689), III, p. 162.

[3] «Pela primeira vez me deixei conduzir pelos meus semelhantes, e á cabeça d'elles entrámos numa aldeia escondida entre palmares, como todas as aldeias da India». — Tomás Ribeiro, *Jornadas*, II, p. 34.

guesado é mais hierático, e por isso merece a primazia. A *machila* é relativamente mais moderna e mais corrente ao presente na Índia Portuguesa e na África Oriental. O *palanquim* é mais cosmopolita e mais oriental, mas às vezes, nos antigos escritos, emparelhado com *andor*, no ponto de vista legislativo.

I. — Andor

§ 1.º — Sematologia.

A falta dum dicionário histórico da língua portuguesa, que trace a biografia de cada vocábulo, e que seria o fio de Ariadne no dédalo de opiniões encontradas, é um grande embaraço à investigação do sentido e da origem de dições peregrinas, nomeadamente orientais. Se constasse que uma dada palavra existia em Portugal no século XV e qual era a precisa acepção em que se empregava, muitas das obscuridades que surgem com respeito à lexicologia colonial ficariam fácilmente esclarecidas [1].

Era opinião geral por longo tempo que o vocábulo português *varanda* — indo-inglês *veranda* ou *verandah*, indo-francês *véranda* ou *vérandah* — procedia de origem asiática, ou do sânscrito *varanda*, conforme Littré, João Beames e outros, ou do persa *barāmada*, segundo C. Defrémery e Webster. Mas agora está suficientemente demonstrado que a dição portuguesa, étimo das outras, é independente dos seus parónimos orientais; porque o autor do *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama* (1498) o emprega como já conhecido, e porque ocorre no *Vocabulista Arábigo* de Pedro de Alcalá (1505) [2].

---

[1] «A falta d'um diccionario historico da lingua... é o maior obstaculo que encontra o etymologo portuguez em grande numero das suas investigações». — Adolfo Coelho, *Prefação* do Dicc.

[2] Vid. *Glossary of Anglo-Indian words;* Gonçalves Viana, *Apostilas;* S. R. Dalgado, *Influência.*

Semelhantemente, se soubessemos com certeza que a voz *andor* estava em voga no continente nessa época e designava «liteira» ou «andas», significados que o Sr. Cândido de Figueiredo lhe atribui com anotação de antigos, já estava dirimida a questão principal, e ficava assente que *andor* era um produto europeu e exclusivamente nacional. Talvez o investigador curioso quereria inteirar-se de quando e porque a acepção antiga cedeu o lugar à moderna, e qual era o vocábulo, representativo desta última, que caducou, visto que a «padiola ornamentada, em que se levam imagens nas procissões», não é um invento de tempos hodiernos.

De entre os dicionários modernos, sei, neste momento, do *Contemporaneo,* que, além do sentido actualmente em curso, consigna «liteira, andas: N'aquella terra não se costuma andar a cavallo, e andam n'estes andores». Mas a «terra» de que se fala na abonação não é Portugal, é o Malabar. «Depois de recebido [Vasco da Gama] foi tomado em hum **andor**... porque naquella terra não se costuma andar a cavallo, e andão nestes **andores**, que sam como leytos dandas, senão que sam descobertos, e quasi rasos, tão baixas tem as goardas». — Castanheda, *Hist.*, IV, cap. 16.

Também João de Barros: «Vindo o recado do *Çamorij* [rei de Calecut] que fosse, sahio Vasco da Gama com doze pessoas em terra, onde o recebeo hum homem nobre, a que elles chamam *Catual* [governador da cidade], acompanhado de duzentos homens a pé... e outros de o trazer aos hombros em hum **andor**, porque em toda aquela terra Malabar não se servem de bestas, hum dos quaes **andores** foi tambem apresentado a Vasco da Gama para ir nelle». — Déc. I, IV, 8. — «El-Rey [de Cananor] vinha em hum **andor** dos que elles usão, às costas de certos homens muy bem vestidos a seu modo com panos de seda». — *Ibid.*, I, V, 4.

Quem podia, com alguma propriedade, ser alegado no caso é D. Francisco de Melo, que nos seus *Apologos Dialogaes* (p. 125, edição de 1721) diz: «Quem é (tende mão) aquelle Senhor, que alli vem naquelle **andor**, tão rodeado de gente, de que parece faz elle tão pouco caso?» Note-se, porêm, que isso não quere dizer que com efeito o têrmo era então corrente e vernáculo em Portugal neste sentido; porque o autor emprega na sua obra muitas dições orientais, como *chatim, abada,* e, alêm disto, é muito verosímil que mais de um *andor* indiano fosse trazido para Europa.

Agostinho Barbosa (1611) regista, no seu dicionário português-latino, *andor* e interpreta-o por *ferculum* e *sella gestatoria*.

Rafael Bluteau regista em inscrições separadas, sem indicar a proveniência da palavra, o significado indiano e o continental: «**Andor**. Carroagem portatil da India, nas terras, em que não se servem de bestas, como no Malabar, e outras. He hum engenho, amodo de Andas descobertas...». «*Andor* entre nós he hum instrumento com quatro braços em que nas prociçoens se levão as imagens, ou reliquias dos Santos».

Solano congloba, com razão, ambos os sentidos: «Especie de andas portateis, sobre que vão homens ou imagens de divindades na Asia, ou de Christo, ou Santos entre os Catholicos, nas procissões».

Morais admite a mesma distinção, mas erra na definição: «Leito de madeira com varas atravessadas por baixo, que servem de o levar aos hombros; nelles se levão os Santos nas procissões, ou homens na Asia». O *andor* em que se levam homens na Ásia não tem varas atravessadas por baixo, tem um só varal, de que pende o leito, sendo excepcionalmente empregado para êsse fim o da outra espécie, por veneração ou exibição.

O dicionário da Academia insere *andor* com três significados: 1.º «Certo throno, que sustentado por varas, serve para levar aos hombros nas procissões as imagens ou reliquias dos Santos»; e abona com três autoridades [1]. 2.º «Carruagem portatil da India»; e corrobora com Castanheda, Góis e Camões. 3.º «Qualquer carruagem portatil para ser conduzida aos hombros de homens, ou de outro qualquer modo»; e cita três autores, cujos testemunhos não indicam que a expressão era corrente no sentido proposto [2].

Parece que daqui se pode inferir que a única acepção de *andor* que vigorou e ainda hoje vigora em Portugal é

---

[1] Vieira, um dos citados, põe *andor* em aposição: «Entre os quaes hião todos os Religiosos da Companhia, que tambem levavão aos hombros o seu Santo Padre [S. Francisco Xavier em Goa] em um esquife ou **andor**, ricamente ornado... Das janellas, e eirados chovião flores sobre o **andor**, e corpo do Santo». — *Xavier Dormindo*, p. 359.

[2] Fr. Bernardino de Brito (*Monarchia Lusitana*, 1597): Discorrendo pelos esquadrões em hum **andor** de marfim ao modo que os Reys Godos costumavão andar nos exercitos».

Fr. Antonio Feio (*Trattados Quadragesimaes*, 1612): «Foi disto hum retrato aquelle **andor** que Salamão mandou fazer no dia dos seus desponsorios, quando indo nele com sua esposa, desse mostras de si a toda a cidade». Marignolli (1350) tambêm compara o *andor* ao férculo de Salomão: «...principibus illis super humeros portantibus me in lectulo, seu *ferculo Salomonis*». *Apud* Gubernatis, p. 145). Igualmente Bluteau interpreta *andor* por *ferculum* e *feretrum*, e observa que «com estes dois nomes chamavão os Romanos, os instrumentos, em que nas pompas solemnes se levavão as imagens dos seus triumphos, ou simulacros dos seus falsos Deoses».

Fr. Luis de Sousa (*Vida de D. Fr. Bertolameu dos Martyres*, 1619): «O meio, que achou o engenho humano para vadear este passo [descida dos Alpes para o Piemonte] foi inventar huma maneira de **andores** ou carretes, que vão descendo, ou cahindo pelas serras abaixo, arrastados cada hum por dous homens, que não sabeis se os chameis Pilotos, se cocheiros, se cavallos». Refere-se evidentemente aos trenós do Norte.

a de «charola», e que, como sinónimo de «liteira», é colonial, talvez isolada e ocasionalmente usado, em conjunção com o transporte trazido da Índia, por curiosidade ou por ostentação.

É, ao contrário, patente dos nossos historiadores que o vocábulo *andor* como nome dum veículo era comunissimo na Ásia em geral e na Índia em particular.

1500. — «Havia nesta casa huma especie de **andor**, em o qual tinha vindo do palacio aonde costumava residir habitualmente: este **andor** he levado por homens infinitamente ricos» (em Calecut). — *Navegação de P. A. Cabral*, cap. 9, *In Colecção de Noticias*, II, da Academia.

«Quando sahe fóra vai em hum **andor** muito rico que levão dous homens, e vão com elle muitos tangedores de instrumentos, e muitos Gentis-homens com espadas e rodolas, e muitos archeiros, e adiante de tudo os seus guardas, e porteiros: vai ElRei coberto com hum docel, de sorte que lhe fazem mais honra do que a nenhum outro do Mundo». — *Ibid.*, cap. 13.

1503. — «Trazião o Rey [de Coulão] em huma especie de **andor** magnifico da feição de paviola, com quatro braços de marfim muito bem trabalhados, e em cima delle o Rei assentado a seu modo sobre os pés á maneira de alfaiate, bem ornado com panos lavrados de seda e algodão». — João Empoli, *Viagem ás Indias Orientaes* (*in Collecção de Noticias*), II, cap. 9. — É claro que alude ao *andor* religioso.

1513. — «El Rey de pegu leva gramde contemtamento de vosa amizade, quer vosos tratos e vosa jemte e vosa ajuda; em seu reyno recebe vosa jemte que vay de malaca, são trazidos em **amdor** cubertos de panos douro e dá lhes gramdes dadiuas». — Afonso de Albuquerque, *Cartas*, I, p. 138. — Vê-se daqui que já era então bem conhecido entre os portugueses o têrmo, que Albuquerque aplica às liteiras de Pegu, e que D. Manuel menciona em 1505 na sua carta ao rei de Castela, na qual se lê: «Il Re se fa portare in una Barra quale chiamono **Andora** portata da homini [1]».

---

[1] A carta foi traduzida em italiano e publicada em Roma no referido ano. Artur Burnell reeditou-a em 1881, e o Glossário anglo-indiano reproduz o trecho citado. O Sr. Jordão de Freitas, cuja competência em tais assuntos é bem notória, informa-me que não conhece o texto em português senão pela retroversão de Próspero Peragallo.

1516. — «Achando [o rei de Bisnagar] algum grande Senhor ou seu parente culpado em algum delicto, mandao chamar, e como eles todos trazem muy grandes estados, uem em riquos **andores** que lhe trazem seus vasalos, com muytos caualos ha destro». — Duarte Barbosa, *Livro* (2.ª ed.), p. 303.

1525. — «Não poderá ninguem trazer tocha, **andor**, sombreiro, sem nossa licença ou do nosso Governador». — *Foral* de D. João III, *in Archivo Portuguez-Oriental*, fascic. 5.º, p. 132.

1557. — «Levâram Timoja em hum **andor** por toda a cidade [de Goa] com muitas festas». — *Commentarios de A. Dalboquerque*, II, cap. 23.

1547. — «O novo *Roolim* [chefe dos budistas de Pegu] foy levado daquy deste lugar em hum riquissimo **andor** de ouro e pedraria, que os principaes oito senhores do reyno levavão aos hombros». — Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 169.

1565. — «As tres horas depois do meio dia me sahi com todos os christãos e com o Secretario de Mioxindono, e sua gente metido em hũ **andorzinho** pequeno». — Padre Luís Fróis, *Cartas de Japão*, (edição de Évora), I, f. 192.

1572:

> «Mas um tiro que com zunido voa,
> De sangue o tingirá no **andor** sublime».
>
> Camões, *Lusiad.*, X, 17.

1574. — «Mando a todos os *panditos* [médicos] [1] e phisicos gentios que não andem por esta cidade e arrabaldes della a cavallo nem em **andores** e *palanquins*». — *Alvará* do governador da Índia, de 15 de Dezembro.

1577. — «Trazem sombreiros de pé, **andores**, *palanquis*». — *Primor e Honra da vida soldadesca*, f. 6.

---

[1] Em sânscrito, *pandita* quere dizer «letrado, sábio»; mas os nossos indianistas empregam o vocábulo por «médico indígena». É provável que assim fosse tratado, por honorificência, na língua vernácula, do mesmo modo que se chamava «mestre» ao médico europeu. «Les plus habiles Medicins d'entre les Payens tiennent fort leur rang et gravité à Goa, estans seuls d'entre les Payens qui portent chapeau pour se garder du soleil, exceptés les Ambassadeurs et quelques riches marchands». Linschoten, *Histoire*, (edição de 1638), p. 69. — «Elle estaua mui desconfiado de sua vida, e segundo lhe dizia o **mestre**, no mar ou na India podia aver saude». — Barros, Déc. III, III, 3. — «Foi demandar a casa do **mestre** onde se curou de tres feridas». — Couto, Déc. IV, V, 12.

1635. — «Só indo subindo a serra de Balané [em Ceilão] de dentro do matto lhe tiraram uma espingarda, de que lhe passaram os coxins do **andor** onde ia deitado». — António Bocarro, Década XIII, p. 405.

1650. — «O mesmo emprenderam Domingos Borges de Sousa, que fez de uma alcatifa um **andor**, e Francisco Cabrita, outro de um pano, servindo-lhe de canas os remos do batel, que o carpinteiro affeiçoou». — Bernardo Feio, *in Hist. tragico-maritima*, x, p. 93.

1832. — «No dia das nupcias entra a noiva [chinesa] em uma cadeirinha; e acompanhada dos parentes e amigos da sua familia, parte para casa do noivo. Fazem parte do cortejo turmas de musicos, tangendo instrumentos; e muitos **andores**, levados por homens, com os symbolos do casamento». — José Inácio de Andrade, *Cartas*, II, p. 144.

Não se julgue, porêm, daqui que os *andores* serviam tam sómente para conduzir homens; eram tambêm empregados nas procissões religiosas, mas os nossos escritores poucas vezes teriam ensejo de se lhes referir. Diz contudo o Padre Manuel Barradas (1613). «Iam diante quatro ou cinco **andores** com alguns *Pagodinhos*» [ídolos]. — *Hist. tragico-marit.*, II, p. 107.

Igualmente Frei António de Gouveia (1603): «Este mesmo carro com estes tristes sacrificios ha em muitas outras partes da India, em especial nas de Choramandel e S. Thomé, e noutras vay o Pagode em hum **andor**, e os que os leuão aos hombros parão em alguns passos». — *Jornada*, f. 126.

Tambêm Linschoten (1589): «Le peuple estoit appellé pour accompagner le *Pagode*, qu'on devoit porter en procession, lequel estant enveloppé de ses bandelettes fut mis sur un *Pallinquin* et porté par les plus honorables habitans du lieu suivis de la troupe avec son accoustumé de tambour et de flutte»[1]. — *Hist.*, p. 85.

[1] «Era uma outra procissão que já andava na rua, e na qual era levado um grande **andor**, com muitos cavallos dourados, ostentando-se na parte superior a imagem da divindade hindú, a segunda da *Trimarti*, Vichnu, sob a figura de uma creança sobre as ondas, com o symbolico lotus, de cujo calix nasceu Brahma. Este **andor** era levado por muitos homens, com lanternas, queimando fogos de Bengala e fazendo uma vozeria infernal». — Adolfo Loureiro, *No Oriente*, II, p. 229.

No século XVI a voz *andor* estava mais vulgarizada no Oriente do que o *palanquim*. «Das folhas, a que chamão *olas*, se cobrem casas, e naos, servindo em lugar de telhas, fazem-se velas, e chapeos de sol grandes, e pequenos, a que chamão na India sombreiros, forrão *palanquins* que sãos huns *andores* em que a gente do Oriente anda como em Portugal nas cadeiras». — Fr. Gaspar de S. Bernardino (1609), *Itinerario da India*, p. 35.

Em Goa, os *andores* para usos profanos caíram em desuso. «Os **andôres** são hoje raros e o seu uso he privativo aos Prelados dos Gentios, e aos Pagodes, sob a denominação de *palqui*. O seu uso, assim como do sombreiro (para-sol) e Tocha, era objecto de concessão do Governo, em remuneração de serviços prestados ao Estado». Filipe Néri Xavier, *O Gabinete Litterario das Fontainhas* (1846-1855), IV, p. 155.

*

Mas de que *feição* eram os andores indianos?

Oiçamos primeiro o que dizem os nossos cronistas, que são competentes no assunto:

1516. — «Sae elRey [do Malabar] em hũu **andor**, que leuaraom [*sic*] dous homeins com suas almofadas de seda em que vay encostado; e ho **andor** he de pano de seda pendurado em hũa cana de muyta pedraria, tam grosa como hũu braço de hũu gordo homem, com hũas uoltas que de seu nacimento lhe afeiçoam pera aquilo, a qual cana dous homeins leuaom ha hos hombros de que uay o dito **andor** pendurado». — Duarte Barbosa (que menciona muitas vezes o *andor*, mas nenhuma o *palanquim*), *Livro* (2.ª ed.), p. 320.

1525. — «E estas molheres [do rei] não são vistas por homem nenhũu... e quando quer que camynhão vão hos **andores** em que ellas vão cerrados e sellados, de maneira que vistas não podem ser» — (p. 90). 1535. — «Todos os capitães deste reyno se servem de **andores** e *palanques*, que são como andas, as quoaees trazem homeẽs as costas, os quoaees não podem andar nelles, convem a saber, nos **andores** se são [talvez «senão»] homeẽs de cavalleiros pera cima, e nos *palanques* capitães e pessoas principaes, e ha sempre na corte onde elrey está vinte mil **andores** e *palanques*». — *Chronica dos Reys de Bisnaga*, pp. 74-75.

1563 (1498). — «Veo á feitoria em hum **andor**, que homens trazião ao hombro, que são humas canas voltadas pera cima e arcadas, e dellas pendurados huns panos largos de meia braça e de comprido braça e meia, e nos cabos paos que sosteem o pano pendurado na cana; e encima deste pano hum colchão de sua grandura, tudo isto feito de panos de seda e fio d'ouro, com muitos lauores e franjas e borlas, e a cana, os cabos guarnecidos de prata tudo muito loução, e de tanta riqueza como som os Senhores que nellas andão, que vão assentados sobre este colchão, e se querem, deitados em almofadas de seda, e de quantas gentilezas querem. O Catual veo assi em hum destes **andores**». — Gaspar Correia, *Lendas*, I, p. 102.

«ElRey vinha assentado em hum **andor** [em 1500]... e o pano em que vinha assentado laurado de fio d'ouro com muytas franjas e borlas pendentes, e da compridão de huma braça, e meia de largura, postos os cabos em huns paos de marfim que o fazem estar aberto, e pendurado em huma cana da grossura de um homem, que no meio faz huma volta arcada, que nam toca em quem vay assentado; e almofadas de seda feitas da feição e largura do pano». — *Id.*, I, p. 171.

1566. — «Na mesma hora, que Vasco da Gama desembarcou, ho fez ho *Catual* tomar em um **andor**, que sam a modo de andas descobertas, que levão quatro homens aos hombros por estado, estes sam tão destros neste officio que ho que vai no **andor**, posto que elles vão ás vezes correndo, quasi que não sente que ho movem, a par dos quaes vai outro homem com hum sombreiro desparavel, posto em huma aste comprida pera lhe tomar o sol e a chuva». Damião de Góis, *Chronica de D. Manuel*, I, cap. 39.

1572:

> «Já na terra nos braços o levava
> E num portatil leito ũa rica cama
> Lhe oferece em que vá (costume usado)
> Que nos hombros dos homens é levado».
>
> CAMÕES, *Lusiad.*, VII, 44.

Depreende-se dos testemunhos aduzidos que o *andor* era outrora no Malabar uma espécie de maca dos marinheiros, com o fundo acolchoado, pendurado em um grosso varal, ordinàriamente de cana de bambu espinhoso, e conduzida aos ombros por dois ou quatro carregadores. Da cana pendia de um lado e do outro um pano — «tenda», como se diz hoje em Goa — minuciosamente descrito por Duarte Barbosa e Gaspar Correia, o qual resguardava do sol e da chuva, mas que se dispensava, como declara Damião de Góis, quando ia ao lado o «boí» com o «sombreiro de pé alto».

O *andor* correspondia, por tanto, ao que, há cinquenta anos, era conhecido na Índia Portuguesa por «catre». Eu tive ocasião de me servir de semelhante meio de locomoção, quando andei missionando no Canará pelo fim do século passado.

Mas os *andores* de todos os lugares e de todos os tempos não seriam do mesmo feitio, como o não eram os *palanquins*, considerados superiores, nem teriam, na bôca dos portugueses, o mesmo nome em toda a parte [1]. Os que Castanheda e Gaspar Correia descrevem, deviam ter o fundo raso, formado de armação de madeira leve e de precintas, quási à maneira das modernas *machilas*.

É claro que quem se transportava no antigo *andor* comum não ia sentado, mas deitado ou reclinado em almofadas, ao contrário do *palanquim* e da «cadeirinha». Outras diferenças entre os três principais veículos mostrar-se hão adiante [2].

---

[1] Filinto Elísio, por exemplo, põe *palanquim* onde os antigos indianistas dizem *andor*: «Tanto que abicou na praia, por ordem do Catual o tomárão aos hombros n'hum *palanquim*». Tom. I, p. 94. «E os feridos em *andores* os leuarão até Chaul, fazendolhe sempre o gasto muy largamente». *Lendas*, III, p. 288.

[2] 1760. — «Of the same nature as *palankeens*, but of a different name, are what they call **andolas**... these are much cheaper, and less esteemed». — Grose, *in Glossary*.

§ 2.º — **Etimologia.**

Qual é o étimo de *andor?* Os lexicógrafos portugueses ou omitem a etimologia, ou derivam o vocábulo, uns, mais modernos, como o *Diccionario Contemporaneo,* do verbo *andar,* do mesmo modo que *andas;* outros, como Fr. João de Sousa e o Dicionário da Academia, da voz pérsica *andul* ou, antes, *handūl* [1].

Primeiramente, o têrmo *andor* não é coevo de *andas.* Os escritores quinhentistas, como Duarte Barbosa, Castanheda, João de Barros, Gaspar Correia, Damião de Góis, teem-no por estranho, e explicam-no, em geral, por meio de «andas». Diz o autor do *Roteiro de Vasco da Gama* (p. 34, ed. de 1838): «Alj trouxeram ao capitam mor hũas *andas* domeẽs em que os onrrados custumam em aquella terra dandar, e alguns mercadores se as querem ter pagam por elle a elrey certa cousa». Também, nenhum dos autores alegados em abonação dos seus significados é anterior à epoca das conquistas asiáticas.

É verdade que Cristóvão Vieira (1534) emprega a voz *andor* com respeito à China, sem a interpretar, como não intèrpreta muitas outras orientais, por o julgar desnecessário: «Os mandarĩs pequenos que não podem trazer **andor** teem cavallo» [2].

As mais antigas menções do têrmo são, como vimos, as de um pilôto português, que descreve a *Navegação de Pedro Álvares Cabral* em 1500, cujo teor sómente conhecemos pela tradução italiana da colecção de Ramúsio, e a de João de Empoli, que narra em carta a um italiano a sua *Viagem ás Indias Orientaes* em 1503. Refere-se o primeiro ao veículo do samorim e o segundo ao do rei de Coulão, e ambos os consideram «uma espécie de *andor*». Julgo porêm que isso não implica que os preditos transportes eram *uma espécie* de outros conhecidos na Europa com o mesmo nome.

[1] Cândido de Figueiredo tira *andor,* dubitativamente na primeira edição, de *andar* e *andul,* e na segunda do concani *andor.*

[2] *Letters from Portuguese Captives in Canton,* por Donald Ferguson (Bombay, 1902), p. 79.

Empoli fez várias viagens ao Oriente até 1517, quando morreu em Cantão, e não se sabe o ano em que escreveu a sua carta [1]. Não havendo em italiano a voz *andor,* nem sendo de presumir que a ouvisse em Portugal, é natural que aludisse a outros *andores* comuns do Malabar, (que amiúde teria visto), sem os descrever, como não explica as palavras *bramines* e *monção.*

O mesmo se deve também entender da distinção feita pelo pilôto português, que esteve três meses em Calecut e se inteirou com muita discrição dos usos e costumes do país [2]. Igualmente, não explica *zambuco* e *bétele.*

Para se admitir a derivação do persa, não basta que haja *handūl* nessa língua; convêm saber a época e o meio da sua transmissão [3]. Não entrou de certo durante a dominação dos mouros, porque não deixou vestígios na península nem é conhecido do castelhano. Não veio por via da Índia, porque a Índia não precisava de tal empréstimo.

Mas o persa não tem *handūl;* se algum escritor o emprega é como uma palavra peregrina. Em um livro árabe do século XI (*Kitāb 'Ajāīb-al-Hind,* citado em tra-

[1] «Descuidei-me de contar os uzos e costumes dos Malabares e Gentios da India, o que prova a minha pouca memoria». *Id.,* cap. 4.

[2] «O Rey he Idolatra, ainda que alguns pensárão que era Christão; mas procede isto de não terem sabido tanto dos seus uzos, como nós, que temos negociado bastante em Calicut». *Id.,* cap. 12.

[3] «Assentando-se como provavel a hypothese de tal palavra ser de origem estrangeira, não basta encontrar na lingua, d'onde se suppõe vinda, um vocábulo semelhante na fórma e na significação... é indispensavel explicar históricamente como e quando poude vir para cá». António de Vasconcelos, *Gramm. Hist.,* p. 99.

dução francesa no Glossário anglo-indiano) vem mencionado e explicado o têrmo: Le même m'a conté qu'à Serandib [Ceilão] les rois et ceux qui se portent à la façon des rois, se font porter dans les **handoul** *(handūl)* qui est semblable à une litière, soutenue sur les épaules de quelques piétons».

Ben-Batuta (1325-1356) também se refere ao *andor* indiano e o descreve: «Passados dias vierão rapazes da casa de Almagduma Jahan com **Addula**, que he a liteira em que se transportão as mulheres, e em que montão tambem os homens, que se assemelha a huma cadeirinha de mãos, cujo tecto he de tranças de seda e algodão, e sobre a qual ha um páo curvado...de cana indiatica maciça, a qual liteira conduzem oito homens, quatro por cada vez, descançando os outros quatro [1]».

Shakespear, no seu dicionário hindustani-inglês, deriva *handolá*, não do árabe ou do persa, mas do sânsc. *hindola*, «redoiça, berço baloiçante ou maca; redoiça ou liteira ornamentada em que se levam imagens de Crixna durante a festividade de Redoiça *(Swinging-festival)*», Monier Williams).

Demais, é no Malabar que os portugueses primeiro conheceram o veículo e aprenderam o seu nome, e é naturalmente nessa região que se deve buscar a origem de *andor*, visto que a filiação de palavras anda, de ordinário, conexa com a sua pátria. Desconhecer a história dum vocábulo, quando há bastos elementos para a saber, e indagar a sua procedência, é disparate de *primo cartello*.

Ora o malaiala (idioma do Malabar) possui *aṇḍōla*, que, na sua passagem para o português, devia normalmente, pela lei de atracção, assumir a forma de *andor*. Cfr. *mogor*

[1] *Viagens* do celebre arabe Abu-Abdalla, mais conhecido pelo nome de Ben-Batuta, traduzidas por José de Santo Antonio Moura (Lisboa, 1876), II, p. 162.

por *mogol*. E que o vocábulo é vernáculo, inferimos dos paralelos: codágu *andala*, canarês e túlu *andaṇa* (idiomas dravídicos); singalês *andôreva* («palanquim candiano», conforme Clough; *va* é sufixo separável), concani *āndôl* ou *andôr*, hindustani *haṇḍolā*, bengali *āndola* (línguas neoáricas); os quais todos se entroncam no sânsc. *hindola*, que, por outra corrente e no sentido primário de «redoiça», deu o hindustani *hiṇḍolā*, marata *hindoḷā* ou *hinduḷā*, guzarate *hindoḷô*, concani *hinduḷó* ou *hindḷó*.

Não se pode com segurança derivar o têrmo português directamente do concani *āndôl* ou *āndôr*, actualmente em voga, o qual não consta ter existido ao tempo da conquista de Goa, parece, pelo contrário, importado do Malabar. O marata e o guzarate, idiomas da mesma família e mais aparentados, não o possuem, ao passo que teem *hindoḷā* e *hindoḷô*. D. Manuel menciona *andor* em 1505, e Afonso de Albuquerque (1513) emprega-o como palavra já divulgada. Seria necessário supor que o vocábulo foi introduzido no Concão pelos emigrantes de Tirhut (Bengala) no século XI, para o seu exclusivo uso, ou pelos «mouros» durante a sua dominação.

Conclui-se do que fica exposto que o *andor* veio directamente da Índia para Portugal, onde se restringiu na sua significação. A sua inserção no dicionário português pode estar concebida nos seguintes termos:

Andor, *s. m.* Padiola ornamentada, em que se levam imagens nas procissões; *(ant., pouco usado)* liteira, andas; *(ant., indiano)* maca portátil, suspensa em um varal por duas pontas. Do malaiala *aṇḍōla* < sânsc. *hindola*, «redoiça, maca».

II. — Machila, machira. Carruagem; cadeirinha

Machila, ou *manchila* é actualmente, na Índia Portuguesa, um leito portátil, feito de madeira com o fundo

e as testeiras de «rota» ou rotim, suspenso por meio de cadeias de ferro em um varal (que se chama «cana», por ser de bambu espinhoso), coberto com uma «tenda» para abrigo da chuva, ou encimado dum «tendilhão» para resguardo do sol, e conduzido por quatro homens commummente aos ombros, no qual vai de ordinário um só indivíduo, deitado ou sentado com as pernas extendidas.

Os nossos antigos escritores lêem *machira* e empregam o têrmo com referência à África Oriental.

Carruagem era considerada expressão mais vernácula para designar tal transporte; mas vai caíndo em desuso. Também ocasionava equívocos aos europeus modernos. Sei dum arcebispo de Goa, a quem um eclesiástico prometeu mandar uma «carruagem» para o seu transporte e mandou uma *machila*, quando êle esperava ter um carro. Mas que a denominação não era um desatino semântico, sabemos de Rafael Bluteau e do dicionário da Academia, que definem *andor* por «carroagem portátil». Sómente é de notar que nas colónias muitas palavras portuguesas vivem mais ou conservam os seus significados por mais tempo que na metrópole [1].

Modernamente entrou em uso outro férculo mais elegante, que é um mero aprofeiçoamento da *machila*, cujo nome leva às vezes, mas que é própriamente conhecido por «cadeirinha» [2]. É mais alta que a *machila* vulgar, que ainda hoje muitos preferem para longas jornadas, tem dois assentos a modo de cadeiras, em que podem ir duas pessoas

[1] 1842. — «*Boiazes* (homens que carregam com as **machilas**, a que no paiz chamam tambem **carruagens**». — *Annaes maritimos*, 1845, p. 147.

[2] «Moveu-se o cortejo, que era muito numeroso, pois se incluiam nelle quasi todos os trens da villa e algumas **manchillas**, em direcção a casa do noivo». — *O Ultramar*, de 25 de Novembro de 1915.

sentadas, uma à frente da outra, e é conduzida à cabeça por *boiás* especiais, que se chamam *baudis*, creio que por tratamento honorífico, e pertencem na maioria à casta de «curumbins». Também a *machila* pode ser levada à cabeça, para maior comodidade do «passageiro», mas nem todos os conductores são aptos [1].

*

Tanto os escritores nacionais como os estrangeiros, que falam da *machila* indiana, são do século passado. Rafael Bluteau e Domingos Vieira não o inserem nos seus dicionários.

O mais antigo testemunho nacional que encontrei é dos *Annaes maritimos* (1842), já reproduzido. Tomás Ribeiro (1873) refere-se-lhe muitas vezes: «A Deus e aos *boiás*, dissemos nós, e fechados os olhos e encapotadas as **machilas**, sentimos que boiavam em rumo incerto aquellas jangadas humanas». *Jornadas*, II, p. 52. — Lopes Mendes (1886): «A **machila** é uma especie de *palanquim*, que se usa em Goa para transporte de pessoas». *A India Portugueza*, I, p. 59.

Buchanan (1811) diz que visitou em **manjeel** a Inquisição de Goa, e Welsh (1819) menciona a **mancheel** do Malabar

[1] 1842. — «**Machilas**, *dolys*, e **cadeirinhas** servem em vez de carruagem, para uma só pessoa, suspensas à cabeça de seus conductores». — *Annaes maritimos*, p. 434.

1880. — «Depois é alguma aristocratica **cadeirinha** de Mandarim, que *koulis* (= cules) vestidos d'azul, de rabicho solto, vão levando a um trote arquejante para os yamens [repartições, ministérios] do Estado». — Eça de Queiroz, *O Mandarim*, p. 99.

1898. — «Para pequenas distancias faz-se uso da **cadeirinha**, de que ha duas variedades: a «da montanha», muito leve... A **cadeirinha** fechada, ou de visitas, é uma especie de guarita quadrada». — Joaquim Calado Crespo, *Cousas da China*, p. 30.

e descreve-a como «maca ou catre», que transportam seis homens. *In Glossary*. — «A unica especie de transporte aos ricos são os palanquins, ou antes **machilas** cobertas». Cottineau de Kloguen (1829), *An Historical Sketch of Goa* (traduzido por M. V. de Abreu), p. 163.

Mas na África Oriental a palavra *machira* é antiquíssima. Frei João dos Santos (1609): «E sabendo dos mesmos espias, que os portuguezes vinham diante do arraial dos cafres em **manchiras** e *andores*, e sem ordem alguma de peleja sahiram de noite da sua fortaleza secretamente». *Ethiopia Oriental*, I, p. 233.

João Baptista Lavanha (1611): «As quaes [mulheres] levavão os escravos do capitão mór ás costas em *cochos* [1], concertados ao modo de redes do Brazil, que em Cuama chamam **machiras**». *Historia tragico-maritima*, V, p. 30.

António Bocarro (1635): «E ficava por lhe fugirem os cafres [de Manamotapa] que o levavam em *andor*, a que chamam **machira**. Déc. XIII, p. 552.

P. António Francisco Cardim (1651): «Obrigaram tambem os mouros, que haviam trazido ao padre no cocho, a que o levassem por terra em uma **machina** (*sic*), cousa que responde ás redes do Brazil». *Hist. tragic.*, X, p. 182.

Nuno Queriol (1880): «Voltando-se para os officiaes, e tomando a posição servil de negro carregador de **maxila**, pedindo-lhes...». *Boletim da S. G. L.*, 2.ª série, p. 25.

---

[1] Parece que o autor emprega o termo no sentido de «tabuleiro». *Cocho*, aliás, significa «embarcação pequena» da África Oriental. «Este Xeque prometteo traria *cochos*, que são umas embarcações, como as canoas do Brazil, uns feitos de um so pao, outros de cascas de arvores cosidas com cordas. — Cardim, *Hist. tragic.*, x, p. 181. — «Tem madeiras tão grossas, altas, e direitas, que de hum só pão se faz hum *coxo*, que carrega seis, e sete moyos de mantimentos». Fr. António da Conceição, *in O Chronista de Tissuary*, II, p. 41. — A língua vernácula de Tete tem *cocho*. Vid. P. Cortois, *Diccionario Portuguez-cafre-tetense*.

P. José Cortois (1885): «O sr. governador levava uma **machila** (cadeirinha) feita de lona forte, e andou socegado; mas eu, infelizmente, não tinha senão uma **machila** em fórma de rede». *Ibid.*, 5.ª série, p. 503.

Na África Ocidental a rede ou *machila* é conhecida pelo nome de *tipoia*: «E então lhe fiz ver em bons modos quanto era odioso fazer apear das *tipoias* os viajantes, e o exigir d'elles que passassem a pé pela sua *banza* [côrte cafreal]... Vinha [o *dembo*] mettido em uma *tipoia* muito rica com cortinas de seda». — A. J. de Castro, *Roteiro da Viagem ao reino do Congo* (1845), *in Bol. S. G. L.*, 2.ª série, p. 55.

*

De machila se deriva *machileiro*, «condutor de machila», pouco usado na Índia.

1885. — «Mais de cincoenta **machileiros** e portadores estavam ás nossas ordens». — P. Cortois, *Bol. S. G. L.*, 5.ª série, p. 503.

1902. — «**Machileiros** ou carregadores de *machila*, especie de rede ou maca, em que os brancos se fazem transportar em viagem ou passeio». — João Coutinho, *A Campanha do Barué*, p. 190.

1911. — «Seguiria depois em *machila* até Diu percorrendo n'uma viagem de 17 horas um tracto de 75 kilometros, o que só se pode conseguir empregando dois turnos de bons **machileiros**». — José Emílio Castel Branco, *Bol. S. G. L.*, 29.ª série.

*

Yule & Burnell tiram o indo-inglês *muncheel* ou *manjeel* do malaiala *mañjīl*, que prendem ao sânsc. *mañcha*, «leito, estrado», e que se não encontra em todos os dicionários, que todavia registam *mañcham* e *mañchakam*. Nem Wilson o insere no seu *Glossary of Indian Terms*, ao lado de *doli* e *palki*. Das autoridades alegadas uma só se refere ao Malabar. Tambêm não se compreende como é que o sânsc. *mañcha*, que passou para quási todos os idiomas neo-

áricos *ipsis literis,* tomou tão sómente em malaiala a forma de *mañjīl* e um significado peculiar, sinónimo de «andor e palanquim», que existem na mesma língua, e a mais *ḍayanam.*

É verdade que o concani tem *māchīl* ou *māñchīl,* que passou para túlu (língua dravídica no Canará), na forma de *mañchilu,* juntamente com vários outros vocábulos. Vid. *Infl. do Vocabul. Port.* Mas isto não quere dizer que o vocábulo é vernáculo neste idioma, nem em malaiala. Um e outro teem, perfeitamente naturalizado, o têrmo *pangaio,* que sem dúvida é de origem africana, bem como, em concani, *maṇḍó,* «espécie de dança», e *batuque.*

Por outro lado, é incontestável que *machira* é o mesmo vocábulo que *machila,* com a única diferença de troca de *l* e *r* — fenómeno freqüentíssimo nas línguas, algumas das quais só possuem um dos dois fonemas, como o tetense, falado no distrito de Tete e no Zambeze inferior, que não tem senão *r.* Ora neste — e creio que nos outros idiomas ou dialectos afins — *machira* é, conforme Cortois *(Diccionario)* o têrmo correspondente a «liteira, palanquim». E os nossos escritores dão prioridade e caráoter africano a essa forma [1].

Parece, pois, mais consentâneo à razão derivar o indiano *machila* do africano *machira* que vice-versa. E neste caso, *machira,* no sentido de «liteira», identificar-se hia vocabularmente com *machira,* na acepção de «lençol grosso de algodão», que serviria outrora de fundo ou de capa à maca.

Em tetense, *chira,* é «lona indígena», e *machira* é o seu plural, como *mafuta,* «azeite», é o plural de *futa.* Morais (1858) regista o vocábulo *machira* com êste significado, mas os dicionários modernos omitam-no totalmente [2].

---

[1] *Tsamachira* é «liteireiro» em tetense.

[2] «Pano de seda que os Cafres deitam pelos hombros a modo de capa».

Eis as abonações do segundo significado de *machira:*

1569. — «Andão todos communmente vestidos com huns panos de algodão mal tapados... os quaes eu vi tecer perto da Sena, e chamão-se *machiras*» — P. Monclaio, *Bol. S. G. L.,* 2.ª série, p. 543.

1609.—«O vestido do rei [Quiteve] e dos mais senhores é um pano fino de algodão ou de seda... e outro muito maior do mesmo algodão que os cafres tecem, a que chamam *machiras,* ou de seda» — Fr. João dos Santos, *Ethiopia Oriental,* I, p. 82. — «Tecelões que fazem alguns panos grossos de algodão, do tamanho de um lençol meão, a que chamam *machiras*». — *Id.,* p. 83.

1667.— «Muita escravaria e *machiras* que são huns lençoes grossos de algodão e de muita serventia para o mocranga». — P. Manuel Barreto, *in Bol. S. G. L.,* 2.ª série, p. 45.

1696. — «Tem tambem muito algodão, de que os Cafres sabem fazer huns panos, a que chamam *machiras*». — Fr. António da Conceição, *in O Chronista de Tissuary,* II, p. 43.

À vista do que fica exposto, acho que o vocábulo pode ter no dicionário a seguinte inscrição:

Machila (machira, ant.), *s. f.* Nome de duas espécies de cadeirinha, usadas na África e na Índia para transporte de uma ou duas pessoas. Do conc. *māñchīl* ou, mais provávelmente da África Oriental (tetense *manchira* [1]).

*

Julgo oportuno referir-me às palavras *tenda, samatra* e *tendilhão,* que se relacionam com a *machila.*

Tenda, no sentido especial indiano, é a «cobertura de *machila,* feita de lona para o verão e de oleado para o inverno». «Alguem vimos nós abraçado com a maxima resignação á **tenda** deslocada da sua *machila,* como martyr á sua cruz» — Tomás Ribeiro, *Jornadas,* II, p. 37.

---

[1] Hesito na derivação directa da língua de Tete, que é sómente um ramo dos numerosos idiomas ou dialectos que se falam na região, e que eu não tive ensejo de estudar nas suas mútuas relações e de saber se de facto neles existe *machira* como têrmo vernáculo.

Em Quelimane a *tenda* de inverno compõe-se de *ola* ou folha de palmeira tecida, que toma o curioso nome de *samatra,* segundo me informa Monsenhor Gustavo Couto, que foi ali pároco por muitos anos.

Êste vocábulo, sendo originàriamente denominação geográfica, se aplicou à rajada no mar entre a península malaia e a ilha de Singapura, e depois se generalizou, na India e na África Oriental, a qualquer «borrasca». Vid. *Influência.*

Consta de Linschoten que também na Índia se faziam outrora *tendas de ola:* «Les voiles sont faits des feuilles qu'ils appellent *olas,* desquelles aussi les Canarins se servent au lieu de tuiles, et les Portugais en font des chappeaux contre le soleil, et des nattes et couvertures de *Pallanquins*». — *Histoire,* p. 102.

E mais explìcitamente Pietro della Valle: «Os *palanquins, andôres* e *rêdes* são cubertos exteriormente, para abrigo das chuvas, com **tendas** resistentes de folhas de palmeiras, isto é de coqueiro e outras arvores semelhantes, bem trabalhadas, que deitadas sobre a cana, pendem para ambos os lados, tendo duas portinholas que se podem abrir e fechar». — *Apud* Ismael Gracias, *A India,* p. 44.

Tendilhão é o «tejadilho móvel da *machila,* com fôlhos vistosos e dois cordões pendentes de um e outro lado, com os quais o «passageiro», dando-lhe a devida posição, se abriga do sol». «E as *machillas* começaram a passar e a repassar em vertigem febricitante, travando-se por cima das nossas cabeças a guerra dos **tendilhões**, que se rasgavam e furavam reciprocamente». — Tomás Ribeiro, *Jornadas,* II, p. 37, — «Ainda bem que as nossas *machillas* tinham trocado por **tendas** de inverno os seus iriados **tendilhões** de folhos». — *Id.,* p. 51.

«Ás *rêdes, andôres* e *palanquins* sucederam as *machilas,*

de varias formas para uma e duas pessoas, com mais ou menos vistosos **tendilhões** durante o verão». — Ismael Gracias, *A India em 1623 e 1624* (Nova Goa, 1815), p. 44.

III. — Palanquim

§ 1.º — Sematologia.

Á vista das descrições e aplicações que escritores nacionais e estrangeiros fazem de *palanquim,* claramente se depreende que o vocábulo tem sido empregado com bastante elasticidade. No seu mais amplo significado, *palanquim* é «qualquer veículo oriental, em que se transporta uma pessoa e que é conduzido por homens».

Há até autores que deslocam, por analagia, o têrmo para outras regiões. *Welsh (Reminiscences,* 1808) diz que os transportes da ilha da Madeira são de três espécies: «cavalos, mulas e uma liteira, chamada **palanquim**, que é uma cadeira da forma de tina de banho, com um varal atravessado, levado por dois homens, como os *dolins* no Oriente. Mas Monsenhor Manuel Miranda, cónego da sé do Funchal, informa-me que a tal liteira é conhecida ao presente pelo nome de «rêde».

Outro escritor, da mesma nacionalidade (Dean Stanley, *Christian Institutions,* 1881) atesta que «na grande procissão do dia de *Corpus Christi,* quando o Papa é transportado em um **palanquim** em volta da praça de S. Pedro, geralmente se crê que as almofadas e a armação são de tal modo arranjadas, que o põem em estado de suportar a fadiga da cerimónia assentando-se, em quanto ao espectador parece que está de joelhos». Comunica-me de Roma Monsenhor José de Oliveira Machado, reitor da igreja de Santo António, que era o povo que usava de tal denominação, sendo o seu nome oficial *talamo,* como consta de Moroni,

que o descreve minuciosamente e atribui a sua introdução a Alexandre III, passando depois por várias modificações. *Dizionario di Eruduzione Storico-ecclesiastica,* IX, pp. 47-48.

Neste sentido genérico, o *palanquim* abrange o *andor,* a *machila,* o *dolim,* o *catre,* a *cadeirinha.* Não deve causar estranheza esta indefinibilidade da palavra, se atentarmos nas múltiplas modificações, descritas por Tomás Williamson, por que tem passado o artefacto denotado por esta expressão, como igualmente tem acontecido com os carros na Europa.

Na acepção mais característica e em distinção do *andor* e da *machila, palanquim* tem a cana arcual ao meio e o fundo imóvel, a fim de uma pessoa poder sentar-se mais à vontade; e como tal, era mais cómodo e mais caro que os outros transportes. [1]

Alguns estrangeiros mencionam esta peculiaridade de curvatura. Linschoten, que não fala de *andores,* diz: «On les [bambus] ploye et courbe soigneusement dez leur tendreur pour s'en servir à porter les litieres des grands appellées *Pallanquins*». *Hist.,* p. 107.

Pietro della Valle (1623) narra que em Goa havia três sortes de transportes acarretados por homens: *rêde,* que agora não se usa, *andor* e *palanquim;* e que o *palanquim* diferia dos outros em ter o varal arqueado, sendo por isso mais conveniente e dispendioso [2]. A esta superioridade

[1] Semblablement des *Persintos* [precintas] qui sont des bandes pour mettre sous les litieres et chalicts *(sic)*». Linschoten, *Histoire,* p. 20.

[2] «Taes transportes [rêdes] são diferentes dos *palanquins* e *andôres,* pois nestes, das canas pendem não rêdes, mas liteiras ou leitos pequenos, nas quaes o individuo se senta com as pernas estendidas sobre almofadas, indo assim comodamente. Tambem o *palanquim* difere do *andôr,* porque neste a cana é direita, como nas rêdes, e naquele para comodidade da pessoa que vai... a cana é curvada». — *Apud* Ismael Gracias, p. 43.

do *palanquim* também se refere a *Chronica dos Reys de Bisnaga* (já citada em *andor,)* bem como Grose (c. 1760), que diz: «Da mesma natureza que os *palanquins,* mas de diferente nome, são os que êles chamam *andolas*... êstes são mais baratos e menos estimados».

Seria em um dêstes *palanquins* descobertos que foi levado pelas ruas da cidade o cadáver do conquistador de Goa. «Onde [ao cais] assy chegando, toda a gente fez grande pranto e por todalas ruas as molheres casadas e solteiras, que era cousa espantosa. Os capitães leuarão assy assentado na cadeyra, posto sobre hum **palanquim,** que era visto de todo o povo». — Gaspar Correia, *Lendas,* II, pp. 459-460.

É também a semelhantes transportes que alude Linschoten (1558): «Puis vient l'Espouse entre deux Commeres portées en leurs **Palanquins** ou litieres fort richement ornées». — *Hist.,* p. 61.

Da meia dúzia de estampas coloridas de *palanquim,* que o predito auctor intercala na sua monumental obra, distintamente se notam as características dos veículos de que se servia a aristocracia portuguesa de Goa no fim do século XVI. A cana, que tem uma curva no meio, é conduzida por dois possantes homens, trazendo o da dianteira um grosso bordão na mão esquerda. O leito tem armação de madeira com o fundo acolchoado e bordos franjados. O *palanquim* das damas tem uma «tenda» ou capa apropriada à estação. O dos cavalheiros é descoberto, mas ladeado pelo «boi» ou portador de «sombreiro» ou umbela. Um e outro é acompanhado de séquito, de fámulas que levam a alcatifa, o leque, o livro de orações, ou de soldados e escravos, não faltando o «bicho» ou pagem. O palanquim do embaixador do rei de Balagate pouco ou nada difere, e parece ter servido de modêlo aos nossos, sómente a comitiva é doutra espécie [1].

[1] O fidalgo a cavalo tem igualmente o boi de sombreiro, o negro

Mas Garcia da Orta não reconhece que a curvatura seja o apanágio exclusivo do *palanquim,* pois diz: «Tem os ramos direitos pella maior parte, senão alguns delles, que vem de boa feiçam, que atortam e acorcovam para fazer as canas dos **palanquins** e *andores* que na India se usam». — *Coloquio* 41.

E Ben-Batuta e Gaspar Correia, já citados, atribuem a curvatura ao varal do *andor*. Neste caso, a não se admitir a translação de nomes ou factos isolados, a diferença consistiria no feitio dos leitos, não sendo de presumir que o *andor* e o *palanqmim,* quando ocorrem conjuntos, sejam perfeitamente sinónimos. «Cento e duzentas molheres de sua pessoa [do rei de Bisnaga], as quaes vem em **palanquins** e *andores.*» Gaspar Correia, IV, p. 460. — «Serve esta qualidade de bambu para cannas de *andor* e **palanquim**». — Fr. Clemente da Ressurreição *apud* B. F. da Costa, *(Manual do agricultor),* II, p. 313.

Na acepção mais restrita e moderna, o *palanquim* é o mesmo que o *myāna* do hindustani e outros idiomas, como nota Molesworth no seu dicionário marata, isto é, liteira em forma de caixão, com dois varais fixos no centro das extremidades, conduzida aos ombros por quatro ou seis homens, na qual um indivíduo se faz transportar, cómodamente assentado ou recostado.

Era êste o veículo de que se serviam, de preferência, os europeus na Índia desde os princípios do século XIX, e que actualmente vão caíndo em desuso nas principais cidades, e que em Goa é circunscrito ao serviço religioso com a denominação de «côche ou dolim». «Ele [arcebispo de Goa] tem como o Governador duas sortes de transportes, **palanquim** à moda dos de Bombaim e um escaler, bem

de mandil, o bicho e o «faraz de enxota-moscas», além de guardas de espada e lança,

pintado e aceado» [1]. — Cottineau de Kloguen (1829), p. 106.

O *palanquim* chinês ou «cadeirinha fechada» é, conforme o testemunho de Joaquim Calado (já reproduzido), uma espécie de «guarita quadrada». «Se lhe não agrada a noiva, fecha o **palanquim** e devolve-o com o seu precioso contéudo aos paes da que fôra escolhida para sua mulher». — *Cousas da China* p. 74.

O mesmo se depreende igualmente dum artigo do *Panorama* (10 de Fevereiro de 1838): «Á mesma hora entra a menina n'um **palanquim**, ataviada com pompa, e seguida do seu dote... Um domestico de confiança guarda a chave do **palanquim**, a qual não deve entregar senão ao marido, que espera a esposa em meio caminho da casa. Logo que se encontram recebe do domestico a chave, apressa-se a abrir o **palanquim**, e avalia então a sua boa ou má fortuna; alguns ha que, descontentes da sua sorte, fecham muito depressa o **palanquim**, e recambiam a donzella com toda a comitiva» [2].

O autor da *Chronica dos Reys de Bisnaga* (1535) contenta-se com dizer que *andores* e *palanques* «são como andas». «Leua [o rei] vinte cinco ou trinta molheres das suas mais pryvadas, as quoaes vão em cada huũ seu **pallamque**, que são como amdas, e o **pallamque** da molher pryncipall he todo cuberto de panno de grão borllado d'alljofar gramde e grosso e de por ellas gournecido d'ouro somente, os **palãques** das outras molheres são

[1] «De ha muito que se não usam em Goa as *rêdes,* nem os *andôres* e *palanquins,* de que fala o viajante. *Palanquins* vêm-se de raro em raro nos prestitos nupciais dos indús bramanes, os quais logram a posse e gôso exclusivo em tais ocasiões, desse transporte e de certas insignias». — Ismael Gracias, *loc. cit.*, p. 44.

[2] «Celles qui sont de quelque dignité sont portées par les rues en litieres treillissées à travers lesquelles elles peuvent voir sans estre veues de personne». Linschoten, p. 22.

goarnecidos somente de prata, e outro **palamque** de sua pessoa que vay a destro em hũa amda do mesmo teor goarnecido d'ouro» (p. 61).

Não se sabe que forma tinham os *palanquins* de Pegu, de que fala Fernão Pinto (1545): «Logo atraz delle em tres **palanquins** vinha Nhay Canoto, filha que fora do Rey de Pegu passado, a quem este Bramà tomara o Reyno, e mulher do Chaubainhá com quatro filhinhos seus ».—*Peregrinação,* cap. 50.

No conceito de Castanheda, *palanquim* é um esquife: «Quando ya a terra por mostrar que se não podia ter, leuauão no em hũ **palanquim**, que sam como Esquifes e leuauão no homens e ya cercado de fidalgos».—*Hist.*, VIII, cap. 164.

Para Fr. Jacinto de Deus (1679), *palanquim* era «cadeira»: «Sua mulher, e as mais dos principaes fidalgos, nos proprios **palanquins** (que sam as cadeiras em que andam) lho [sustento] levavam pessoalmente com muita abundancia».—*Vergel de Plantas,* p. 361.

Conforme Bernardin de Saint-Pierre (1791), *palanquim* é sinónimo de *machila* ou *dolim:* «... lui donna, pour le porter à Jagrenat, un **palanquin** à tendelets de soie cramoisie, à gland d'or».—*La Chaumière Indienne.*

Tomás Ribeiro (1873) também é da mesma opinião, mas distingue duas espécies: «Ha [em Bombaim] muitos velocipedes, e *maxilas* (**palanquins**), transportadas á cabeça dos *boiás* (conductores), sendo as *maxilas,* umas em fórma de cadeiras, outras de camas, em que se vai recostado sobre almofadas».—*Jornadas,* I.

La Grande Encyclopédie toma *palanquim* no sentido genérico, compreendendo os outros transportes similares: «**Palanquin.** Sorte de chaise ou litière portée sur les épaules et dont on fait usage pour voyager dans les pays chauds, particulièrement en Chine et dans l'Inde. Les **palanquins** sont généralement découverts et surmontés d'un dais [«sombreiro»] porté par des domestiques».

Que as expressões *palanquim* e *andor* se empregavam promíscuamente, sem distinção específica, consta de vários factos, que ao mesmo tempo insinuam a prevalência do primeiro têrmo. O Foral de D. João III (1525), por exemplo, proíbe, como já vimos, o uso de *andor* sem licença do governador, e o alvará do governador da India, de 15 de Dezembro de 1574, menciona *andores* e *palanquins;* mas o vice-rei Matias de Albuquerque (1591) substitui a palavra *andor* por *palanquim:* «Nenhũa pessoa de qualquer calidade que seja ande em **palanquim** sem minha expressa licença salvo aquelles que passarem de sessenta annos». Parece que não é de supor que os *andores* tinham inteiramente desaparecido ou que o seu uso era indistintamente permitido a todos [1].

Também o 2.º Concílio de Goa (1575) só faz menção de *palanquim:* «Declara o Concilio que da honra, que o Decreto 27 do 1.º Concilio veda aos infieis, se entende andar a cavallo e em **palanquim**, e trazer sombreiro de pano».—*In Archivo Portuguez-Oriental,* fasc. 4.º, p. 97.

Mas é sobretudo o *palanquim* coberto com cortinas que provocava as censuras das autoridades, por ocasionar ofensas à moral.

O 5.º Concílio (1606) insta com o vice-rei para que proíba semelhante transporte, e da sua parte, interdiz aos

[1] «É proibido aos homens andar em **palanquins** nos territórios portuguêses da Índia, por ser cousa efeminada; contudo visto os portuguêses serem pouco observantes das suas próprias leis, foi tolerado, a principio, o uso durante as chuvas, depois actuaram os favores e presentes, até que os **palanquins** se tornaram tão geraes, que quasi todos se servem deles á roda do ano inteiro».—Pietro della Valle (1623), *apud* Gracias, p. 45.

eclesiásticos o seu uso sob pena de excomunhão e multa de cem *pardaos*, «pagos ao aljube[1]».

Defendeo [o vice-rei D. Pedro Mascarenhas] que nenhũa molher publica andasse em **Palanquim**, senão descoberta»[2]. Couto, Déc. VII, I, 12.

Em todo caso, pelo declinar do século XVI o *palanquim* foi suplantando o *andor* para o serviço de pessoas elevadas e ricas, especialmente na Índia Portuguesa. Numerosas são as autoridades: «O Governador ya em hum **palanquim**». — Couto, IV, V, 10.

1615. — «Todas as ruas [de Goa] estão cheias destes homens [boís] promptos para todo o serviço, ou seja para levar sombreiros e **palanquins**». — Pyrard de Laval, *Viagem* (tradução de Cunha Rivara), II, p. 38.

1635. — «Mandaram tirar duas espingardadas d'entre o mato, das quaes huma lhe acertou na cana do seu **palanquim**». — António Bocarro, Déc. XIII, p. 46.

1653. — «Lorsqu'un gentilhomme portugais va faire une visite, il sort en **palanquin** ou à pied». — Le Gouz de la Boullaye, *Voyages*.

1676. — «Ceux qui ont le plus de moyen de prendre leurs aises se servent d'un **Palanquin**, dans lequel on voyage fort commodément». — Tavernier, *Voyages*, III, p. 37.

1700. — «Alcuni ponendosi in **Palanchino**, ed altri sopra superbi destrieri...». — Gimelli Careri, *apud* Gubernatis, *Storia*, p. 265.

1882. — «**Palanquins** de serviço de principes, notando-se entre elles um primoroso **palanquin** de marfim para dorso de elephante». — Henrique Prostes, *Boletim da S. G. L.*, 4.ª série, p. 388.

1900. — «Não escapando á sua observação o **palanquim** agaloado de ouro d'un frade que n'aquelle momento por elle passava». — António Francisco Moniz, *Hist. de Damão*, I, p. 5.

[1] Os autores do *Glossário* anglo-indiano traduzem a frase por «*to the church court* e declaram que não estão certos do sentido. *Aljube* era «cárcere eclesiástico».

[2] «Agora está para morrer, e quando passei pela sua porta estauão muitos gentios parentes seus pondo o em hum **palanquim** fechado com almadia prestes para o passarem à outra banda, e là no monte lhe fazerem suas cerimonias». — Fr. António de Gouveia, *Jornada*, f. 128.

1906. — «Tambem vi os **palanquins**, todos de madeira lavrada e rendilhada, em que os *botos* [sacerdotes] se fazem transportar, quando fazem as visitas pastoraes». — Hipácio de Brion, *Duas mil leguas no Hindustão*, p. 59.

§ 2.º — Etimologia.

O vocábulo sânsc. *paryaṅka*, ou *palyaṅka* (êste pouco usado), que significa «leito, canapé» e a que Monier Williams tambem atribui o significado de «liteira»,[1] representa-se em páli, língua sagrada dos budistas, por *pallaṅko*, com ambos os sentidos, conforme Childers; e em neo-áricos, tais como hindustani, marata, concani, guzarate (que também tem *paryaṅka*) por *palaṅg*, «leito, sofá».

Na acepção, porêm, de *andor* ou *machila*, aparece em todos os idiomas, quer áricos, quer dravídicos, sob as formas de *pālkī, pālkhī, pālgī, pallakki, pallakku, pallakkiya*; e em malaio-javanês, *pĕlángki, plángki* ou *palángking*.

Á derivação indiana do port. *palanquim*, que nesta forma passou para outras línguas europeias, obviam duas variantes, que consistem nas duas nasais a mais, *pala(n)ki(m)*. Quanto à última nasal, é fenómeno bem sabido que o *i* final tónico das palavras orientais se nasaliza na sua transição para português, como em *chatim, lascarim, mandarim, samorim, Pangim, Baçarim, Cochim*. A *Chronica de Bisnaga*, porêm, ortografa *pallanque*.

A dificuldade está em dar a razão da nasal medial. Yule & Burnell subministram a seguinte explicação: «Ha uma palavra espanhola *palanca* (B. Latim *phalanga*) para um pau usado para acarretar pêsos aos ombros de dois portadores (chamados em espanhol *palanquins*)... É bem possível que esta palavra (ainda que nós a não encontremos nos dicionários portugueses) influísse na forma em

[1] O Dicionário de S. Petersburgo e os de Böhtlingk, Burnouf, Cappeller e Apte não consignam tal significado.

que os primeiros portugueses que visitaram a India tomaram o vocábulo».

Semelhantemente, Gonçalves Viana (*Apostilas*) admite a possibilidade da influência da palavra *palanque* na forma portuguesa, «se esta palavra não é meramente um primitivo ideado, por se supor *palanquim* forma diminuitiva». Reconhece, porêm, que «o vocábulo tem várias acepções bem portuguesas; ao passo que *palanquim* nunca se vulgarizou no continenente, a não ser em tempos modernos, mercê de o povo ouvir nomear assim os *andores* e *andas*, que nos teatros figuram com cenário oriental»[1].

A admitir-se a procedência imedita do páli *pallaṅko (palangka,* conforme o *Dic. Contemporâneo* e o *Novo Dic.,* 1.ª edição), a dificuldade fica por si resolvida. Mas o páli era língua morta antes da era vulgar, e ha quem duvide que fosse falada por algum povo (vid. *Influência,* p. XLVII); não podia, por isso, ser o órgão transmissor. O idioma indiano em que o páli exerce mais influência é o singalês de Ceilão, e êsse tem *pallakkiya* (*ya* sufixo separável na frase).

Se pudéssemos localizar na Índia insular o berço do vocabulo português, o malaio-javanês *palángki,* ou, como regista Wilkinson, *palangking,* seria evidentemente o étimo. Mas a vernaculidade do têrmo malaio, bem que de origem indiana, ou, pelo menos, da sua forma actual parece suspeita, não constando que fôsse corrente na região quando lá chegaram os portugueses, e vogando os sinónimos indígenas *kremun, tandu, usongon; joli,* indiano. Nem sei de

[1] Na *Chronica de Bisnaga* (1525) também vem *palanque* no sentido europeu: «Da banda direyta do terreyro estão feytos de madeyra hũus *palamques,* estreytos muyto altos tanto que por cima dos muros erão vistos... e estes *pallamques* não estão neste lugar sempre, mas são feitiços pera estas festas, os *palanques* erão onze». Pp. 102-103.

algum autor que empregue a voz *palanquim* com relação a Malaca, a qual não se encontra nos vocabulários dos outros ramos da família lingüística.

A forma usual em malaiala é *pallakku,* como em tamul, ou *pallakki,* como em canarês. Mas Gundert regista no seu dicionário *pallaṅkī,* que tem ressaibo de influência portuguesa. O mesmo lexicógrafo também insere *pagodi* como nome do templo da deusa Durgá, do qual deriva o port. *pagode;* mas Burnell sustenta o contrário, considerando o vocábulo português como étimo do malaiala.

É verdade que o túlu tem *palleṅki,* ao lado de *pallaki,* que não se coaduna com o malaiala *pallanki* nem com o port. *palanquim,* mas sim com o indo-inglês *palanquin.* Alêm disso, a influência dessa língua no português é nula.

Da minha parte, o que acho mais extraordinário é que nenhuma língua indiana tenha conservado a nasal da origem, que se mantêm em *palang,* «leito», de que *pālkī* ou *pallaki* tem todas as aparências de ser forma diminutiva, no sentido de «camilha», que bem lhe quadra. Normalmente, por tanto, devia ser *palaṅgī* ou *palaṅkī.* E de facto, o hindustani, o marata e o guzarate teem *palaṅgḍī,* como diminutivo depreciativo, na acepção de «leito pequeno e ordinário».

Mas Shakespear não deriva o hindustani *pālkī,* como deriva *palang,* imediatamente do sânsc. *palyaṅka,* senão do hindi *pālakī.* Ora o hindi possui outra forma concurrente, *nālakī,* que tem visos de provir da transposição da nasal medial. Pode-se, por conseguinte, conjecturar que a desnasalização se operou no hindi e se transmitiu às outras línguas indianas.

Também se explica a eliminação da nasal pela lei do menor esfôrço, visto que o *a* que segue o *l* é surdo em uns idiomas áricos e mudo nos outros. O sânsc. *maṁsa* (leia-se *mañça*), «carne», atenua-se em concani e no ma-

rata popular em *mãs*. Pela mesma razão, o sânsc. *ānanda* sôa no concani vulgar *anad*, «gloria».

Admitido, porêm, que a nasal da dição portuguesa não seja etimológica, não é indispensável recorrer a *palanque* ou *palanca*, para a explicar. Podia a própria expressão desenvolvê-la, sem influência externa, como aconteceu em *fiandeiro* e *lavandeira*, e nos vocábulos japoneses *bōzu* = bonzo, *byōbu* = biombo.

*

Conclui-se do que fica exposto que não é fácil definir compreensiva e caracterizadamente, em poucas palavras, o vocábulo *palanquim* e indicar com exactidão o seu étimo.

O *Diccionario Contemporaneo* regista-o do seguinte modo: «Liteira usada na India e na China, e na qual as pessoas mais ricas se fazem transportar aos hombros dos seus servos. ‖ O que conduz o palanquim. ‖ Rede suspensa em um varal por duas pontas e na qual vai alguem sentado ou deitado».

O *Novo Diccionário* (de C. de Figueiredo) pouco difere: «Espécie de liteira, em que as pessôas mais ricas da Índia e da China se fazem transportar, conduzidas por servos; machila; rêde suspensa, em que se descansa ou dorme».

Não sei onde é que se dá o nome de *palanquim* ao «conductor» da liteira e à «rede suspensa, em que se descansa ou dorme»; na Índia e na China, certamente que não. Nem se limita a essas regiões o uso do transporte e a sua denominação na bôca dos europeus, nem sempre são servos os que o conduzem[1]. — «... indo eu em hũ **palanquim** que elles chamão *Norimono* até chegar lá». P. Luís Fróis,

[1] Há cidades no Oriente onde se encontram nas praças palanquins de aluguel, do mesmo modo que trens na Europa, e os que os conduzem constituem de ordinário casta na Índia.

Cartas de Japão, I, f. 260 (edição de Évora). — «Chegado o dia em que avia de fallar ao *Cubo* [ou *xógun*], foi ao paço vestido com o trajo ordinario de bispo em hũas andas ao modo de Japam, leuadas em hombros de homens, ao uso ordinario da terra». P. Fernão Guerreiro (1611), *Relação annal*, f. 112 v.

Há *palanquim* e *palanquim*. O dicionário da Academia Espanhola regista três, com inscrições separadas: «**Palanquin.** (De *palanca*, lat. *phalanga*.)m. Ganapán ó mozo de cordel que lleva cargas de una parte á otra. — **Palanquin** (Del ital. *palanco*, rodillo,)m. Mar. Cada uno de los cabos que sirven para cargar, etc. — **Palanquin** (Del pali *pallangka*; del sánsc. *paryanka*.)m. Especie de andas que se usan en Oriente, para llevar á los personajes».

Domingos Vieira adopta o significado do primeiro homónimo: «Dá-se tambem este nome ao que carrega ou transporta». E Morais (edição de 1858) acrescenta: «E são dous um de cada extremo da vara que vae aos hombros»; concordando assim com o que diz o Glossário Anglo-indiano com referência ao castelhano.

A minha definição tambem não será isenta de defeitos, mas sempre vou dá-la, para o complemento do artigo.

Palanquim, *s. m.* (Mod.) Grande caixa oblonga ou quadrada, com um varal para a frente e outro para trás e com portinholas de ambos os lados ou de um só, a qual é conduzida aos ombros por quatro ou seis homens e na qual vai no Oriente uma pessoa sentada ou deitada; (ant.) é na Índia o mesmo que *andor* ou *machila*, mas com o fundo fixo e a cana ordináriamente arcual, para maior comodidade; (ext.) qualquer transporte oriental, ou análogo acarretado por homens. Do neo-árico *pālakī* (páli *pallaṅko*) < sânsc. *palyaṅka* ou *paryaṅka*.

IV

Bazar [1]

Bazar quere dizer no Oriente «mercado» em geral, e às vezes «feira». «Do persa *bāzār,* mercado permanente ou rua de lojas. A palavra propagou-se para o Ocidente em árabe e turco, e, com sentidos especiais, em línguas europeias, e para o Oriente na Índia, onde foi geralmente adoptado nos idiomas vernáculos». *Glossário Anglo-indiano.*

O Dr. Heyligers *(Traces de Portugais)* presume que os portugueses teriam recebido o têrmo dos povos do Levante ou dos mouros da península, e introduzido no arquipélago malaio. E Fr. João de Sousa observa que *bazar* é palavra antiga e pouco conhecida. Mas os nossos indianistas, quando falam de *bazar,* explicam de ordinário o seu sentido.

1544. — «E que o q̃ daly por diante fizesse união nos **bazáres,** ou tirasse sangue a qualquer pessoa, fosse morto a açoutes o mesmo dia». — Fernão Pinto, *Peregrinação,* cap. 115.

«El Rey se recolheo, e os **Bazares** se levantarão, e todas as janellas e portas das casas se fecharão». — *Id.,* cap. 167.

1554. — «A Renda do **bazar,** que é das boticas onde se vendem as cousas por miudo». — Simão Botelho, *Tombo,* p. 124.

1556. — «Estão em hum alto á maneira de fortaleza junto do **bazar** que he a praça». — Lopo de Sousa Coutinho, *Hist. do cerco de Diu* (1890), p. 112.

1563. — Então o armenio mandou hum seu criado com elle, que andou pelo **bazar,** que he a praça». — Gaspar Correia, *Lendas,* I, p. 823,

[1] Não trato aqui do vocábulo *baju,* que corre em algumas regiões de Portugal, assim por não estar generalizado, como por ter originàriamente acompanhado uma peça de vestuário oriental, trazida para Europa; bem assim por estar suficientemete explanado na *Influência do Vocab. Port., s. v. cotão.*

«As miudezas de **bazar** do comer se comprauão por huma moeda d'estanho, a que chamam *calayns*». — *Id.,* II, p. 256.

1563. — «**Bazar** quer dizer luguar donde se vendem as coisas». — Garcia da Orta, Col. XLV.

«Estando huma tarde no **bazar** (a que nós chamamos praça ou feira)...». — *Id.,* Col. LIV.

1558. — «No **Bazar** [de Mombaça], id est, na praça, corre huma moeda de prata». — P. Monclaio, *Boletim da S. G. L.,* 4.ª série, p. 500.

1613. — «O menos que cada sabbado se vende no **bazar** [de Ceilão] são cem pardáos de aljofar». — P. Manuel Barradas, *Hist. tragico-marit.,* II, p. 95.

1615. — «Os seus mercados, a que elles chamam **Bazar** [no Malabar], são tão cheios durante o dia inteiro de toda a sorte de povo, que mal se pode por elles passar». — Pyrard de Laval, I, p. 340.

«Chama-se este sitio o *Caes de Santa Catarina,* e tambem **Bazar** *de peixe*» [em Goa]. — *Id.,* II, p. 37.

1616. — «Junto a este arraial estava hum mercado, ou **bazar,** como lhe chamam na India». — Diogo do Couto, Déc. XI, x, 32.

1651. — «Fabricou a Cidade no **Bazar** de Sancta Catharina, hum espaçoso caes, cujo material cobrião varias alcatifas». — J. F. de Andrade, *Vida de D. João de Castro,* p. 324.

1578. — «... por quanto la plaça entre aquella gente (principalmente del Malabar) se llama **Bazar**». — Cristóvão da Costa, *Tractado,* p. 155.

1586. — «Là servono [os caurins] per moneta per comprar certe cose solamente, come le minutezze del **bazarro**». — F. Sassetti, *Lettere,* p. 287.

1666. — «Les **Bazards** ou Marchés sont dans une grande rue». — Thevenot, *Voyages,* III, p. 18.

1676. — «Il y a des **Bazars** ou Halles pour les marchandises qui sont bien bâtis». — Tavernier, *Voyages,* I, p. 70.

1883. — «Depois do almoço desci ao **bazar** do hotel, que ocupa o rez-do-chão. É um grande armazem de fato, roupa branca, mobilia, objectos de escriptorio, malas e petrechos de viagem». — Adolfo Loureiro, *No Oriente,* I, p. 148.

*

Vê-se daqui que a palavra **bazar** era desconhecida para os nossos escritores, mas muito vulgarizada na Índia, donde

os portugueses a trouxeram para o continente no período das conquistas, como tantas outras, que depois ficaram obsoletas. Se efectivamente os mouros a introduziram na península, o que não consta, devia estar então esquecida. E é improvável que a importassem, se o sentido primário, consignado pelos nossos dicionaristas, é «mercado oriental»[1]. As outras acepções portuguesas são modernas, algumas das quais provieram doutras línguas europeias[2].

É, por tanto, erróneamente, a meu ver, que os dicionários apontam o vocábulo árabe por étimo do português, com que não tem nenhuma relação de procedência. Parece que os nossos lexicógrafos entendem que, se um têrmo é de origem pérsica, a sua transmissão devia necessáriamente realizar-se por via do árabe, sem nenhuma prova do tempo ou do modo da sua intervenção, mas sómente pelo facto de existir tal têrmo nessa língua. Convêm, porêm, notar que muitos dos termos persas, (e até árabes) entraram directamente em português nos séculos XVI e XVII por via da Índia, onde o persa era língua da côrte e oficial dos reis muçulmanos, que nessa exaravam os seus tratados com as autoridades portuguesas. Vid. *Influência,* p. LXIX.

Cumpre, todavia, observar que a palavra *bazar* aparece em italiano no século XIV. Balducci Pegolotti, no seu *Manual Mercantil,* 1340, dá *bazar* como têrmo genuês para «mercado». Vid. *Glossário Anglo-indiano.*

---

[1] «**Bazar.** Na India, e em outras terras do Oriente, particularmente na Persia, he hua especie de rúa comprida, larga, e abobedada, em que se ajuntão os homens de negocio, ou he a praça, e cabanas em que se vende hortaliça, peixe, e outros mantimentos». Bluteau.

[2] Agostinho Barbosa (1611) não o regista no seu dicionário português-latino.

*

O Sr. Cândido de Figueiredo regista, com nota de antigo e não dado por outros dicionaristas, o derivado *bazareiro,* no sentido de «mercador de bazar». Não sei se a palavra foi em algum tempo usada na motrópole; na Índia Portuguesa, porêm, é corrente.

1840. — «**Bazareiros** do *bazar* de Sanquelim». — F. N. Xavier, *Collecção de Bandos*, I, p. 298.

1886. — «Tinham de satisfazer aos mesmos **bazareiros**, que por este exclusivo pagavam á fazenda publica a renda do *bazar*». — Lopes Mendes, *A India Port.*, II, p. 15.

Cumpre observar que muitos dos nossos antigos escritores dizem *pedra bazar,* ou simplesmente *bazar* por *bezoar,* forma modernamente vulgarizada, a qual vem do árabe *bādizahr* ou *bāzahr,* do persa *pādzahr* ou *pāzahr.* — «... são tamanhos como corças grandes que crião huma pedra no bucho a que chamão **Bazar**». António Tenreiro, *Itinerario*, cap. 3. — «E eram ervas babosas, as quaes causaram taes agonias, que se as não aliviaram os que as comeram com **bazares** e vomitos, morreram por ser peçonha». Bernardo Feio, *Hist. tragico-marit.*, p. 106.

*

O Dicionário da Academia Espanhola, que avisadamente deriva *bazar* do persa, não lhe atribui senão duas acepções, uma oriental e outra europeia. «En Oriente, mercado publico ó lugar destinado al comercio. ‖ Tenda en que se venden productos de varias industrias comúnmente á precio fijo».

Os nossos lexicógrafos consignam vários significados. O Sr. Cândido de Figueiredo diz: «**Bazar,** *m.* Mercado oriental; estabelecimento, em que se expõem e se vendem

objectos antigos e raros; pavilhão, barraca provisória, em que há fazendas e objectos variados, que se adjudicam por sorteio; grande centro de commércio; empório. (T. ar., de or. persa)».

O *Diccionario Contemporaneo* concorda substancialmente; e eu não tenho nada que lhe opor, feita a ressalva da etimologia.

Note-se porêm que no Malabar, pelo menos entre os cristãos de S. Tomé, por *bazar* tambem se entende uma povoação grande, em oposição aos lugarejos, onde não haveria mercado.

1603.—«Sahirão a receber os padres, e meninos do Collegio com todos os Christãos do **Bazar**, e com muyta festa o leuarão á Igreja».—Fr. António de Gouveia, *Jornada*, f. 29.

«E praticando todos no alpendre da Igreja se aqueixou grauemente do Regedor da terra prender o **Bazar** (que assim chamão no Malabar aos pouos por grandes que sejam) pera não hirem os Christãos ter com elle».—*Id.*, f. 50, v.

«Trouxessem todos os meninos que auia, assim no **Bazar**, como nos lugares sogeytos a elle nos matos, pera os bautizar».—*Id.*, f. 51.

1613.—«... dos christãos, a que commummente chamamos da Serra, havendo com mais razão de chamar de S. Tomé, pois na serra nenhuns delles habitão, sendo todos espalhados por estes reinos do Malabar, divididos em suas povoações apartadas a que chamam **bazares**, onde tem suas igrejas mui formosas»—P. Manuel Barradas, *Hist. tragico-marit.*, II, p. 121.

V

Bengala. Rota

O têrmo indiano, designativo de objecto comum, que é mais corrente no português continental e está perfeitamente naturalizado, é sem dúvida *bengala*, no sentido de «bastão ou bordão», que vão gradualmente perdendo terreno. E o mais curioso é que a referida palavra não voga na Índia Portuguesa, onde é substituída, na sua ampla acepção, pela voz *rota*.

Ora *Bengala* é, como todos sabem, o nome de uma região da Índia, célebre, entre outras cousas, por uma espécie de cana, que em botânica se nomeia *Arundinaria Wightiana*, Nees, ou *Bambusa arundo*, Dalz. & Gibs., diferente de *Canna Indica*, Linn., «erva conteira» em português (também originária de Bengala), de cujas sementes se fazem contas de rosários [1].

Bengala, com o significado de «bastão», está, portanto, por «cana de Bengala», representando o nome da pátria o do produto, do mesmo modo que acontece com várias outras denominações, particularmente de tecidos, como *cambraia, holanda, saragoça, damasco, casimira, nanquim*. A própria palavra *Bengala* é a denominação de uma tela da mesma procedência, que os dicionaristas modernos não registam. «E infinidade de caixões cheos de roupa de toda sorte, a saber, Cassas, Cachas, **Bengalas**, Balagates». Fr. Nicolau de Oliveira (1620), *Grandezas de Lisboa*, f. 13.—«**Bengala** es vn cierto genero de velo

[1] Pater nostri di canna d'India non ci [em Portugal] si fanno; vengoncene bene assi, ed hanno di canna solamente l'ordine delle foglie, che le distingono, ma non fanno nodo; vengono di Bengala, e dicono che serpono per lunghissime una o due leghe».—Filipe Sassetti (1580), *Lettere*, p. 132.

muy delgado». Covarrúvias (1611), *Tesoro de la Lengua Castellana.*

O vocábulo *bengala* todavia perdeu actualmente a sua original significação específica, abrangendo no seu conceito presente qualquer pau que se traz na mão para apoio ou ostentação, como o francês *canne* ou o inglês *walking-stick* [1].

Mas a dição *bengala* tinha antigamente outro significado, que está consignado por Bluteau (1712): «**Bengala.** Canna da India, e particularmente da terra do mesmo nome. Em Portugal é insignia militar» [2]. O mesmo diz o Dicionário da Academia Espanhola (1899): «Insignia antigua de mando militar á modo de cetro ó baston». E insígnia do seu mando parece que era a *cana* a que se refere o marechal D. Fernando Coutinho, que pagou com a vida a sua temeridade: «Ora eu irei a Portugal, e direi a sua alteza que com esta **cana de Bengala** na mão, e com este barrete vermelho que trago na cabeça, entrei em Calecut» [3]. —João de Barros, Déc. II, IV, 1.

E a *cana de Bengala* que levava um português no cor-

---

1 «Manifestou desejos de possuir uma das *bengalas de canella* que levavamos comnosco, e que, semanas antes, haviamos comprado em Ceylão». Oliveira Mascarenhas e Antunes Monteiro, *Atravez dos Mares,* (1898), p. 54.

2 «Usa o Mestre de Campo de *bengala* curta, e grossa com engaste. O Sargento mór usa de *bengala* delgada, e curta; as *bengalas* dos Alferes são tão altas, que lhe chegão á testa como huma lanceta pequena, para se differençarem dos Capitaens; chamão-lhe propriamente, *Venablo.* Usa o Tenente de artilharia de *bengala* como de Sargento mór, e os Capitaens della de *bengala* com forquilha sem borlas, e os gentis homens o mesmo». *Idem.*

3 «Dando [o governador em 1525] com o braço pera trás, com huma **cana de Bengala** que leuaua na mão, sem olhar pera trás, tocou com a ponta da cana no beixo de cyma do *caimal*» (em Cochim). — Gaspar Correia, *Lendas,* II, p. 925.

tejo organizado em honra de S. Francisco Xavier, do pôrto ao palácio de um rei do Japão, simbolizava o báculo pastoral: «Outro [levava] hũa **canna de Bengala** com hum castão de ouro». Fernão Pinto, *Peregrinação,* cap. 209. —«O terceiro leuaua o bordam, que era de **cana de Bengala** com seu castam de ouro».—P. João Lucena, *Historia,* IX, cap. 5.

O uso de *bengala* como pau de apoio parece que começou em Portugal ou foi generalizado pelas velhas, conforme o testemunho de Linschoten (1589, *Histoire,* p. 30): «Semblablement y croissent roseaux, appellez par les Portugais **Cannes de Bengala,** solides par dedans, non guere moins gros que les roseaux d'Espagne, ployables comme l'Osiere ou les branches de Saulx en leur verdeur, marbrez et bigarres de diverses couleurs comme au pinceau. Ils servent de bastons aux vieilles en Portugal.

As canas de Bengala eram muitas estimadas e procuradas no Oriente, por serem flexíveis, infrangíveis e de bela aparência. Entre os presentes oferecidos pelos padres jesuitas a um *cubo* ou rei temporal do Japão, figura uma bengala: «Hum espelho e hũa **cana de Bengala,** e hum rabo de pavão».—P. Luís Fróis, (1569), *Cartas de Japão,* I, f. 259.

Pyrard de Laval (1615, *Viagem,* I, p. 277) descreve minuciosamente a planta: «Ha tambem [em Bengala] cannas de outra especie, diversas na forma e grossura, das quaes a mais grossa não passa de quatro polegadas (de circumferencia), e são mui altas. Estas são porosas, duras e mui flexiveis, de sorte que se unem as duas pontas sem quebrar, e com tudo são mui fortes. Servem para bordões de trazer na mão e para bater em quem se applica castigo; a sua pancada arranca as carnes de qualquer parte do corpo aonde assenta. Nunca estalam por mais delgadas que sejam. Tem linda apparencia, e naturalmente são variagadas de branco, amarello, e preto,

São materia de commercio, e muito procuradas para bordões em toda a India, onde se não usam outras».

Diogo do Couto também se refere à *bengala* como insígnia de mando e instrumento de castigo: «O Rume vinha demandando a galeota do capitão mór em sima do seu baileo, vestido em huma cabaia de escarlata... e hum fermoso terçado, e na mão huma **cana de Bengala**, com que hia ameaçando os marinheiros, e fazendo-os remar». —Déc. VII, VII, 2.

O primeiro escritor a empregar elípticamente a palavra, que conheço, é o P. António Francisco Cardim (1650): «Um dos officiais enfadado pegou de huma **bengala** para os fazer retirar». —*Hist. tragico-marit.,* x, p. 165. Mas antes dêle, em 1611, Agostinho Barbosa regista no seu dicionário *bengala* e explica por «cana de Bengala».

Cunha Rivara (1858), comentando o passo de Pyrard, observa: «E porque as [canas] de Bengala são as mais estimadas, são na Europa conhecidas pelo nome de **Cannas de Bengala**, a que abreviadamente chamamos em Portuguez, simplesmente **Bengala**, e os Francezes, **Canne.** Na India chamam-lhe **Rota**».

Rúnfio (1695), porêm, julga que a denominação é imprópria: «Ab Europaeis scriptoribus vocatur Arundo Indica farcta, Nastos et **Canna de Bengala**, quae impropria penitus sunt nomina». —*Herbarium Amboinense,* VII, cap. 53. Impróprio é certamente o último nome, sendo aplicado ao *Calamus rotang.*

Do que fica exposto concluo a seguinte inserção do vocábulo no dicionário português:

Bengala, s. f. (Originário). Bastão de cana ou bambu de Bengala; (mod.) qualquer outro pequeno bastão; (ant.) insígnia militar; (ant.) espécie de cassa. Do nome geográfico *Bengala.*

O *Diccionario Contemporaneo* e o de Cândido de Figueirêdo incluem nesta inscrição uma árvore do Brasil, de

que o primeiro diz «arvore do mato virgem, no Brazil, cuja madeira tem applicação na marchetaria». Não tem, por conseqüência, nenhuma relação com *Bengala* da Índia.

Os significados dos derivados *bengalada* e *bengaleiro,* exarados nos referidos dicionários, são correctos; mas o de *bengaleira* como «cana da Índia» é ambíguo: pode designar a cana de que se fazem bastões, ou a cana de que se fazem contas ou ainda o bambu. Eu não encontrei a dição em nenhum autor português, para saber o sentido em que se emprega. É bem possível que seja, na primeira acepção, uma mera derivação dos lexicógrafos (a modo das que aparecem tantas nos dicionários sânscritos), que reputam idênticas as locuções «cana da Índia» e «cana de Bengala».

*

Em analogia com *bengala*, a palavra *rota* designou primordialmente uma espécie de caninha, conhecida em Portugal por «junco da Índia» — *Calamus rotang* de Linneu — muito comum no arquipélago malaio, mas que também se acha em várias partes da Índia; e depois passou a ter ali a significação genérica que se atribui no continente à *bengala.* Mas já no tempo de Pyrard (1615), *rota* era sinónimo de «cana de Bengala»: «... bater-lhe nas costas com um bastão ou especie de cana, que lá chamam **Rota** e vem de Bengala». — I, p. 117.

O Dicionário da Academia Espanhola consigna como um dos significados de *rota* «bastón hecho del tallo de la rota; e a segunda edição de Cândido de Figueiredo menciona «bengala delgada» como têrmo da Índia Portuguesa, e significado não dado por outros lexicógrafos.

Já no fim do século XVII *rota* era, no português oriental, sinónimo de «bastão» como se depreende de Rúnfio (1695): «Malaice ac per totam Indiam *Rotang* vocatur (uti et cuncti baculi hoc nomine indigitantur, qui manibus

tenentur, licet ex hac arundine non sint formati)». — *Herbarium Amboinense,* VII, cap. 53.

No português de Goa são correntes diversos derivados de *rota,* no sentido restrito, tais como: *rotear,* empalhar ou empalheirar e espancar com rota; *roteiro,* empalhador ou palheiro; *roteação,* empalhamento; *rotada* (*rotado* no indo-português de Ceilão), pancada de rota.

Os dicionários portugueses modernos registam *rota* e *rotim* como se fôssem termos diferentes, quanto à significação e origem. O vocábulo malaio *rótan,* que abrange várias espécies de cálamos, deu *rota* em português e *rotin* em francês, que modernamente passou, conforme alguns dicionaristas, para português, e se modificou em *roten* em castelhano. Os ingleses teem *rattan.*

Os nossos indianistas não conhecem senão a forma *rota.* E Cunha Rivara comete dois erros quando diz, em referência a Pyrard: «A 3.ª especie mais delgada... é a que chamamos na Europa junco da India, e na India se chama *Rotim,* diminutivo de *Rota*». Nêste sentido, nem *rotim* é diminutivo de *rota,* que daria *rotinha,* nem tal forma é usada na Índia senão com a significação restrita de «junco para palhinha», e isto mesmo, parece-me, modernamente; pois ainda hoje se diz «cadeira de *rotas*», «sofá de *rotas*».

O concani *rót* não é, como supõe um lexicógrafo, o étimo de *rota;* é, pelo contrário, a adopção do têrmo português, sendo o vernáculo *vét* ou *bét,* do sânsc. *vetra,* que, por extensão, também designa qualquer bastão. É claro que *rotã,* plural de *rót,* que se aproxima fonèticamente do malaio *rótan,* devia representar-se por *rotão* no português local; mas discordando do significado a forma aparentemente aumentativa, *rotã* modificou-se em *rotim* e assim transitou para Portugal com a sua acepção circunscrita.

A queda da nasal do vocábulo malaio, na sua passagem

para português, explica-se por sua pouca perceptibilidade e pela atracção da outra voz portuguesa preexistente, *rota.*

De rotas se fazem, além de bengalinhas, cordas, esteiras, velas de embarcações, palhinha para cadeiras, etc.

Eis algumas abonações:

1539. — «Atarão a ambos ao pé do masto, e com duas **rotas** dobradas nos sangrarão muyto sem piedade». — Fernão Pinto, *Peregrinação,* cap. 24.

1552. — «E hũa vela de **rota** de Bengala, que são caninhas delgadas». — Castanheda, *Historia,* II, cap. 112.

1552. — «Hũa grande mouta de **rotas**: que são hũas canas mociças chamadas **rotas**». — João de Barros, Déc. III, v, 5.

1560. — «Com manilhas de **rota**, tecidas como botão, por os braços e pernas». — Gabriel Rebêlo, *Informação de Maluco,* p. 180.

1563. — «Cubertas para guerra feitas de caninhas de **rotas** cubertas de fio coseito muito forte». — Gaspar Correia, *Lendas,* II, p. 60.
— «Ha amarra de **rotas**, que são cannas delgadas e mociças, que tecem, e fazem d'ellas fortes amarras». — *Id.,* p. 269.

1563. — «Cordas grossas de **rotas** (que são feitas de hũas varas que se muyto brandam)». — Garcia da Orta, Col. XXI.

1602. — «Dão-se nestas ilhas [de Amboino] hũas vergas compridas a que chamão **rotas**, que affirmão alguns homens verem algũas de cincoenta braças de comprido, e a mais grossa he como um dedo meimenho delgado». — Diogo do Couto, Déc. IV, VII, 8.

1613. — «E estas **rotas** são plantas compridas, delgadas, e as hâ na terra mais grossas como a cãna de açûcar, e todo macisso e esponioso, de que fazem as cordoalhas e amarras de embarcações». — Manuel Godinho de Erédia, *Declaraçam de Malaca,* f. 26.

1635. — «... se metteu por entre elles com uma **rota** na mão, sem outra arma alguma». — António Bocarro, Déc. XIII, p. 499. Aqui parece que a *rota* está por «bengala».

1650. — «Dão-lhe muitas pancadas, amarram-n'o com **rotas**, arremessam-n'o ao altar». — P. António Cardim, *Batalhas,* p. 186.

1598. — «Il s'y [em Bengala] trouve un autre sorte de roseau qu'ils appellent **Rota** qui est menu et deslié ne plus ne moins que les verges dont on fait de corbeilles et paniers qui est ainsi ce à quoy on s'en sert par de là». — Linschoten, *Histoire,* p. 30.

1620. — «La femme l'ayant aperçue s'en plaignit à son mary, qui le fit venir en justice, où il fut condemné à trente coups de **Rotton** sur les epaules». — General Beaulieu, *Memoires,* p. 101.

Rota é (por tanto) *s. f.* Junco da Índia (*calamus rotang,* Linn.), de que se faz palhinha para assentos de cadeiras, e com que na Ásia se fabricam cordas, esteiras, velas de embarcação e outros artefactos; *(ind.)* bengala de rota; *(ind.)* bengala de qualquer matéria. Do malaio *rótan.*

Rotim, *s. m.* É o mesmo que *rota;* (restrit.) junco para palhinha; a mesma palhinha. Do conc. *rotã,* pl. de *rot,* do port. *rota.*

VI

Biombo

Sabemos o que significa o têrmo, mas nem todos conhecem a sua procedência. Os lexicógrafos ou a ignoram ou hesitam por descabido pirronismo.

Vejamos primeiro o que dizem os competentes no assunto, que são os nossos escritores antigos e modernos:

1569. — «Sem mais apelação, nem agrauo se derribassem logo todos os *zaxiquis* e camaras ricas deste mosteiro e da mesma maneira que estauão com todos os **beòbus** (que são huns panos pintados que se dobrão) e paineis riquissimos se tornassem a armar, e fazer na fortaleza para o *Cubócama*». — P. Luís Fróis, *Cartas de Japão,* I, f. 259.

«Neste primeiro andar da sala estauão alguns quinze ou vinte *Iaxequês* com todos os **beòbus** (que são huns paineis cosidos em ouro) com todos os fechos e crauação douro puro». — *Id.,* f. 273 v.

1582. — «Hum dos fauores que digo, foi que tendo Nobunánga feitos huns panos darmar da maneira que os senhores japões vsão, e são entre elles de grande estima, os quaes chamão **beòbus**, que auia hum anno que os mandara fazer pelo mais insigne pintor que auia em Japão, e nelles mandou pintar esta cidade noua com a sua fortaleza... O padre lhe mandou dizer quanto lhe contentarão os **beòbus** do que Nobunánga ficou muito contente». — P. Gaspar Coelho, *ibid.,* II, f. 39.

1585. — «Estauão ricamente ornadas conforme a tapeçaria de Japão, que he de **Beòbus** dourados, com historias antigas destes reinos e da China». — P. Luís Fróis, *ibid.,* f. 164.

1640. — «Las otras aves que vemos pintadas en sus **biombos,** e otros adornos que llegan a Europa, sin duda ay las más dellas, puesto que siempre el arte favorezca, o altere en algo a la Naturaleza». — P. Semedo, *apud* Faria y Sousa, *Imperio de la China,* p. 6.

1668. — «... se colocárão na Capella mór, que estava composta de alguns **byombos**, porque sem serem vistas do grande concurso do povo, que brevemente acudio, assistissem á Missa e Prégaçam» (em Anão). — Fr. Jacinto de Deus, *Vergel de Plantas,* p. 132.

1701. — «Nobunánga lhe deu dous **biombos**, isto he, pannos de armar, de tanta estima, que todos os desejavão ver». — P. Francisco de Sousa, *Oriente Conquist.,* II, IV, 2.

1882. — «**Biombos** recamados de figuras, representando passagens historicas» (em Sião). — Henrique Prostes, *Bol. S. G. L.,* 4.ª série, p. 383.

1897. — «Dizemos **biombo**, que vem certamente de *biôbo,* termo japonês com significação identica». — Wenceslau de Morais, *Day-Nippon,* p. 26.

1906. — «O mesmo aconteceu ao vocábulo **biombo**, em japonês *biôbu* ou *biómbu*». — Gonçalves Viana, *Apostilas,* I, p. 161.

1910. — «De lá [Japão] trouxemos igualmente os nomes: «**biombo**» *(biôbo* ou *biómbu),* «bonzo»... De todos êstes mesmos os únicos que ficaram verdadeiramente portugueses são **biombo**, *bonzo, catana* e *banzé,* se na realidade representa o japonês *banzay!,* «viva» [1]. — *Id., Palestras Filológicas,* pp. 175 e 193.

Á vista disto, parece-me que não pode subsistir nenhuma dúvida sensata quanto à proveniência do vocábulo *biombo,* nem admitir-se a hipótese da importação da voz portuguesa pelos japoneses. Em Portugal era o artefacto desconhecido até o fim do século XVII, em quanto antes de chegarem os portugueses ao Oriente, era êle comummente usado na China, Indo-China e Japão, e não era simples tabique de caixilhos, mas objecto de valor e de arte.

Cumpre-me também rectificar uma pequena incorrecção do nosso abalisado filólogo Gonçalves Viana, que presume ser o étimo da dição portuguesa o japonês dialectal *biómbu.* Pôsto que haja algum dialecto que use tal forma,

[1] Não tem nenhuma base histórica tal derivação e, por consequência, nenhum valor etimológico.

o vocábulo normal, registado pelos dicionários, é *byōbu* ou *biόbu*, uniformemente adoptado com precisão pelos nossos japonistas durante o século XVI. Sómente em 1640 e com referência à China, e daí por diante é que aparece a variante *biombo;* donde concluo que a evolução da nasal se efeituou dentro do português, como em *palanquim* do étimo *pālakī*.

Quanto à definição, aceito substâncialmente a que dá o Sr. Cândido de Figueiredo:

Biombo *(ant. biόbu), s. m.* Tabique móvel, formado de caixilhos, ligados por dobradiças. Do japonês *byōbu*.

Não é fora de propósito mencionar que Bluteau (1712), depois de descrever *biombos* como «armação portátil de grades de pao, cobertas de panno, ou outra matéria, pegadas humas ás outras, e dobradiças, que se empinão nas portas das casas, para as abrigar do vento», — acrescenta: «*Biombos,* no sentido moral. O Ven. P. Fr. Antonio das Chagas, no segundo volume das suas *Cartas Espirituaes* chama aos obstaculos, que ha entre a alma, e Deos, Muros, e *Biombos,* do Espirito, pag. 374».

VII

Canja

Esta palavra, muito vulgarizada hoje em dia em Portugal, não tem na Índia o mesmo sentido em que aqui se toma [1]. A *canja indiana,* como se entende em ásio-português, é arroz muito cozido em água e sal, que em algumas partes se come de manhã e às vezes à tarde, e se dá ordináriamente aos doentes, como alimento fraco e de fácil digestão. Corresponde no significado ao concani *péz,* do sânsc. *peyā*<*peya,* «bebível ou bom para beber». «Alguns comtudo conservam o primitivo habito de beberem **canja** feita de arroz». Cottineau de Kloguen (1829), *Bosquejo hist. de Goa,* p. 162. — «Alguns homens riqos em suas casas mandauão cozer muyto arroz, que desfeyto em agoa o dauão a beber á gente por amor de Deos». Gaspar Correia, *Lendas,* IV, 132.

[1] «Êste termo indiano, que em todo o Portugal se difundiu para designar o caldo de arroz, principalmente com galinha e presunto, mas que também se emprega quando outra carne se utiliza...». — Gonçalves Viana, *Apostilas.*

Em sânscrito e nos prácritos modernos, *kāñjī* significa «arroz muito diluido e azedado», tal como é usado pelos lavadeiros indígenas em lugar de goma: «Seus [dos malabares] panos brancos são lauados com agoa de çosedura de arroz, com que ficão muyto tesos». Gaspar Correia, I, p. 357 [1].

Mas em tamul (língua dravídica) *kañji* tem ambos os significados, de arroz com água e goma de arroz, em quanto em malaiala (língua do Malabar) o mesmo vocábulo sómente se emprega na primeira acepção, sendo a segunda designada pelo composto *kañjippaxa* = goma de canja.

Daqui se infere que a dição indo-portuguesa, que Orta escreve *cange,* se originou do malaiala, e dela fizeram os franceses *cange* e os ingleses, *congee.*

Não admira, porisso, que os nossos indianistas empreguem o têrmo em diversos sentidos ou os confundam, e compreendam sob uma denominação genérica várias espécies de decoctos de arroz, que nos idiomas vernáculos tem expressões especiais ou compostos especificativos. Tambêm a palavra *canja* em indo-português e a *péz* em

[1] They have... a great smooth Stone on which they beat their clothes till clean; and if for Family use, starch them with **Congee**». — Fryer, *in Glossary.*

«This word is improperly used by ladies and ayahs for gruel». — Candy, *A Dictionary English and Maráthí.*

concani se aplicam por analogia às papas de outras substâncias.

Para Garcia da Orta (1563) *canja* é a água ou o caldo de arroz: «Dam-lhe a beber agoa de espressam de arroz com pimenta e cominhos (a que chamão **cange**)... Damos a comer ao enfermo leite azedado misturado com arroz, e franguos delidos em agoa deste arroz (a que elles chamão **cange**)». — Col. XVII e XXVIII.

Na mesma acepção toma a palavra Cristóvão da Costa: «... en la qual aplicando se desta Raiz, o del tronco molida con **Canja** (que es agua de cozimento de Arroz, deixando esta agua primero algunas horas, para que se haga azeda)». — *Tractado,* p. 56.

E o mesmo está expresso no seguinte passo: «O sustento usual dos nativos é, logo pela manhã, **canja** *(agua* de arroz cozido sem *sal)* com peixe miudo, e manga salgada, a que chamam *tóca bôca,* e lhes serve para tirar o fastio de semelhante bebida, aliás reputada medicinal, e é o seu caldo de gallinha nas enfermidades». — *Annaes maritimos* (1842), p. 435. Nem a refeição consiste únicamente em água de arroz, que não precisaria de tais desenjoativos, nem é preparada sem sal, que só se omite por exigência terapêutica ou, em raras partes, por motivo de economia, que não subsiste em Goa, onde abunda o sal e é baratissimo [1]. A porção de água é que pode ser maior ou menor e o arroz mais ou menos cozido, conforme os usos locais. A simples água em que se ferveu o arroz denomina-se no português do país «caldo *ou* calda de arroz», e em concani: *tarn, nīs, nixém, nival.*

Os autores de *Atravez dos Mares* (p. 128) são menos incorrectos: «O almoço do indio é o *cangi* **(canja)**, que não passa d'uma decocção d'arroz, em que não entra *sal* nem

[1] O arroz, escoado do caldo e comido com caril e acepipes, é que de ordinário se coze sem sal entre os hindus.

temperos, mas que, segundo elles, os alimenta e refrigera».

A difinição que Bluteau (1711) dá não cabe senão à *canja* no sentido originário, e então não é bebida de homens, mas amido para roupa: «Arroz cozido sem sal, muito delido, ficando a agua muito grossa, sem se enxergar bago de arroz; bebida que se dá para engrossar estillicidio».

Manuel Godinho Cardoso (1585) estende o nome de *canja* ao milho cozido: «Não havia outras mezinhas nem beneficio mais que remedio de sangrias, **canjas** de arroz ou *milho,* e estas não com abundancia». — *Hist. tragico-marit.,* IV, p. 55.

João de Barros (1553) não conhece o nome das papas, que descreve acuradamente: «Vierão os nossos a não comer maes que hũa vez no dia, e isto muito pouca quantidade de arroz cozido em aguoa sem maes outra cousa». — Déc. II, IX, 3.

Diogo do Couto (1615) toma *canja* no sentido próprio: Não tinhão mais que hum pouco de arroz, de que fazião **canja**, que são papas, de que davão huma só vez ao dia a cada pessoa». — Déc. X, VIII, 13.

Igualmente, Fr. Clemente da Ressurreição (1782): «Deveis livrar as [folhas de bananeira] que tiverdes d'esses grandes decotes, que muitas vezes soffrem da gentilidade que as busca para pratos em que coma, como a arequeira, ainda os christãos para n'ella comer e beber a sua **canja**». *Tratado*, II, p. 346.

A *canja* chinesa, a que alude António Bocarro (1635), parece que era idêntica com a da Índia: «Respondendo-lhe elles [portugueses] que só tres ou quatro patacas salvaram, que se as queria que alli as tinha, se calou o china, e mandou logo fazer grande copia de **canja** de arroz, que bastou para todos se refazerem da fome em que estavam, e entretanto se cosiam muitas gallinhas, arroz, e porco, que comeram á noite em muita abastança». Déc. XIII, p. 168.

Também Rúnfio (1690): «In Diarrhea ac Dysenteria, si quotidie vetustae nucis [arecae] contusae assumatur semi-drachma cum vino rubro austero, aqua chalybeata, vel cum Oryza cocta, **Candji** dicta, mixtae, quae simul adstringunt et intestina corroborant». — *Herbarium Amboinense,* I, cap. 6.

Canja, no sentido europeu de «caldo de galinha com arroz», é pouco conhecida na Índia. Um pároco de Goa, que tinha sido informado de que o Prelado costumava, em visita pastoral, tomar *canja* à ceia, ficou pasmado de saber à hora de ceia que a *canja* não era de arroz com água, mas de caldo de carne com arroz.

Em conclusão, parece-me que o vocábulo pode ter a seguinte entrada nos dicionários:

Canja, s. f. Caldo de galinha com arroz; *(ind.)* arroz cozido em muita água e assim comido com desenjoativos; *(ind.)* papas de outra substância análoga; *(ind. ant.)* água em que se cozeu arroz, caldo de arroz; *(ind.* e *originário)* decocto de arroz, que se usa para roupa em lugar de goma. Do malaiala *kañji,* sânsc. e neo-áricos *kāñjī.*

VIII

Cátele, cátel, catle; cátere, catre

Há já longo tempo que o vocábulo *catre* entrou na linguagem portuguêsa comum, a tal ponto que não falta quem o nobilite com prosápia europeia[1]. Mas outra é a sua pátria e muitos os seus progenitores, bem conhecidos

[1] O Glossário Anglo-indiano diz *(s. v. cot.)* que *catre* aparece em um dicionário português de 1611. Deve ser o *Dict. Lusitanico-Latinum,* de Agostinho Barbosa, que diz: **Catre,** *lectus, torus,*

dos nossos indianistas, que com êles amiúde lidaram. Vejamo-lo por ordem de progressão lógica.

I. — Cátele

1513. — «Mandou ao Gouernador riqas cousas de Cambaya, em que foy hum **catele** de lauor de madre perola, cousa riqa, com varandas e paramentos». — Gaspar Correia, *Lendas,* II, p. 373

1551. — E elle me respondeo, nunca dormio, mas está de joelhos chorando de bruços sobre o **catele**[1]» — Fernão Pinto, *Peregrinação,* cap. 214.

1613. — «Acabou a Madune que mandasse trazer os feridos em **catelles,** e a todos mandou por hum rio leuar ha Cota» (em Ceilão). — Francisco de Andrade, *Chron. de D. João* III, IV, f. 38.

II. — Cátel

1552. — «Estaua no cabo da casa lançado em hũa camilha cuberta de panos de seda, posto em hum leito a que elles chamão **catel** ... O Çamorij posto que no ar do rostro recebeo Vasco da Gama com graça: tinha tamanha magestade, e assi estaua graue naquelle seu **catel:** que não fez maes mouimento para elle quando lhe falou que leuantar a cabeça d'almofada, e de si acenou ao Brammane que o fizesse assentar em hũs degraos do estrado em que tinha o **catel.»** — João de Barros, Déc. I, IV, 8.

1557. — «El Rey estava lançado em hum **catel** (que são leitos quomo de campo) cuberto de hum panno de seda branca, e ouro, bem lavrado, e por cima hum sobreceo do jaez». — Damião de Góis, *Chron. de D. Manuel,* I, cap. 41.

III. — Catle

1552. — «E hum **catle** laurado de pedraria falsa, porem muyto rica e galante, com hũas cortinas de seda branca da China lauradas com *ouro de pão*[2]». — Castanheda, *Historia,* III, cap. 95.

[1] A edição de 1725 (Ferreiriana) substituiu *catele* por *catre.* E é a edição que se chama *correcta!*

[2] *Pão de ouro* ou *barca de ouro* chamavão os portugueses à barra

1557. — «E hum **catle** com hum pano de seda por cima, e almofadas do mesmo teor, em que auia de estar assentado ... O Rey de Cananor estava lançado no **catle**». — *Comment. de A. Dalboquerque*, II, cap. 44.

1707. — «Assim moribundo veio em um **catle**, e muito arrependido recebeo todos os sacramentos, e dahi poucos dias falleceo». — P. Manuel de Miranda, *in O Chronista de Tissuary*, III, p. 207.

1648 — «Indian bedsteads or **Cadels**». — Van Twist, *in Glossario* Anglo-indiano, *s. v. cot.*

IV. — Cátere

1535. — «Os **cateres** em que dormem suas mulheres são cubertos e chapados de prata, e cada mulher tem seu **catere** em que dorme, e o delrey he chapado e forrado, todos os paos douro, seu colchão de tafeta, e travesseiro redomdo laurado pellas cabeças daljofar groso, e quatro almofadas do mesmo theor pellos pees». — *Chron. dos Reys de Bisnaga*, p. 61.

1563. — «Mandou [o rei de Cochim em 1500] recolher os feridos e doentes em huma casa grande, a que mandou deitar em camas em **cateres** em que dormissem». — «Mandou ao bergantim a Cananor dizer ao feitor que á pressa despejasse muytas casas, e buscasse **cateres** pera os feridos». — Gaspar Correia, *Lendas*, I, pp. 217, e 604.

1603. — «E assim cheyos de azeite estão duas ou tres horas sobre hum **catere**, e da hi se vão a lauar, ou em suas casas, ou em tanques publicos, de que todo o Malabar é cheyo». — Fr. António de Gouveia, *Jornada*, f. 64.

V. — Catre

1525 — «Entrando no corredor [do palácio] estava hũu **catre** dependurado no ar por hũas cadeas de prata, o **catre** tinha os pees de hũas lynhas douro bem feytas que não pode ser milhor, os travessões do **catre** forrados douro, defronte deste **catre** estaua hũa camara, onde estava outro **catre** dependurado por hũuas cadeas douro; o **catre** tinha os pees douro com muyta pedrarya, e os travessões forrados douro». — *Chron. de Bisnaga*, p. 120.

---

de ouro chinesa, que se assemelhava a uma barca ou a um sapato chinês, sendo por isso denominada pelos holandeses *Goldschuyt* e pelos ingleses *shoe of gold*, e que corria no mercado por moeda. Vid. Diogo do Couto, *Dialogo do Sold. Pratico*, p. 155.

1534. — «Cadeyras **catres** bacios outras miudezas para as casas dos mandarîs». — Cristóvão Vieira, *apud* D. Ferguson, *Letters*, p. 73.

1535. — «Põem o morto em hum **catre** [esquife] enramado cuberto de flores» — *Chron. de Bisnaga*, p. 76.

1548. — «Hum **catre** avalliado em oitecentos réys». — Tomás Pires, *Materiaes*, etc., *in Bol. S. G. L.*, 16.ª série, p. 703.

1577. — « ... quando adoecem, deitados no chão, ou quando muito em hum pobre **catre**». — *Primor e Honra*, f. 72.

1578. — «Assi que entre las muchas y differentes mercancias, y cosas que vienen dela China, son muchas differencias de vasos de Plata muy ricamente labradas, todo servicio de casa y lechos, y **catres** para dormir». — Cristóvão da Costa, *Tractado*, p. 251.

1578. — Vengono di là [Índia] legnami da letti, che e' domandano **catri**, depinti di diversi colori, e tali miniati d'oro di gentilissimo compasso». — F. Sassetti, *Lettere*, p. 116.

1593. — «Hum **catre** da India em douus mil réis». — Tomás Pires, *loc. cit.*, p. 710.

1600. — «Recolherase elle [S. Francisco] no hospital dos enfermos, e pobres, e ali tinha sua cella, cujas paredes eram esteiras tecidas de palma, dentro estaua huma mesa pequena, e nella hum Crucifixo de pao da casa de S. Thomé cuberto com hum veo, e hum breviario, auia mais hum **catre** de cayro com huma pedra á cabeceira». — P. João Lucena, *Historia*, III, cap. 11.

1601. — «Hum **quatre** da Chyna dourado, avaliado em seys mill réis». — Tomás Pires, *loc. cit.*, p. 723.

1609. — «As camas em que dorme a gente nobre [da Etiópia] são **catres** com precintas de correias de boi» — Fr. João dos Santos, *Ethiopia Or.*, I, p. 375.

1613. — «E aqui entra um **catre** dourado, um sombreiro, um habito de Christo». — P. Luís Mariano, *Relação*, *in Bol. S. G. L.*, 7.ª série, p. 345.

1637. — «Digo **catre**, que es el maderage dela cama». — P. Semedo, *apud* Faria y Sousa, *Imperio de la China*, p. 12.

1689. — «Huma cruz de pao a cabeceira do **catre**». — P. Fernão de Queiroz, *Hist. da vida do irmão Pedro de Basto*, p. 479.

1694. — «A cama em que se encostava, era hum **catre** percintado de cordas de *cairo;* que são as entre cascas do coco e huma pedra por cabeceira». — P. Vieira, *Xavier Dormindo*, 100.

1815. — «A saber, **catres** lacreados, e de cairo, colchas, colchões, travesseiros». — *Archivo Port.-Or.*, fasc. 5., p. 1015.

*

Não pareça estranho que uma só palavra passasse por tantas variantes. Um dicionário regista nada menos de cinco formas do malaiala *chákkara* (açúcar mascavado): *jacra, jacre, jágara, jagra, jagre*. Mas temos um paralelo mais frisante: o malaiala *veṭṭila* tem as seguintes lições em português: *bétele* (Afonso de Albuquerque, Duarte Barbosa, Tomé Pires, Barros, Monclaio, Góis, Francisco de Andrade, Faria y Sousa, *Conquista de Pegu*), *bétel* (Simão Botelho, B. F. da Costa, e muitos estrangeiros), *betle* (*Primor e Honra*, F. L. Gomes, Tomás Ribeiro, Lopes Mendes), *betere* (Fernão Pinto, *passim*) e *betre* (D. João III, Orta, Couto, Erédia, Bocarro).

Qual é a razão da pluralidade de formas? Suposto que que o étimo de *catre* é o malaiala-tamul *kaṭṭila*, como *veṭṭila* o é de *betre*, as formas mais concordes com o protótipo são evidentemente *cátele* e *bétele*, *cátel* e *bétel* (estas pouco usadas), que, atenta a índole da língua, se reduzem a *catle* e *betle*.

É facto sabido que os fonemas compostos, cujo segundo elemento é *l*, repugna à glote portuguesa, sendo por isso êste substituído por *r*, como em *prato, branco, grande*. *Catre* e *betre* são, por tanto, formas evolutivas e normais em português, as quaes também podiam provir directamente de *cátere* e *bétere*. Cf. *ambre* de *âmbar*, *azebre* do árabe *as-sibar*. E se ainda se conserva a variante *betle*, mais usada na Índia hoje em dia, é porque o têrmo mantêm os ressaibos de peregrino, e não se vulgarizou no continente.

Convêm, contudo, observar que se não pode provar por documentação que o processo indicado se realizou cronológicamente. A forma mais antiga, que encontramos escrita, é *catre*, provinda dos menos ilustrados, como

Cristóvão Vieira e os autores da *Chronica de Bisnaga*, que o ouviriam aos soldados e marinheiros portugueses. Os mais eruditos e os que mais lidaram com os indígenas, como Fernão Pinto, Gaspar Correia, Barros, Góis, preferiam *cátele* ou *cátel*, e Castanheda e João de Albuquerque, *catle*.

Podemos por conseguinte, conjecturar que desde o princípio houve duas correntes paralelas do vocábulo típico: uma elevada, representada por *cátele* ou *catle*, outra popular, representada por *cátere* ou *catre*, que no decurso do tempo absorveu a outra.

*

Mas será *catre* realmente de origem indiana? Se não consta que o têrmo existiu na península hispânica antes do descobrimento da Índia, se os nossos antigos historiadores o reputam oriental, e se lhe não se pode assinar outra etimologia plausível, é clara a resposta.

Que a expressão não era corrente em Portugal, infere-se do *Roteiro de Vasco da Gama* (p. 58), que diz simplesmente *camilha*: «El Rey estaua em huũ patim lançado de costas em huũa *camilha*».

Que a dição era indiana, sabemo-lo de João de Barros, Damião de Góis, Semedo, Sassetti e outros. Se alguns a não explicam é porque a julgam conhecida dos leitores.

São dois os étimos que vejo mencionados nos dicionários que tenho à vista: o castelhano *catre*[1] e o persa *catel*.

É verdade que o castelhano tem *catre* no sentido de «cama ligera para una sola persona», como tem *côco, manga, palanquim, bada, bengala, bazar, rota* e tantos outros. Ora, se o mero facto de existência em castelhano

[1] Covarrúvias (1611) não o regista no seu dicionário.

de um dado vocábulo português é critério seguro da sua procedência, então a sciência da etimologia portuguesa estava bastante simplificada, e ficavam em grande parte dispensadas as excogitações dos nossos etimologistas.

Não seria acaso mais natural e consentânea à história a transmissão ao castelhano, por via do português, da maioria das palavras asiáticas, particularmente indianas, do mesmo modo — e muito mais — que as receberam outras línguas europeias e a própria nomenclatura scientífica? Talvez o nosso intenso desejo de viver em boa paz com os nossos vizinhos, acompanhado de demasiada modéstia, não admita tal hipótese.

Mas o Dicionário da Academia Espanhola deriva *catre* «de cuatro, por alusión á los cuatro pies que tiene»! O que tem quatro pés é «quadrúpede» e não, «quatro»; nem se entende bem o motivo da alusão aos pés do *catre*, quando há tantos outros objectos com igual número de pés, como o leito, a mesa, a cadeira, o sofá; nem se explica o processo da evolução de *cuatro* em *catre*. Tambem, se não se demonstra a prioridade do castelhano *catre* ao português *catre*, é escusado ir buscar tão longe semelhante etimologia, quando cá em casa os catres são igualmente «quadrúpedes»[1].

Afigura-se-me que seria muito mais avisado omitir a etimologia ou da-la por hipótese do que apontar assertóriamente por origem o primeiro vocábulo similar que se encontre à mão em uma língua qualquer, sem mais investigação.

Ocorre-me dizer isto, porque já experimentei as conseqüências de semelhante método, tomando por europeias, na fé dos lexicógrafos, palavras que na realidade eram

[1] *Chārpā* = o que tem quatro pés, é o nome persa de «leito em geral», *chārpāī* em hindustani.

orientais, e quando adverti o êrro, era já tarde para percorrer novamente todas as fontes de estudo.

Li, por exemplo, em um dicionário autorizado que *cassa* vem do francês *casse* e reputei-o verdade. Mas vi depois que Linschoten (1589) diz: «On y [Bengala] fait divers ouvrages exquis qu'on transporte pas seulement és Indes où ils sont fort estimez, mais aussi en Portugal, desquels il y a de diverses sortes qu'ils nomment *Sarampuras*, **Cassas**, *Comsas*, *Beatillias*, *Sataposas*, et mille autres noms». E Fr. Nicolau (1620) de Oliveira: «... e infinidade de caixões cheos de roupa de toda a sorte, a saber, **Cassas**, *Cachas*, *Bengalas*...». E Tavernier (1676): «D'Ouguely et de Dacca, au Royaume de Bengale, sortent ces toiles fines qu'on nomme **casa**, dont il se debitoit autrefois grandes quantités en Italie, Province, Languedoc et Espagne». E Erédia (1613): «É o corpo [do malaio] de boa estatura, cuberto de baju fino ou camiza curta de **cassa**, e cingido por la çinta com pano de Choromandel». E então conclui que foram os franceses que levaram daqui o têrmo com o tecido oriental e depois no-lo recambiaram com a sua fazenda de imitação. Mas estaria antes disso inteiramente morto o vocábulo em Portugal?

É verdade que Fr. João de Sousa (*Vestigios*), que não é guia seguro, regista o persa *catel*, «cadeira ou assento de madeira», por étimo do português *catel*, que diz ser palavra antiga e pouco usada, e abona com Damião de Góis (que se refere ao Samorim, vid. *supra*): «El Rey lhe acenou, que chegasse para o *catel* e o mandou assentar».

Da minha parte, não conheço tal palavra do persa, que tem *kursī* e *sandali* para «cadeira *ou* mocho». E a cadeira não é o mesmo que «*catre*».

É porêm de notar que *catre*, na sua dupla significação asiática, deriva imediatamente de dois vocábulos de famílias diferentes: do dravídico *kaṭṭila*, e do concani-marata

khāṭlém, diminutivo de *khāṭ,* «leito», do sânsc. *khaṭṭā,* a que se prende *kaṭṭila,* representado em indo-inglês por *cot.*

*

Qual é o motivo do aportuguesamento dos vocábulos indianos, se a língua já tinha as vozes *leito, cama, camilha, caminha?* É que o *catre* não significava primitivamente «camilha dobradiça, cama de viagem, leito tôsco e pobre» — significados, que lhe atribuem os dicionários modernos.

Os *cáteles* dos soberanos do Malabar não eram, nem são agora, própriamente leitos ou camilhas, mas uma espécie de divãs, ou sofás largos, em forma de estrados, ricamente paramentados e providos de almofadas; e serviam-lhes de tronos [1].

E os *catles* em que dormiam as mulheres do rei de Bisnaga, e o que ofereceu o rei de Cambaia a Afonso de Albuquerque, e os que vinham da China, lacreados, dourados, lavrados e marchetados, e que eram tão estimados em Portugal, podiam ser pequenos e fáceis de armar e desarmar, mas não eram certamente leitos tôscos e pobres [2].

Quando, porêm, a esfera da influência portuguesa ultrapassou a área dravídica e se estendeu ao território árico, obviou-lhe outro têrmo, fonéticamente similar e análogo no significado — *khāṭlém,* «leito tôsco e pobre», sendo os

[1] «Então o Vedor da fazenda o [a Nicolau Coelho em 1498] levou onde estaua El Rey em huma casa pequena como camara com pouca claridade, assentado El Rey em huma cama baixa cuberta com hum pano branco». Gaspar Correia, I, p. 88.

[2] «Na qual capella [em Sofala] estaua el Rey lançado em hũ **catel** e era tão pequena que a cama e o seruiço della ocupava tudo: quasi como que fez isto a modo de estrado para dali estar dando audiencia a todos que estiuessem na sala, a qual elle tinha paramentada de panos de seda que respondião ao leito daquelles que lhe vão da India». — João de Barros, Déc. I, IX, 6.

ricos designados por *khāṭ, bāz* ou *palang.* E a voz *catre* abrangeu, como era de esperar, ambos os sentidos, que se vêem empregados quási sincrónicamente, conforme a oportunidade.

Adelgaçadas e circunscritas as relações de Portugal com o Oriente e reduzido quási à nulidade o seu trato comercial directo, perdeu-se no continente a noção dos *catres* e até a idea do berço do vocábulo. Efeitos do progresso!

Além disto, *catre* tinha em Goa mais uma acepção, já mencionada na monografia de *andor,* e que vai caindo em desuso, por se não empregar agora a maca de lona a que se aplicava e a que se podia chamar, em um sentido, «cama de viagem». «There are scarcely bullock or horse carriages in Goa, the principal conveyances consisting of palanquins of various shapes, known as *macas,* **catres,** *cadeirinhas,* etc». José Nicolau da Fonseca (1878), *An Historical Sketch of Goa,* p. 116.

No tempo de Rafael Bluteau (1712) *catre* era «leito pequeno com pilares, não totalmente levantados, como os do leito».

A inserção do voculo no dicionário português pode estar concebido nos seguintes termos:

Catre (cátere, cátele, cátel, catle, formas antigas), *s. m.* Camilha dobradiça; leito tôsco e pobre; *(ant.)* trono dos reis do Malabar em forma de rico estrado ou divã; *(ant.)* pequeno e lindo leito oriental, de pés baixos e fácil de armar e desarmar; *(ind.)* machila ou maca de lona. Do malaiala *kaṭṭila,* «leito, sofá», e do concani *khāṭlém,* «leito pequeno e ordinário».

IX

Cauri, caurim, cauril; caurinar; caurineiro

Caurim é a concha, pequena e branca, do molusco *cypraea moneta,* que corria, e ainda hoje corre em menor

escala, por moeda em várias regiões da Ásia austral e da Africa. Os ingleses chamam-lhe *cowry,* e os franceses, *cauri, coris, caouri, kauri,* ou *cowry.*

Refere Yule (no Glossário) que a mais antiga menção de concha como moeda ocorre em um livro chinês (Shu-King) do século XIV antes de Cristo. As ilhas de Maldiva são o principal produtor de *caurins,* que, ao tempo das conquistas portuguesas, eram em grandes quantidades transportados para diversas partes, especialmente para Bengala. Eram considerados mais limpos para manear do que as moedas de cobre e empregadas na compra de artigos miudos do mercado [1].

Declara o mesmo autor que não encontrou na Índia nenhuma denominação monetária, realmente usada, abaixo do *caurim.* Mas o sr. Hipácio de Brion menciona uma moeda, sem indicar o nome nem o material de que é feita, a qual, se não é búzio, deve ser-lhe inferior no valor: «Nos bazares de Lucknow circula a mais pequena moeda do mundo, pois um anná que vale approximadamente 20 réis divide-se em 912 fracções; por isso em todas as ruas encontram-se os cambistas sentados defronte de pequenas mezas onde se enfileiram aos milhares as pequeninas moedas». *Duas mil leguas no Hindustão,* p. 134.

João de Barros descreve minuciosamente o marisco, sem mencionar o seu nome oriental, e ministra várias informações interessantes: «E assi tem hũa maneira de marisco tão meudo, como caracóes, mas de outra feição, e de hum osso duro, branco, e lustroso: entre os quaes se achão alguns tão pintados e lustrosos, que feitos em botões com hum cerco de ouro, parecem algũa cousa esmaltada:

[1] Duarte Barbosa atesta que no reino do Guzarate corriam amêndoas por caurins: «Tambem correm neste reyno *amendoas* por moeda baixa, asy como em outras partes os buzios». *Livro* (2.ª ed.), p. 289.

dos quaes se carregão por lastro muitas naos pera Bengalla, e Sião: onde seruem de dinheiro, ao modo que entre nós serue a moeda meuda de cobre pera comprar as cousas meudas da praça. E a este Reyno de Portugal tambem se trazem por lastro dous ou tres mil quintaes alguns annos: os quaes se leuão a Guinê, aos Reynos de Benij e Congo, onde se gastão no mesmo uso de moeda, e o gentio do interior daquellas terras fazem *(sic)* desta moeda thesouro... E de si lauado no mar, ficão os *buzios* (que assi lhe chamamos nós, e os Negros Igouos), mui aluos pera com menos nojo os trattar nas mãos, que a moeda de cobre, de que neste Reyno val hum quintal de tres até dez cruzados, segundo vem muito ou pouco da India». — Déc. III, III, 7 [1].

Caurins também eram importados em avultadas quantidades, até em principios do século passado, em Inglaterra e Amsterdam, e empregados na escravatura africana.

O vocábulo é neo-árico: hindustani *kauṛī,* marata-concani *kavḍī,* guzarate *koḍi;* canarês-malaiala *kavaḍi;* do sânsc. *kaparda,* 80.ª parte de *paṇa.* Vid. *Glossário Anglo-indiano.*

Em português emprega-se a palavra *caúrim* figuradamente, como é bem sabido, por «calote, pirraça», com os derivados *caurinar* e *caurineiro.* Gonçalves Viana *(Apostilas)* sugere o motivo da translação do significado: «Figuradamente, e com certa graça, designa o mesmo que *calote,* isto é «dívida que se não paga», que o mesmo seria pagá-la em caurins». E sabemos de Barros que as conchas eram muito conhecidas em Portugal e tinham pouco valor.

[1] «Ouvi que pela terra dentro, estes Azenegues, e ainda os Arabes em algumas povoações suas, uzão conchas brancas, destas pequenas que vem a Veneza pelo Levante, e dão certo numero destas a seu modo, conforme as cousas que tem a comprar». — Luís de Cadamosto (1445), *Navegação 1.ª,* cap. 14.

Em indo-português, *não dar um caurim* equivale a «não dar um ceitil». *Fruto caurim* é o produto de *Eugenia Zeylanica,* Wight.

*

1345. — «A moeda dos habitantes desta ilha [Maldiva] he a *concha marina*, que he hum vivente que colhem no mar, preparam-no ali em covas; e por si vai a sua carne, e fica o seu osso branco. Chamam elles a cem dellas *saia*, a sete centos *alfal*, a doze mil *alcotta*, e a cem mil *bosetu;* e nella se vendem quatro *bosetus* por hum ducado de ouro». — Ben-Batuta, *Viagens,* II, p. 271.

1516. — «Daqui [Maldio] levaom tambem hũus buzios pequenos, que he grande mercadoria pera o regno de Cambaya e Bengala, homde core por moeda baixa, hamna por mais limpa e melhor que a de cobre». — Duarte Barbosa, *Livro*, p. 352.

1520. — «Saão as majs ricas jlhas, e he a ffroll dellas, e de lla vem o ambar, **caurrys**, e gram soma de peixe». — *Alguns Doc. da Torre do Tombo*, p. 450.

1552. — «Ha nestas ilhas muyto pescado... e assi hũs buzios brancos pequenos a que chamão **cauris** que seruem de moeda miuda em Bengala, porque são mais limpos que ho cobre de que a auião de fazer, que dizem que he çuja as mãos». — Castanheda, *Historia,* IV, cap. 35.

1554. — «E os **cauryns** 12000 he hũa *cota;* e 4½ cotas huum quintal». — António Nunes, *Livro dos pesos,* p. 35.

«**Cauryns** correm pola terra [de Bengala]: 80 **cauryns** he huum *pone;* destes pones 48 valem huum larym». — *Id.*, p. 37.

1561. — «Sey, que vencer hũa batalha campal, ou entraruos polla barra a saluação, hũa Nao carregada de **cauril** se tem valia, que certeza tamanha». — Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Eufrosina* (1786), p. 17.

1563. — «As quaes vinhão carregadas do cairo e do **caury**, que são huns buzios brancos meudos... que he grande mercadoria pera Bengala, porque corre por moeda». — Gaspar Correia, *Lendas,* I, p. 341.

1566. — «E buzios pequenos a que chamam **cauri**, que em algumas partes serve de moeda». — Damião de Góis, *Chron. de D. Manuel,* IV cap. 47.

1615. — «Os de Maldiva chamam ás taes conchas *Boly,* e os naturaes indios **Caury**[1]». Pyrard de Laval, *Viagem,* I, p. 373.

[1] «Transportam-se em espantosa quantidade, de sorte que vi carregar por ano trinta ou quarenta navios inteiros sem outra carga alguma... Tambem em Cambaia, e por toda a India engastam os mais bonitos destes buzios em varios trastes, como se faz em certas peças de marmore ou a pedras finas». — *Id.*, pp. 195 e 196.

1634. — «Levão tambem **caurins**, que por outro nome chamão buzios». — António Bocarro, *Livro, in O Chronista de Tissuary,* III, p. 122.

1858. — «O **caurim** (que é o nome mais commum deste buzio) não só se apanha nas ilhas de Maldiva; é tambem muito abundante, e se exporta da Africa oriental. Corre por moeda em muitas regiões da Africa occidental, e nas mais orientaes da India, como Bengala, Indo-China, etc.». — Cunha Rivara, *apud* Pyrard, I, p. 196.

1900. — «Exportam [as Maldivas] assucar de coco, peixe salgado, e porcelanas[1] ou **cauris** brancos *(cypraea moneta)* que servem de moeda em Africa: 12:000 **cauris** por uma rupia, ou proximamente 5:000 por um franco». — Gabriel Pereira, *Bol. S. G. L.,* 17.ª série p. 345.

1586. — «A Bengala vanno di quelle chiocciolinе piccole che si trovano nell'isole di Maldiva, chiamandole qua **Caurim**, in Portogallo *Buzio*». — Filipe Sassetti, *apud* Gubernatis, *Storia,* p. 205.

1676. — «L'autre petite monnoye est de coquilles appellées **Cori**, qui ont les bords renversez, et il ne s'en trouve en aucune lieu du monde que aux Isles Maldives». — Tavernier, *Voyages,* III, p. 22.

1672. — «**Cowreys**, like sea-shells, come from Siam, and the Philippine Islands». — Fryer, *in Glossary.*

Em conclusão:

Caurim, *s. m.* Molusco gasterópode *cypraea moneta;* concha do mesmo, que serve de moeda em algumas regiões da Ásia meridional e da África ocidental; búzio; *(fig.)* calote, pirraça. Do hindustani *cauṛī.*

X

Chatim; chatinar; chatinaria; chatinagem

De entre todos os termos indianos que se introduziram no vocabulário geral da língua portuguesa, o mais interes-

[1] Também é conhecido este nome em italiano, *porcellene,* e em francês, *pourcelaines.*

sante e curioso, sob o ponto de vista filológico, é sem dúvida *chatim,* atentas as numerosas fases por que tem passado a sua vida acidentada.

Procedente de modesta origem, foi logo acolhido com calorosos aplausos, festejado por toda a parte, muito procurado e abençoado na airosa prole; passou depois a ser olhado com desconfiança e receio, como se fôra larápio; esquivado por uns, vilipendiado por outros, vulnerado por muitos; e por fim, levado de vencida por alguns émulos, acabou por ser desconhecido para quási todos, por arrastar vida penosa e cheia de ignomínias, e jazer estenuado e moribundo, sem lhe valer a mão generosa de um lexicólogo, que se lhe estendeu para o soerguer.

Eu não pretendo insuflar-lhe novos alentos — êle está irremediávelmente perdido; tão sómente intento consignar, a título de necrologia, os seus principais traços biográficos, antes que sejam completamente olvidados. Sempre haverá alguma cousa a aproveitar.

*

§ 1.º — Etimologia.

Em sânscrito, alguns dos substantivos e verbos se prestam à formação, com modificação do sentido, dos graus de comparação, que nas línguas europeias se restringem aos adjectivos e advérbios. Assim, de *bhū* (lat. *fu* em *fu-i*), «ser», se forma o comparativo *bhūyas,* «mais, maior», e o superlativo *bhūyiṣṭha,* «o máximo, o sumo».

Idênticamente, do substantivo *çrī* (=*xrí,* da raiz *çri,* «chegar, aproximar-se») se forma o comparativo *çreyas,* «melhor» e o superlativo *çreṣṭha,* «ótimo, o mais excelente, preeminente».

E *çreṣṭha,* por seu turno, origina outro substantivo, *çreṣṭhin, çreṣṭhī* no nominativo, «presidente de uma corporação de classe *(guild),* particularmente mercantil». A conexão dos significados é patente: onde a eleição é feita

conforme os ditames da sã razão e interêsses da profissão, elege-se o mais qualificado entre os associados, — o ótimo. A denominação era, por tanto, igualmente denotadora de preeminência, e muito vulgarizada, visto que as associações profissionais são na Índia antiqùíssimas, numerosas e muito melhor organizadas do que as modernas *trade unions.*

Os vocábulos sânscritos, na sua evolução em formas pracríticas modernas, obedecem normalmente à lei de dissolução de nexos consonânticos, a qual determina a eliminação de uma das consoantes, com alongamento da vogal antecedente, por compensação. Assim, *kṣetra,* «campo», reduz-se a *xêt* ou *xét; drakṣā,* «videira», atenua-se em *dākh.*

Semelhantemente, *çreṣṭhī,* na sua transição para os idiomas neo-áricos, deve necessáriamente evolver-se em *xêṭhi, xêṭh, xêṭ.* E de facto, é sob estas formas que o vocábulo aparece na zona indo-árica; *seḍḍi* em singalês, que nem todos os orientalistas consideram árico. Em concani, porêm, tendo-se *xêṭ* vulgarmente apropriado, por honorificência, aos «ourives», formou-se o derivado *xêṭkār,* no sentido de «mercador de largo trato [1]».

Nas línguas dravídicas, o sânsc. *çreṣṭhī* está diversamente representado: em telúgu *xeṭṭi* ou *seṭṭi,* em tamul *xeṭṭi,* em malaiala *cheṭṭi.* O *ch* do último por *ç* ou *x* tem muitos paralelos, tais como: *chákkara* (jágara) do sânsc. *çarkarā,* «açúcar»; *chaṅgāḍam* (jangada) do sânsc. *saṅghaṭṭa,* «junção». A geminação de *ṭṭ* explica-se por compensação de *ṭh* aspirado, e mais pela fonética tamul-ma-

[1] «Falleceu nesta villa o sr. Xabu Xette Lotolicar, ourives, que teve uma aura com a compra que fez do predio Mestabatta, que se tornou depois um mercado florescente». *O Ultramar,* de 23 de Agosto de 1915.

laiala, que exige o abrandamento da consoante dura intervocálica que não for dobrada [1].

Ora é claro que as palavras peregrinas, para se naturalizarem em português, teem de se submeter à fonética peculiar dessa língua. E os nossos indianistas eram muito rigorosos neste ponto, à excepção de um ou outro, adicto à etimologia, transmudando por isso *bahār* em *bar, bahādur* em *badur, harêm* em *harão* ou *arame, jin-shen* em *ginsão*. Conseguintemente, *cheṭṭi*, na sua passagem para português, não podia entrar no seu trajo vernáculo.

Não possuindo a nossa língua a cacuminal ou cerebral *ṭ*, passa esta à sua respectiva dental, como *Gate* de *Ghāṭ, caṭaló* de *khāṭló*. Exceptua-se o *ḍ* intervocálico, que, por se aproximar de *r*, se confunde com êste, como em *areca* de *aḍeka* ou *aḍaka*. *Cheṭṭi* deve, por tanto, mudar-se em *chetti*.

Não havendo em português, fonéticamente, (assim como há em italiano) consoantes dobradas, que só ocorrem em notação etimológica, *t* e *tt* soam idênticamente. E os nossos indianistas, como, em regra, não desperdiçavam letras nem afeavam a língua com o aparato etimológico, ortografariam naturalmente *cheti*.

Mas o *i* final de vocábulos asiáticos nasaliza-se ordináriamente, como é notório, em português. Cf. *palanquim, canarim, langotim, begarim, samorim, mandarim. Chetim* é, por conseguinte, a forma normal de *cheṭṭi*.

A dição não tem, porêm, curso no país senão sob a forma

[1] «The law, as apparent in the Tamil-Malayalam system of sound, is as follows: — *k, t, ṭ, p*... are always pronounced as tenues or surds *(i. e.*, as *k, t, ṭ, p)* at the beginning of words, and when they are doubled. The some consonants are always pronounce as middles or sonants *(i. e.*, as *g, d, ḍ, b)* when single in the middle of words». Caldwell, *A Comparativa Grammar of the Dravid. Languages* (1875), p. 21.

de *chatim*. Também isto não é anomalia singular; há outros factos que comprovam a nossa tendência a mudar *che* e *chi* iniciais em *cha*, como o fizemos em *chaminé* do francês *cheminé*.

O têrmo português *charuto* vem do inglês *cheroot*, que foi importado da Índia, tamul-malaiala *churuṭṭu*. E *cheruto* aparece escrito na Índia Portuguesa: «... pode vender ao publico por grosso, ou por meudo, inclusive os canudos [cigarros] e **cherutos**» (1833). «Os *cherutos* constituindo huma especie distincta, devem ser despachados em caixas» (1840). F. N. Xavier, *Collecção de Bandos*, I, pp. 136 e 200. Mas ocorre *charuto* em 1842: «Madeira de abéto, **charutos**, chapéos de palha». *Annaes maritimos*, p. 229.

O malaiala *chiraṭṭa*, «endocarpo do côco», toma em português as seguintes formas: *chirêta, cherêta, charêta*, mais usada. «E a **chareta**, lenha que se faz do entrecasco do côco, se reduz à carvão, de que usam os ourives e fundidores». *Annaes marit.* (1842), p. 277. — «La qual es negra, y dura, de nosotros llamada, y de los de la tierra **Xareta**». Cristóvão da Costa (1578), *Tractado*, p. 104.

Também é possível que no *a* de *chatim* tenha influído o *ĕ* surdo do malaio *chĕti*, sendo o vocábulo tão corrente outrora em Malaca como no Malabar.

Não é, todavia, para se concluir daqui que o malabárico *cheṭṭi* se aportuguesou imediata e uniformemente em *chatim*; houve, como era natural, formas intermédias e divergentes, do mesmo modo que em *catre* e *betre*. Rui de Araújo, feitor de Malaca (1510), que é a mais antiga autoridade nacional, reproduz fielmente a expressão vernácula, tal qual era usada em malaio: «Por serem de jaus e **chetys**, que são os principaes mercadores da terra, que mais jente tem, e mais sentidos estão dele». *Cartas*, III, p. 7. — «E os **chatis** de calecut, nam vem eles a calecut carregados de pedrarias». Afonso de Albuquerque (1513), *ibid.*, IV, p. 185.

Igualmente, Manuel Godinho de Erédia (1613): «Affirmão nacer os Bragmanes da testa, e os Rajâs do peito e os **Chettis** do ventre e o vulgo dos pés». — *Declaraçam de Malaca,* f. 39.

Semelhantemente, o Padre Manuel de Miranda (índio, 1707): «Sob pena de condemnação e castigo todos os filhos machos e femeas dos pescadores, **Xetti**, Paravás, e outras castas passem á escola nova» (em Ceilão). — *O Chronista de Tissuary,* III, p. 169.

O italiano João de Empoli também ortografa o vocábulo com bastante exactidão: «...depois os contratadores e negociantes, como banqueiros, ourives e outros artistas que chamão **Zetti**.» — *Viagem,* cap. 3.

O pilôto que escreveu a *Navegação de Pedro Alvares Cabral* (1580), diz *Zetires* (na tradução italiana), que deve provávelmente estar por *Chetins* do original português, que se perdeu: «Ha tambem outros mercadores de outra Provincia, chamados **Zetires**, os quaes são Idolatras, e grandes contratadores de joias, de pérolas, de ouro, e de prata». — Cap. 15.

Damião de Góis (1566) conserva inalterável a primeira sílaba: «Aos mercadores estrangeiros, e de qualidade que vão a Calecut, por ordenança del Rey se dá hum Naire, para ho guardar, e seruir, e hum scrivão **chetim**, que são homens, que sabem de mercadoria, e muito entendidos em conta». — *Chron. de D. Manuel,* I, cap.º 42.

Idênticamente, Francisco de Andrade (1613): «Foy seruir hum **chetim** com hum nauio ha sua custa». — *Chron.* de D. João III, II, f. 109 v.

Na edição de 1774 dos *Commentarios de Afonso Dallboquerque* (1557) encontro *chitins*, de Malaca (talvez por *chetins*), a par de *chatim*, da Índia: «Não podia sofrer que os Quilins e **Chitins**, que eram Gentios, fossem fóra da sua jurdição». — III, cap. 33.

Duarte Barbosa (1516), pelo contrário, altera a primeira

sílaba, mas não nasaliza a segunda: «Hũa ley ha que chamaom **Chatis**». — *Livro,* p. 339.

Do mesmo modo procede Gaspar Correia (1561): «A qual venda foi com elles em grande segredo com **Chatys** de Cochim, que tudo comprão». — *Lendas,* III, p. 281.

O estudioso e erudito João de Barros (1552) sabe que a nazalação de *i* final é uma excrescência, que não acha justificada, e por isso a omite, de ordinário, em *chatis* e outros vocábulos similares: « ... a que os nossos communmente chamão **Chatijs**». — Déc. I, IX, 3.

*

§ 2.º — **Sematologia.**

Etimológicamente, já vimos o que significa *ṣeṭh* ou *cheṭṭi,* e é escusado reproduzir todas as variadas acepções que vogam em cada um dos idiomas indígenas e a que bem se presta o sânsc. *çreṣṭhī.* O que sobretudo nos importa saber é a gradação de sentidos por que o vocábulo passou dentro da língua portuguesa.

Chatim era, para os nossos primeiros indianistas, o indivíduo da casta comercial de Choramândel, estabelecido no Malabar e em Malaca[1]. E tal é o sentido que ainda modernamente atribuem ao vocábulo malabárico Wilson no seu Glossário e Gundert no seu dicionário.

Embora não faltassem no Malabar naturais que se dedicassem ao trato comercial[2], não é de estranhar que o têrmo se apropriasse a uma colónia estranha que exclusiva e

---

[1] «Hũa ante manhaã veyo queimar toda aquella parte da cidade contra a pouoação de Vpi [em Malaca], por ali viuerem os **Chatijs** do *Quelim*» (isto é, de Kalinga ou Telinga). — João de Barros, Déc. II, IV, 7.

[2] «Ha tambem neste reyno do Malabar outra ley de gente que chamaom *Braabres*, que saom mercadores indios naturais da terra». — Duarte Barbosa (2.ª ed.), p. 332.

hábilmente exercia a mercatura em larga escala e possuia grossos cabedais. A denominação era ao mesmo tempo bem cabida e honorífica, na acepção primitiva de «chefes *ou* os melhores dos mercadores».

1516.— «Primeiramente destas gentes que diguo estrangeiros que no Malabar moraom, hũa ley ha que chamaom **chatis**, naturaes da provincia de Charamandel». — Duarte Barbosa, *Livro*, p. 339.

«Ha maior parte ou todolos mercadores gentios e **chatis** que uiuem por toda a India [meridional] saom naturaes daquy [de Charamandel], e saom homeĩs muy agudos em todo o trato de mercadorias». — *Id.*, p. 359.

1552.— «O gentio natural e proprio indigena da terra he aquelle pouo a que chamamos Malabares; ha hi outro que ali veo da costa de Choromandel por razão de tracto, aos quaes chamão *Chingalas* [1] que tem lingua propria, a que os nossos commummente chamão **Chatijs**». — João de Barros, Déc. I, IX, 3.

E Rui de Araújo, quando alude a jaus e *chetys* (vid. *supra)*, por *chetys* entende os negociantes de Choramandel ou *quelins, kĕling* em malaio [2].

1860.— «... Moors, Malabars, and Malays, Chinese, Caffres, Parsees, and **chetties** from the Coromandel coast, the latter with their singular head-dresses and prodigious earrings». — Tennent, *Ceylon*, II, p. 105.

Mas a breve trecho, a designação generalizou-se, por analogia, a todos os comerciantes do *Sul* (têrmo técnico dos indianistas), no que haveria, em muitos casos, correspondência com as línguas vernáculas; e tornou-se sinónima do «baniane» do *Norte*.

[1] Aqui há um pequeno deslise do cronista: os *chingalas* ou *singaleses* são os habitantes áricos de Ceilão.

[2] «**Keling**, a name applied to all immigrants from the Coromandel coast». — Wilkinson, *Malay-English Dict.*

1552.— «E este logar tinha arrendado a el Rey de Narsinga hũ grande mercador gentio, a que em sua lingua chamão **Chatim**: e por seu grande trato e riqueza se chamaua ho **Chatim** de Mangalor». — Castanheda, *Historia*, VIII, cap. 12.

1557.— «A qual casa arrendou a hum **chatim** de Baticalá [no Canará] por seiscentos mil reis». — *Comment. de Afonso Dalboquerque*, III, cap. 9.

1571.— «... por a qual razão os recolheo naquelle rio hum tam grosso mercador em substancia de fazenda, que por excellencia era chamado e conhecido por **Chatim** de Mangalor, porque entre elles ao mercador chamão **Chatim**, que já he recebido entre os Portugueses, que naquellas partes trattam». — João de Barros, Déc. IV, IV, 7.

1609.— «Os Gentios, ou Baneanes, são gente mais acommodada com a razão e de melhor natural, que todas as nações infieis; manços de condição; grandes **chatins**, ou mercadores, em cujo trato tem por timbre, falar sempre verdade, cousa de que muyto se prezão». — Fr. Gaspar de S. Bernardino. — *Itinerario da India*, p. 130.

1602.— «Estes naturaes de Barcelor, a que chamão **chatins**, que na propria lingua quer dizer mercadores, são homens de grande governo». — Diogo do Couto, Déc. X, III, 16.

1583.— «Alcuni pochi ve ne sono mercanti che chiamano **ciattini**, e intendono in tutte sorte de cose». — Filipe Sassetti, *Lettere*, p. 210.

Ainda se ampliou a significação de *chatim*, para se abranger a classe inteira de comerciantes, de qualquer raça ou nacionalidade que fossem, em equivalência a «tratante», no sentido em que então se empregava [1].

1516.— «Uiuem [em Cochim] tambem muytos Mouros **Chatins**, e grandes mercadores». — Duarte Barbosa, *Livro*, p. 347.

1539.— «Fez seu feytor hum Christovão Borralho, homem bem entendido no negocio da mercancia, com o qual forão desaseis homens **chatins**, e soldados com suas fazendas, parecendo-lhes que pelo menos farião de hum seis, ou sette, assim no que leuassem, como no que trouxessem, na qual ida o pobre de mim acertou de ser hum dos desta companhia». — Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 36.

1552.— «Concertou-se com certos **chatins** Portugueses casados em Goa que tinhão hũa terrada [embarcação pequena de vela e

[1] «Trazem breu, cera, marfim, e outras cousas em que são **tratantes**». Gaspar Correia, I, p. 587.

remo] Dormuz e hũ huquer de Cananor que auião de leuar carregadas de fazenda». — Castanheda, *Historia*, vi, cap. 35.

1612. — «E esta he a razão porque ha ja tão poucos que queirão ir a invernar ás fortalezas d'ElRey, e tantos que se fazem **chatins**». — Diogo do Couto, Déc. VII, vii, 3.

1613. — «Foy seruir hum **chetim** com hum nauio ha sua custa chamado Damião Bernaldez, a que o gouernador pollo seruiço que fizera deu hũa viagem para Bengala no mesmo seu nauio». — Francisco de Andrade, *Chronica*, ii, f. 109 v.

1615. — «A maior parte dos navios desta armada eram de **Chatins**, como lhe elles chamam, e são mercadores». — Pyrard, *Viagem*, i, p. 290.

1898:

> «Tremo de ver, guerreiro, a crescerem-te as unhas
> De chatim n'essa mão em que o montante empunhas».
>
> Lopes de Mendonça, *A. de Albuquerque*, p. 208.

1598. — «Y en a d'autres d'entre ces soldats, qui sont employez par quelques uns de leurs amis à faire çà et là des voyages, et exercer quelques negoces, ceux qui sont appellés **chatins.** Il y a pour le auiourdhuy tres grand nombre de ces **chatins** pour toute l'Inde, lesquels ayant quittés les armes se rangent au commerce, pour diverses raisons». — Linschoten, *Histoire*, p. 62.

Deu-se ainda mais um passo e compreendeu-se sob o nome de *chatins* a terceira casta inteira, que se não compõe tão sómente de mercadores, mas abrange a massa do povo árico, com excepção da classe sacerdotal e militar. Já vimos o que diz Erédia; ouçamos agora a Diogo de Couto:

«A terceira casta he a dos **Chatins**, que são mercadores grossos, douro, prata, pedrarias, sedas, roupas, e outras fazendas de preço». — Déc. V, vi, 4.

Mas o têrmo não se circunscreveu por longo tempo ao Oriente, já no meado do século xvi era muito popular em Portugal.

1552. — «Estes [*chatijs*] são homens tão naturaes mercadores e delgados em todo o modo do commercio, que acerca dos nossos quando querem tachar ou louuar algum homem por ser mui sotil e dado ao tratto da mercadoria, dizem por elle, he hum **chatim**, e por mercadejar *chatinar*: vocabulos entre nós já mui recebidos». — João de Barros, Déc. I, ix, 3.

1654. — «Não quiserão os visinhos do lugar que amanhecer em casa do **chatim** a levar o panno ás punhadas». — D. Francisco de Melo, *Dialogos Apologaes*, p. 35.

«Ora o **chatim** em me recebendo sepultou-me em a cayxa». — *Id.*, p. 69.

«É contra esses **chatins** de talcos e avelorios... que em alta voz bradamos». — Castilho, *in Dic. Contemporaneo.*

*

§ 3.º — Derivados.

Já sabemos de João de Barros que *chatinar*, no sentido de «mercadejar», era corrente em Portugal, ou pelo menos em Lisbôa, no seu tempo. Eis mais abonações:

1561. — «Começarcy imitar as formigas, que em bem **chatinar** se segura o porto, e esta he a principal negoceação de cá» (Goa). — Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Eufrosina*, p. 119.

1677. — «Por tanto ninguem cuide que por casar, ou **chatinar**, se desobriga de pelejar». — *Primor e Honra da vida soldadesca*, f. 84 v.

1607. — «... entregues os navios a seus criados, que usam mais de **chatinar** n'elles que de recolher as cafilas e franquear o mar». — Carta régia, *in Documentos da India*, i, p. 164.

Chatinaria por «negociação» ocorre em 1599: «Manda o Synodo que nenhum clerigo delle seja ousado a andar em **chatinarias** publicas, nem fazerem-se rendeyros de rendas algumas». — Sínodo de Diemper, *in Archivo Port.-Or.*, fasc. 4.º, p. 430.

António Bocarro (1635) emprega *chatim* como adjectivo, por «mercante»: «E assi ajuntou obra de quatrocentos [soldados] em treze navios **chatins**, com que partiu de Goa a 13 de maio d'este anno de 613». — Déc. XIII, pp. 88-89.

O Sr. Cândido de Figueiredo (1900) sugere, à falta de outro vocábulo vernáculo, *chatinagem* para representar o francês *chantage*: «Temos em português um velho e clássico

verbo, que nos veio da Ásia com muitas outras riquezas, e as melhores das nossas glórias. — É *chatinar*... Embora o *chatinar* seja um pouco mais amplo que o *chantage*, o substantivo verbal, isto é, a **chatinagem**, que não vem, creio eu, em dicionários, mas que tem boa derivação, representaria, ao menos proximamente, a *chantage*, havendo até entre as duas palavras a analogia fonética, o que não é secundário para a substituição de um termo por outro». — *Lições Práticas*, III, pp. 65-66.

Duvido que *chatinagem* pegue; basta *chantage* ser têrmo francês para ter aceitação no país; e as palavras teem vida própria, independente da vontade individual.

*

§ 4.º — **Vicissitudes de chatim.**

Era muito natural que os portugueses adoptassem na Índia a expressão *chatim* do mesmo modo que adoptaram tantas outras denominações de ofícios e castas, e a empregassem primeiro na significação com que corria na bôca dos malabares, e depois a estendessem a todos os mercadores indígenas daquelas regiões, visto que a designação não era privativa dos negociantes de Choramândel, embora lhes fôsse aplicada por antonomásia.

Também não admira que os portugueses que ali comerciavam se chamassem *chatins*, assim porque imitassem, por influência do meio, as artes de negociação dos naturais, como porque o vocábulo não tinha em si, nem na opinião do público nada de injurioso ou deprimente, antes pelo contrário, se bem que a profissão militar fôsse reputada superior.

Os portugueses de então — sem desfazer nos actuais — não desprezavam uma pessoa, uma coisa ou dição só por motivo da sua origem; aliás não deixariam vestígios tão profundos e duradouros da sua passagem pelo Oriente.

Lá está o sisudo João de Barros, que, aludindo às

índias que casaram com portugueses, sob o alto patricínio do clarividente Afonso de Albuquerque, diz: «As moças Sabinas que elles [romanos] teuerão pera ter por molheres, se erão mais aluas por razão do clima, não serião de mais nobre sangue, que as Canarijs, nem tinhão mais conhecimento de Deos». — Déc. II, IV, 11.

Os *chatins* e os banianes eram, em geral, tão bons negociantes — e alguns dos nossos indianistas os consideram mais honestos e verídicos, e quási todos os teem por mais *delgados*, *subtis* ou *agudos* — como quaisquer dos seus colegas da Europa, especialmente da actualidade, em que o termómetro da moralidade tem baixado imenso [1]. E o título de *chatim* era então muito honroso, como o é hoje em dia nas línguas vernáculas, sendo por isso posposto ao nome da pessoa, ainda que de presente não exerça mercancia.

1510. — «Fallarão com **Ninachatim**, mercador *quelim*, que auia muytos anos que estaua d'assento em Malaca, e era nosso amigo por caso de trazer suas naos pelo mar». — Gaspar Correia, *Lendas*, II, p. 163.

1566. — «Mandou dizer a **Damechati** gouernador da cidade». — Damião de Góis, *Chronica*, III, cap. 29.

1602. — «Despedirão dous procuradores homẽs antre elles principais, chamados Trametim **Chatim** e Drimey **Chatim**» — Diogo do Couto, Déc. IV, VIII, 4.

1701. — «Mandárão os portuguezes chamar a Calgó *Naygue*, e Santú **Chatim**». — P. Francisco de Sousa, *Oriente Conquist.*, II, I, 2.

[1] 1514. — «O Gouernador mandou ao feitor da armada que estaua em terra, que presente El Rey [de Baticalá] chamasse o **chatim**, e lhe pagasse os rubis, que erão dezoito mil pardaos; mas o **chatim** nom quis tomar pagamento, dizendo que tinha de seu dezoito mil pardaos pera seruir o Gouernador; que nom queria senão honra e seguro pera sua nao, que leuasse a bandeyra, e a tiuesse nos portos em que estiuesse. O que o feitor mandou dizer ao Gouernador, que lhe mandou o seguro com as honras da bandeyra que pedia, que o feitor deu ao **chatim**, com que fez grandes festas, e deu ao feitor boas peças». — Gaspar Correia, *Lendas*, II, p. 390.

1875. — «... em consequencia do processo da execução que Vitolá Chatim de Saligão promoveu contra a dita communidade». — F. N. Xavier, filho, *Collecção de leis*, p. 206.

Como é então que o vocábulo entrou em Portugal e teve aceitação pouco depois do descobrimento da Índia, não faltando cá nomes para designar os que se ocupavam em mercadejar?

É facto palpável — e demonstrado pelo Tito Lívio nacional — que os portugueses, se bem que competentes e superiores no manejo de armas, não se podiam emparelhar com os asiáticos, e em particular com os índios, no acume e finura comercial [1]. Em toda a parte se comerceia, mas as aptidões e as práticas não são as mesmas.

Logo que os portugueses travaram relações com mercadores do calibre dos chatins e banianes, o sentimento de que ficaram possuídos é, segundo o testemunho de Duarte Barbosa, João de Barros e outros, o de admiração pelo seu notável tacto e sisudês quási ingénita; o que é apontado como um dos benefícios do sistema de castas profissionais. E depois do seu regresso à pátria, falariam nos preços e nos vendedores dos objectos que traziam e alardeavam, repetiriam as suas impressões, e honrariam com o tratamento de *chatim* um ou outro negociante europeu que se salientasse por sua sagacidade profissional.

[1] «Com a ida de muitos nauios que ali [em Maluco] ião ter de Malaca depois que foi nossa, tinhão os nossos danado aquelle tracto em dauno seu, e proueito dos naturaes da terra. Por serem os Portugueses homẽs neste negocio de commercio, tão apressados e descubertos em seus conceitos: que lhe está a parte vendo o animo de seu appetite. E como os Gentios e Mouros daquelle Oriente, em comprar e vender são os mais delgados e sotijs homẽs do mundo, e sobre isso tão pacientes e frios em descobrir seus appetites e necessidades, que ninguem lhas sente: sempre neste acto do commercio nos leuão debaixo, como nós em os de guerra os sopeamos». — Déc. III, v, 7.

Mas a esperteza do traficante redundava por vezes em detrimento dos compradores singelos e confiados, e muitos seriam vítimas das suas tretas na Índia e no próprio país. E então a sua admiração iria acompanhada de desconfiança ou censura, conforme a oportunidade.

É assim que se explica como, no tempo de João de Barros, era simultâneamente «louvado» ou «tachado» com o mesmo nome de *chatim* «algum homem por ser sotil e dado ao tratto de mercadoria». Quem encarava as artimanhas do tratante sob o ponto de vista comercial louvava-o por sua habilidade. Quem pensava no dano que lhe tinha causado a sua astúcia, tachava-o e deprimia-o.

Como, porêm, com o andar no tempo e progresso da civilização, ia sempre avolumando-se o número de negociantes de tretas e sem consciência — *quorum Deus pecunia est* — o vocábulo *chatim* serviu-lhes de ferrete, e por sua nímia condescendencia, foi pouco a pouco perdendo a honorabilidade originária.

Entretanto, apoucando-se as relações comerciais directas de Portugal com a Índia e recebendo-se aqui produtos orientais por mãos forasteiras, *tratante* e *traficante*, que antes eram sinónimos de «mercador», vieram disputar o campo ao *chatim*, como que movidos de inveja, a título de serem legítimos portugueses, e êle quási um intruso, sem se recordarem dos seus serviços passados. E o *chatim*, malferido na refrega, cedeu-lhes o seu lugar e, corrido de vergonha, anda agora quási às escondidas, sendo por isso geralmente desconhecido, e com probalidade de ser totalmente ignorado.

Chatim tem todavia, para se consolar, por companheiros na degradação, mas não no degrêdo, outros patrícios seus, tão inocentes como êle; por exemplo: *veniaga, corja, pagode.* Não é impunemente que se larga a terra natal e se entra em um meio estranho, onde não conhecem a sua prosápia e parentela e tratam a capricho.

Há também outro modo de dar tratos glotológicos, que consiste em conservar o trajo ortográfico forasteiro e desfigurar a fonação, como nos ingleses *thug, pyjama, cutter* [1].

Chatim pode ter, por tanto, a seguinte inscrição:

Chatim, *s. m. (Originário)*. Nome de uma casta comercial, natural de Choramândel; *(ant. ind.)* negociante em grosso no sul da Índia e em Malaca; *(ant. ind.)* mercador em geral; *(ant. europeu)* comerciante sagaz e manhoso; *(actual p. us.)* negociante de tretas, tratante, traficante. Do malaiala *chetti*, neo-árico *xeth*, < sânsc. *çresthī*, «presidente de associação comercial ou industrial».

XI

Corja

A palavra *corja* desviou-se, na sua viagem para Portugal ou, melhor, na sua situação actual, da sua significação originária muito mais do que qualquer outro vocábulo asiático; e é únicamente nisso que está a sua importância filológica.

Para os nossos indianistas e para o indo-português, *corja*, — indo-inglês *corge* ou *coorge*, indo-francês *corge* ou *courge* — é o nome do número vinte de peças da mesma espécie, é uma vintena, como *score* é, no mesmo sentido, para os ingleses, ou *dúzia* é na Europa a denominação do número doze.

1514. — «O Gouernador fallou com o seu judeu, o lingua, que tivesse modo como ouuesse do chatim como lhe ouuesse em Baticalá, cinco mil rubis de **corja** de marca grande. Estes rubis são miudos que encastoão derrador d'outras peças grossas, e estes de marca grande, que são vinte peças a **corja**, valem a **corja** a trinta e corenta cruzados a **corja**, que nos cinco mil que o Gouernador quería pera mandar á Rainha, que lhos mandaua pedir, era 250 **corjas**, que valião quinze mil crusados». — Gaspar Correia, *Lendas*, III, p. 388.

«E lhe mandou logo de presente hum riqo sobrecco laurado, branco, peça muy fermosa e huma **corja** de byatilhas que valia duzentos pardaos». — *Id.*, III, p. 479.

1516. — «Estas sortes de panos prendem eles por **corjas**, que antre eles he hũu conto de vinte, como qua dizemos duzia». — Duarte Barbosa, *Livro*, p. 283.

1525. — «A **corja** de quotonias pequenas vall cemto e coremta tamgas». — *Lembranças das cousas da India*, p. 49, *et passim*.

1539. — «Com huma **corja** de çaraças e pannos Malayos para sua mulher, e filhas que he o commum trajo daquella terra». — Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 21.

1547. — «... a fóra os vestidos que el Rey e os grandes mandarão dar aos trinta mil sacerdotes [budistas], em que gastarão infinitas **corjas** de roupa». — Id., cap. 163.

1554. — «Quatro **corjas** de cotonias pera abitos de moços, çinquo **corjas** de panos pera çiroulas e camisas dos ditos moços». — Simão Botelho, *Tombo*, p. 28.

1559. — «Cinquoenta **corjas** de roupas seramporí». — *Archivo Port.-Or.*, fasc. 5.º, p. 401.

«1563. — Chamamos rubins de **corja**, que he tanto dizer como comprados 20 a vinte». — Garcia da Orta, Col. XLIV. — Aqui já se modifica o sentido primário na acepção de «cousas que se vendem às vintenas». Vid. Gaspar Correia, *supra*.

1632. — «Sinalou-lhe o Viso-Rei de ordinaria... vinte *candiz* de Arros, dez de trigo, oito cantaros d'azeite, e dez corjas de Cotonias. São cotonias lenço da terra, que serve para vestido. A **Corja** he numero de vinte». — Fr. Luís de Sousa, *Hist. de S. Domingos* (edição de 1731), III, p. 275.

1635. — «Andou por casa dos mercadores e casados, e os fintou em cem **corjas** de teadas». — António Bocarro, Déc. XIII, p. 243.

1612. — «White callicos from twentie to fortie Royals [reais] the **Corge** (a **Corge** being twentee pieces)». — Saris, *in Glossary*.

Por *corja* se entende actualmente, em Portugal, «multidão de pessoas desprezíveis, malta, súcia, canalha». Muitos

[1] É curiosa a historia de *cutter*. Do malaiala *kattiri*, «barco pequeno e ligeiro», fizeram os portugueses *catur*, que os ingleses adoptaram na forma de *cutter*, que o representava menos mal na prolação, e nos recambiaram como uma prenda sua, e nós, que morremos de amor pelos estrangeirismos e não nos recordamos do nosso glorioso passado, aceitamo-la às cegas e com profusos agradecimentos! *V. Influência*, *s. v. catur*.

dos lexicógrafos modernos nem sabem se teve outrora, e tem ainda hoje nas colónias, outro significado. «Esta palavra que actualmente significa apenas, em sentido pejorativo e ofensivo, o mesmo que «matula» *(q. v.)*, «quadrilha» (espanholismo), «turba», é declarado termo da Índia com a significação de «vinte», no *Vocabulario Portuguez e Latino* de Bluteau». Gonçalves Viana, *Apostilas*.

Mas foi sempre nesta acepção que o têrmo vogou no continente? Certamente que não; os vocábulos não mudam notávelmente das suas significações *ex abrupto*. Gonçalves Viana observa *(loc. cit.)*: «Vê-se pois que ha dois séculos ainda não havia adquirido o sentido deprimente que ao depois prevaleceu». E Fr. Nicolau de Oliveira (1620) diz: «Trazem tambem grande quantidade de **corjas** de porçolanas, e muytas das Naos trazem duas, e tres mil **corjas**, e tem cada **corja** vinte porçolanas». *Grandezas de Lisboa*, f. 130. — Parece que a expressão *porcelanas* está aqui por «peças de louça oriental».

Seria muito interessante conhecer a história da transição, que se teria realizado gradualmente, do sentido próprio e primário para o secundário e pejorativo. Infelizmente, não há dicionário histórico da língua portuguesa, e o meu estudo, ainda incompleto, limita-se tam sómente à biografia de dições de origem asiática.

Primeiramente, quanto à «grande quantidade ou multidão», pareceria que, a introduzir-se têrmo oriental, mais cabimento teria a voz *laque*, muito usada pelos indianistas na acepção de «cem mil», especialmente com referência a Ormuz e Malaca[1]. Sendo porêm ordináriamente empregada

[1] «Com condição que lhe dese dez **leques** de pardaos douro, que cada **leque** tem cem mil pardaos». *Chronica de Bisnaga*, p. 58. — «Morrerão de ambas as partes desasseis **laquesás** de homens, e cada **laquesá** tem cem mil». — Fernão Pinto, cap. 162.

com relação ao numerário, que não tinha curso na metrópole, a palavra ficou circunscrita ao Oriente.

É verdade que *corja* por «vintena» não denota, por si só, «grande quantidade», mas o seu plural indefinido, como o de *dúzia*, já designa «avultado número», do mesmo modo que o inglês *score*. E a expressão estaria muito em voga no período da actividade febril no trato comercial com a Índia, quando Lisboa era o empório de produtos orientais, onde entravam cada ano milhares de *corjas* de cada género e aonde a Europa inteira vinha prover-se.

Importa igualmente ter em vista que os negociantes luso-orientais não venderiam as suas fazendas por miúdo e, em alguns casos, por conta europeia, mas por grosso e com denominações originárias, assim porque isto facilitaria os seus cálculos de lucro nas transacções, como porque muitos dos artigos formavam agregados de vintenas em jogos ou enfiadas. Uma *corja de porcelanas*, por exemplo, não seria, de certo, «vinte peças de tijelas ou chícaras» de uma só sorte.

Como é, porêm, que a palavra *corja*, depois de tomar a significação de «multidão», até no singular, passou em seguida a designar «súcia ou matula»? Compreender-se hia sem dificuldade, se fosse sómente empregada na acepção de «numerosas coisas más», sendo de presumir que vários compradores ficariam logrados com a aquisição de objectos avariados ou de somenos estimação, e não perderiam a ocasião de os deprimir, aludindo às suas *corjas* de cotonias ou porcelanas ou pedras preciosas.

Mas também não poupariam, antes confundiriam, nas suas invectivas e no seu desprêzo dos artigos, que então lhes pareceriam numerosos, os chatins sem consciência, que lhes impingiram gato por lebre. E assim, se transferiu gradualmente, conjecturo eu, das coisas más para as pessoas más o sentido de «multidão», que a dição tinha adquirido; e a inocente *corja* ficou sendo designa-

tiva de «súcia» de vadios, velhacos e outros indivíduos semelhantes.

A degredação a que chegam, no decurso do tempo, certos vocábulos polidos e muito em voga, às vezes sem causa conhecida, é um fenómeno curioso. A própria palavra *súcia* não significava antigamente o que por ela se entende ao presente, era simplesmente «companhia, sociedade, reunião». Ainda hoje se canta na Índia em brindes, talvez importado da Europa: «Ai! que bela súcia dos amigos!»

Ora se isto acontece com termos vernáculos, cujos pais e parentes não são desconhecidos, com maior razão se há de dar com os forasteiros, que aparecem isolados e um tanto indefinidos. E tal foi a sorte não somente da *corja*, mas também dos seus patrícios *pagode*, *veniaga* e outros.

*

Quanto à etimologia de *corja*, há certa obscuridade, pôsto que não haja dúvida em se admitir que o seu berço é a Índia. Devic, contudo, sugere como étimo provável o árabe *khordj*, talvez baseado na errada definição de Littré: «Paquet de toile de coton des Indes». Mas *khordj* significa «sela, saco, mala», e não, «vinte», que é o sentido em que sempre foi o vocábulo empregado no Oriente pelos mercadores.

H. H. Wilson *(Glossary)* aponta o telúgu *khorjam* por étimo, o qual Yule & Burnell presumem ser corrução do têrmo comercial. E de facto, Filipe Brown, no seu dicionário de telúgu mixto, nota que *kōrja* ou *khōrjā* é têrmo dos negociantes.

Também o concani tem *korj* (ao lado de *kōḍ*), o túlu *kōrji*, o malaiala *kōrja*, que, evidentemente, proveem da forma portuguesa.

Os idiomas neo-áricos teem um vocábulo, também admi-

tido no dravídico tamul, para designar o número vinte, o qual é *koḍī*, *kôḍ* em concani, extensamente usado pelo povo, que conta por *koḍís* ou «vintenas». Mas a dificuldade está em indicar o processo da evolução fonética de *koḍī* ou *koṛī* em *corja*, visto que a sua representação normal em português deveria ser *cori* ou *core*, como *areca* é de *aḍeka*.

Os autores do Glossário Anglo-indiano julgam que a forma empregada por Barthema (1510) explica a transição: «Se são estofos, vendem por **curia**, e do mesmo modo se são gemas. Por **curia** se entende vinte» [1].

Mas não vejo bem como é que «a citação mostra a palavra em uma forma inteiramente conexa com esta *(koṛī)* e explica a transição». Admitido que o italiano *curia* não esteja por *curja*, o que é contestável, não se explica a mudança de *o* em *u* nem o acrescentamento de *a*; e *corja*, se tem *j* por *i*, conserva o *o* do suposto étimo *koḍī*.

Barthema ou Varthema passou a maior parte do seu tempo no Malabar, como observa Garcia da Orta, e pertendendo dar informações originais com respeito à Índia inteira e à Malásia, aproveitou os esclarecimentos fornecidos pelos portugueses e pelos comerciantes locais, mas não conseguiu reproduzir os vocábulos vernáculos com a exactidão dos nossos escritores.

A palavra *curia* ou *curja* ou *corja* devia então vogar na costa ocidental, entre os indígenas ou, com mais probabilidade, entre os portugueses, para designar particularmente o conjunto de vinte gemas ou vinte peças de tecidos, como declaram os nossos indianistas, sendo também nesses dois sentidos a voz *kōḍi* empregada em tamul.

Ora o malaiala, que não conhece *kōḍi*, possui *kōrchchu*, que quere dizer «enfiada, ramal», derivado do verbo *kōrkk*, «enfiar», sendo *kōrbat* «enfiada de pérolas». *Kōrchchu*

[1] Traduzo a tradução inglesa, por me ter passado despercebido o vocábulo no original italiano, que não posso agora ter à mão.

é, por conseguinte, têrmo vernáculo e origem do têrmo português *corja,* pois que o *ch* do malaiala se representa em português por *j* e vice-versa. Cf. *jágara* de *chákkara, jangada* de *chaṅgaḍam, jaca* de *chakka;* e *chenel* por *janela, chūdu* por *jôgo*. Vid. *Influência,* p. 93.

O têrmo generalizou-se na Índia, na forma adoptada pelos portugueses, por ser sinónimo do árico *koḍī* e por se vender grande parte de artigos comerciais por vintenas. E Camilo Castelo Branco celebrizou-o em Portugal, na sua nova acepção, tomando-o por título dum dos seus livros.

A definição do vocábulo é simples:

Corja, *s. f. (Ant.* e *ind.)* Conjunto de vinte objectos da mesma natureza, vintena; *(desus.)* grande quantidade, carrada; *(mod.)* multidão em sentido depreciativo, súcia, malta. Do malaiala *kōrchchu,* «enfiada de vinte».

XII

Jangada

Jangada é outro vocábulo indiano, que está completamente naturalizado em português, pelo menos desde o século XVIII, pois Rafael Bluteau (1712) não o reputa peregrino[1]. Tem, alêm disso, a vantagem, sôbre os outros da mesma procedência, de conservar a sua significação originária e de estar seguro de não vir a ser, com o tempo, deslocado, desfigurado ou degradado, visto que não receia rivais que o substituam, nem elementos de corrução. A sua entrada na língua portuguesa não foi um favor, mas uma necessidade, por falta de têrmo vernáculo adequado[2].

---

[1] «**Jangada** Paos boyantes, ligados entre si».

[2] A não ser *balsa,* «paus atados uns aos outros em fórma de jangada». *Diccionario Contemporaneo.*

Os lexicógrafos atribuem-lhe três ou quatro significados, mas não indicam o seu conceito primordial, que dê a razão de tantas acepções, e erram, em geral, com respeito à sua origem[1].

*

§ 1.º — **Sematologia.**

Os nossos indianistas empregam a palavra *jangada,* explicando-a comummente, em mais de um sentido, que convêm conhecer em separado.

I. — *Jangada* é a série de duas ou mais embarcações pequenas, ligadas umas às outras, às vezes com intervalos, cobertos com tabuado. A sua utilidade consiste em evitar balanços e em ministrar mais capacidade para conter ou maior facilidade para transportar. Dois barcos, assim juxtapostos, são ainda hoje muito usados nas passagens de diversos rios da Índia, especialmente no sul e em Ceilão. «A horas de vespora o Xeque [de Moçambique em 1497] veo à nao em duas almadias juntas atadas e em cima paos e tauoas que fazião sombrado cuberto d'esteiras, em que vinhão dez Mouros assentados». Gaspar Correia, *Lendas,* I, p. 36.

1504. — «Vieram com IIII **jangadas** de II *paraos* [barcos] cada huũa, e fortes paliçadas de madeira, vaãs, e no meyo, muyta cordoalha, area, algodam». — Álvaro Vaz, *in Cartas de A. de Albuquerque,* III, p. 266.

1510. — «Huma noite de grande escuridão e chuva, se concertou hum capitão do Hidalcão, chamado Pulatecão, valente caualleiro, e se meteo em huma **jangada**, que erão muytas almadias juntas e por cyma tauoado, em que passarão oitocentos homens bem armados, e passou á ilha sem os nossos os sentirem... e a **jangada** se tornou a tomar outra barcada, onde dando a noua que a gente ficaua na ilha, se embarcarão outros tantos na **jangada**, e em outra outros muytos mais». — Gaspar Correia, *Lendas,* II, p. 89.

---

[1] Agostinho Barbosa (1611) explica *jangada* por «embarcação da India». — *Dict. Lusitanico-Latinum.*

1552. — «Vasco da Gama se embarcou com os nossos em duas almadias juntas uma com a outra, que naquella terra se chama **jangada**». — Castanheda, *Historia*, I, cap. 16.

«Acabarão os inimigos de fazer as **jangadas** que sam desta maneira: duas almadias grandes com traues pregadas em ambas de duas muyto juntas, e traues pregadas por cima, e em cada hũa destas cabia muyta gente». — *Id.*, III, cap. 17.

O mesmo cronista emprega, neste sentido, um adjectivo derivado de *jangada*, o qual implica também a existência do verbo *enjangar*, registado nos dicionários: «E erão muytos *tones* e almadias grandes *enjangadas* com arrombadas muyto grossas de cayro, e paraos pequenos da mesma maneyra». — *Ibid.*, II, cap. 51.

1566. — «A multidam dos imigos era tanta que se embaraçauão huns com os outros, com tudo a **jangada** dos vinte paraos, que vinhão encadeados, se adiantou de toda a frota chegando perà nossa carauela, e bateis... Mandou Duarte Pacheco tirar com hum camello que ainda nam descarregara, o que se fez em tam boa hora, que do segundo tiro desmanchou de todo a **jangada**, arrombando quatro paraos que logo se foram ao fundo». — Damião de Góis, *Chron. de D. Manuel*, I, cap. 86.

II. — *Jangada* é, secundáriamente, uma ligeira construção de traves e tabuas sobrepostas, levada à toa ou impelida à vara nos rios ou no mar sem marulho. Tem a vantagem de ser menos pesada do que os barcos, de oferecer grande superfície plana e de demandar pouca água. Nem sempre se pode discernir se os nossos escritores, quando aludem à construção de madeira, excluem barcos chatos, que algumas vezes lhe servem de base.

1504. — «Tinha prestes muytas **jangadas** de madeira pera a gente passar á Ilha de Palimbão, que auia de passar pelo váo». — Gaspar Correia, *Lendas*, I, p. 476.

1544. — «Auião de passar huma ribeira que auia no caminho, e a passarão com muyto trabalho os abexys com os odres, e os passarão em **jangadas** de madeira e rama, que o judeu foy diante fazer prestes, muyto boas, em que tambem passarão as mulas que muytos dos nossos leuauão por não hirem cansados com as armas». — *Id.*, IV, p. 373.

1553. — «E como elle pera commetter esta passagem que mandou dizer, não tinha embarcações, mandou que toda a gente de

seruiço não entendesse em outra cousa, senão em fazer **jangadas** de madeira, e cestos grandes de verga cubertos de couro pera os cauallos, e gente, o qual modo de cestos vsão por todas aquellas partes na passagem de rios cabedaes»[1]. — João de Barros, Déc. II, v, 5.

«... vigiando o que se fazia em terra, e se ordenarão os Mouros algũas **jangadas** de madeira em que elles costumão passar gente á Ilha». — *Id.*, Déc. IV, VII, 14.

1557. — «Ordenou Afonso Dalboquerque de mandar fazer huma **jangada** de taboas sobre huns páos em que se meteo vestido em huma jaqueta parda». — *Comment. de A. Dalboquerque*, III, cap. 42.

1566. — Determinou de passar a ilha, e pera isso mandou fazer muitas **jangadas** de madeira». — Damião de Góis, *Chron. de D. Manuel*, III, cap. 5.

1862. — «Similhantes embarcaçoens pouco mais eram do que **jangadas**, ou embora grandes lanchas, porém pesadissimas para os remos, fazendo só uso de vélas quando tinham o vento de perpendicular para ré». — Joaquim Celestino Soares, *Marinha*, *in Os Faustos*, de Castilho, p. 413.

III. — Também há outra armação análoga, mais modesta, formada de poucos paus ou pranchas, munida de um pequeno mastro e vela ou puxada a pás, a qual serve para transportar poucas pessoas ou cousas, ou para pescar. Construções destas, chamadas *catamarães (catamaran* em inglês, do tamul *kaṭṭu-maram)* são ainda hoje usadas em Madrasta e em Ceilão.

1575. — «Tambem vão os pretos de **jangadas**. Esta ilha [de Loanda] he mina do Congo porque aqui se pesca o Buzio que he dinheiro que corre por toda esta terra». — P. Garcia Simões, *in Bol. S G. L.*, 4.ª série, p. 340.

1596. — «Passara quarenta rios tão caudalosos, que nem em **jangadas**, que são certos páos unidos entre si, se podiam passar os vinte delles». — P. Gaspar Afonso, *Hist. tragico-marit.*, VI, p. 17.

---

[1] «Passão a ellas por hũas barcas que são redondas como cestos, de dentro são de canas, e de fora forradas de couro, cabem nellas quinze, vinte pessoas, e tambem passão nellas cavallos e bois, se querem... e em todo o reyno homde as ribeiras não tem outras barcas se não estas». — *Chronica de Bisnaga* (1525), p. 98.

1884. — «Jangadas de pranchas, a que chamam *catamaran*, circundam tambem o navio, e indios munidos de pás, ou usando de uma vela latina, as governam muito bem». — Adolfo Loureiro, *No Oriente*, II, p. 224.

IV. — «*Jangada* é, por analogia, a armação feita à pressa com madeira do navio naufragado ou a naufragar, para recolher pessoas ou objectos. Tais factos ocorriam com freqüência outrora na carreira da Índia, quando os naufrágios eram tam amiudados e os bateis insuficientes. Vid. *Historia tragico-maritima*.

1511. — «Conveo ao Gouernador [Afonso de Abuquerque] cortar todos os mastros, porque a nao trabalhaua muyto com o mar por proa; e mandou que todo fosse amarrado á nao, e de todo fizessem **jangada**, porque a nao se hia ao fundo com a bomba que nam podião vencer. Pelo que toda a gente se meteo no trabalho da **jangada** fortemente... E porque a **jangada** se desfazia na nao então a mandou o Gouernador largar por popa». — Gaspar Correia, *Lendas*, II, pag. 269.

«Como foy noite a gente do junqo em huma **jangada** que fizerão fogio pera terra, e ficou o junqo desemparado». — *Id.*, III, p. 269.

1546. — «Como fizerão os Chins que levavamos no *junco* [embarcação] por marinheiros que forão tão industriosos q̃ antes q̃ fosse menham tinhão feyto hũa **jangada** dos pedaços de paos, e das taboas que podião aver ás mãos e cõ as cordas das vellas as atarão de maneyra que quarenta estavão encima bem á vontade». — Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 179.

1582. — «Huns fazião prestes a *champana* e a *manchua* que leuauamos, outros fazião **jangadas** de rotas e taboas». — *Cartas de Japão*, II, f, 83.

1609. — «Os terceiros se salvaram em huma **jangada** que fizeram sobre os bancos da madeira da náo, e das taboas de caixões». — Fr. João dos Santos, *Ethiopia Or.*, II, p. 182.

1589. — «Quant à ceux qui estoyent demeurez de reste de la navire, ils s'adviserent de lier et ajouter des ais et fragmans que les Portugais appellent **Iangadas** pour se sauver dessus, mais ils perirent tous hormis deux qui parvindrent en terre firme». — Linschoten, *Histoire*, p. 150.

V. — Dizia-se, além disso, **jangada** o contrapêso que se juntava ao navio por ocasião de procela, para se segurar. Semelhante engenho, composto de três paus, usa-se muito na Índia em barcos pequenos, e chama-se *cangalha* em indo-português.

1540. — «Toda a noite tinhão payrado a arvore secca com grandes **jangadas** de madeira por popa á *charachina* [ao modo chinês] que seus officiaes lhe inventarão, para poderem suster milhor o pairo». — Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 62.

1898. — «São curiosas estas construcções puramente primitivas, nas quaes, para o effeito do equilibrio, existe um apparelho rectangular *(out-rigger)*, que, partindo d'um dos lados da *tóne*, mergulha a cerca de cincoenta centimetros de distancia». — Oliveira Mascarenhas e Antunes Monteiro, *Atravez dos Mares*, p. 32.

VI. — Havia também *jangadas de fogo*, que, levando matérias inflamáveis e seguindo a corrente ou a maré, iam dar nas embarcações inimigas — estratagema muito empregado outrora no Oriente.

1510. — «O Hidalcão ordenou de mandar fazer muytas **jangadas** de tauoas cubertas de terra amassada, e em cyma posta leynha sequa miuda e *olá* [folha de palma] e as leuar pelo rio abaixo com a vazante da maré, pelo escuro, e no meo do rio as acender, e deixar hir com a maré dar sobre 'armada, que a queimassem». — Gaspar Correia, *Lendas*, II, p. 106.

1540. — «Por estar já a terra toda amotinada, e apercebida de muytas **jangadas de fogo**» (na Indo-China). — Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 40.

«Na entrada do porto estavão ja duas **jangadas** muyto grandes com muyta soma de lenha, e de barris de alcatrão, e fardos de breu, paraq̃ em elle surgindo lhas lançassem». — *Id.*, cap. 47.

1563. — «E por estes nauios terem muito pouca guarda, determinarão os Mouros de as queimar com **jangadas de fogo**, entremettido pela madeira, breu e alcatrão». — João de Barros, Déc. IV, VI, 26.

VII. — *Jangadas de madeira* eram denominadas, restritamente, as que constavam de toros de madeira, ligados paralelamente uns aos outros. Neste sentido, a locução é muito usada na Índia, sendo as árvores abatidas das matas desta maneira transportadas pelos rios e até por mar.

1533. — «Tirarão de debaixo da vaza muy fermosa madeira de páos estorados e cauacados, limpos, e fizerão **jangadas** d'elles atravessando uns sobre outros, cada **jangada** de trinta e quarenta páos, que em Goa valião muyto dinheiro; e davão huma **jangada** feita aos galeões, e outra tomauão e atauão por popa de suas fustas e embarcações». — Gaspar Correia, *Lendas*, III, p. 473.

1615. — «Tirarão da vasa muyta e muyto fermosa madeyra de paos já desbastasdos e limpos de que fizerão **jangadas**, atravessando uns sobre os outros». — Francisco de Andrada, *Chron. de D. João III*, II, f. 114.

1635. — «Dom Henrique de Noronha veiu de Cochim para Cananor, para trazer humas **jangadas** *de madeira*, por não haver cousa particular em que se empregasse; donde as trouxe e veiu com ellas andando, trazendo as cafilas de Mangalor e Barcelor. — António Bocarro, Déc. XIII, p. 77.

1911. — «O mesmo se pode dizer com relação aos barcos e **jangadas** que frequentam o rio» (de Mapuça em Goa). — José Emílio Castel Branco, *Ból. S. G. L.*, 29.ª série, p. 303.

Vê-se daqui que a idea primária da *jangada* é a de junção de alguns madeiros ou barcos. A armação de madeira é de maiores ou menores dimensões e mais ou menos consistente, conforme a necessidade e os recursos.

*

§ 2.º — Etimologia.

Os nossos etimologistas derivam commummente *jangada* de *janga*, que o *Dicc. Contemporaneo* define «especie de embarcação chata que serve principalmente para transportar madeira», e dá-lhe por étimo o espanhol *jangua*. Mas onde é que serve ou serviu tal embarcação? O dicionário da Academia Espanhola tira *jangua* do chinês *chun* (talvez o mesmo que *chuen*), e diz que é «embarcación pequeña armada en guerra, mui usada en los mares de Oriente». A nova edição do dicionário de Cândido de Figueiredo declara que *janga* é «pequena e antiga embarcação de remos», abona-a com Fernão Pinto e atribui-lhe interrogativamente origem pracrítica; mas os prácritos não conhecem tal vocábulo.

A palavra *janjá* ou *janga* não ocorre, que eu saiba, senão na *Peregrinação*:[1] «Dizem que mandou a buscalos hũa frota de trinta **jangás** de remo, em q̃ dizem que hião mil e seiscentos homens» (na China). «Não avia mais em todo o rio que tres *laulees* pequenas, e hũa **jangaa** em que não podião caber cem pessoas». (Cap. 92). «Vierão em dezasseis mil embarcações de Laulees, e **Jangaas** pelo rio de Batampina». (Cap. 117). «Embarcados em tres mil *seroos*, e laulees, e **jangás**». (Cap. 181).

Sendo *laulé* e *seró* termos da Malásia, é provável que o seja também *janga*, talvez procedente do malaio *changgah*, «croque (usado para propelir o barco contra a corrente empuxando-o contra ramos de árvores, arbustos, etc.)». Wilkinson.

Em todo caso, *janga*, quer seja de origem malaia, quer provenha do chinês, não é, como observa com muita razão Gonçalves Viana, o étimo de *jangada*, que não tem com aquela palavra nenhuma relação de significado ou de derivação, nem o dicionário espanhol admite semelhante parentesco.

O substantivo sânsc. *saṅghaṭṭa* (derivado do verbo *saṅghaṭ*), «união, junção, coesão», tomou em marata e concani a forma *sãṅgaḍ* e o significado de «junção de dois ou mais objectos iguais, como duas embarcações, dois mólhos, dois ou mais madeiros ou paus. O conceito fundamental é o de justaposição ou contraposição».

Em malaiala, o sânsc. *saṅghaṭṭa* ou o neo-árico *sãṅgaḍ* é representado por *chaṅṅāḍam'*, «balsa, dois barcos ligados para passagem dos rios». Stolz. Os autores do Glossário Anglo-indiano observam que «é uma palavra de especial importância por ser uma das poucas vozes dravídicas conservadas nos restos da antiguidade clássica, a qual

[1] Pode ser que seja o mesmo que *joanga*, de que falam Castanheda, Gabriel Rebêlo e o próprio Fernão Pinto, que acentua *joangá*.

ocorre no *Periplus» Maris Erythrei,* do primeiro século, como *zángara.*

Foram os referidos autores os primeiros que entroncaram o vocábulo português no tamul-malaiala *shangāḍam.* Gonçalves Viana registou a derivação nas *Apostilas,* e o Sr. Cândido de Figueiredo reproduziu-a na segunda edição, como «do tâmil *xangadam*».

Cumpre notar: 1.º Que *tâmil* é forma inglesa, mais consentânea à etimologia, sendo *tamul* (francês *tamoule*) a portuguesa, corrente na Índia. 2.º Que no actual tamul se encontra *saṅgaṭṭam'* ou *saṅgaḍam'* no sentido de «apêrto ou dificuldade», que é uma das acepções do étimo sânscrito. 3.º Que a exacta transcrição e ortoépia do vocábulo malabárico é *chaṅgāḍam',* sendo *ch* diferente de *x* nos idiomas indianos. 4.º Que os portugueses receberam o têrmo no Malabar e da língua do país, a qual é distinta do tamul, pôsto que da mesma família.

A identificação fonética de *jangada* e *chaṅgāḍam'* não oferece dificuldades de monta. Já vimos na palavra *corja* que *ch* inicial de vocábulos malabáricos se transmuda em *j* na sua transição para português. O *m* final, que tomam muitas vezes do malaiala, bem como do tamul, quando estão soltas ou isoladas, não se reproduz. Cf. *malaiala* de *malayāḷam', andor,* de *aṇḍolam'.* O *ḍ* cacuminal passa para a sua dental [1].

*

Os nossos indianistas empregam igualmente a palavra *jangada* para designar «o naire assalariado que guia e guarda um viajante, ou defende uma fortaleza ou um pagode, com a garantia da própria vida». «Aos mercadores

[1] A língua túlu, dravídica, tem *jangalu, jangālu* ou *jangāru,* que parece ser importado do inglês *jangar,* corrução de *jangada.*

estrangeiros, diz Damião de Góis, e de qualidade que vão a Calecut, por ordenança del Rey se dá hum Naire para o guardar e servir». — *Chronica de D. Manuel,* I, cap. 42.

O étimo do têrmo nesta acepção, é o mesmo *chaṅgāḍam',* que expressa, metafóricamenre, a ligação moral, estreita e indissolúvel, de um indivíduo nobre, que empenha nisso a sua honra e vida e até a da sua família, e se faz *amouco,* sendo necessário, como está dito.

1540. — «Os senhores que ora lhe obedecem, que lhe obedeçam asy e da maneira que ora lhe ffazem, e que lhe nam posam tirar as **jangadas** que ao presente tem as suas terras». — *Apud* Simão Botelho, *Tombo*, p. 252.

1543. — «E este homem que assy veo a morrer tão denodadamente, era hum dos **jangadas** do pagode. E chamamlhe **jangadas** porque os Reys e senhores das terras, por seu costume, mandão guardar estas casas dos pagodes, que estão por suas terras, por dous homens capitães, homens honrados e bons cavalleiros. A estes guardadores assy chamão **jangadas**, e tem gente de sua guarda». — Gaspar Correia, *Lendas,* IV, p. 328.

1602. — «E por esta rezão as nossos fortalezas tem **jangadas**, a que elRey dá tenças, que são obrigados com todos os parentes e criados acudirem as afrontas que os visinhos lhes fazem». — Diogo do Couto, Déc. IV, VII, 14.

1603. — «Era costume dos Reys de Porcà, e de todos os mais do Malauar não entrarem na Cidade de Cochim sem o Regedor mór do Rey de Cochim, ou pessoa grande de seu mandado, como o Regedor mór não fosse como por sua **jangada**, que entre os Malauares he como segurança de bom tratamento, ao qual ficão obrigados os que sam **jangadas**, ou os que as dão, de modo que todo o agrauo, que se faz á pessoa a que se dá **jangada**, se faz ao mesmo Rey, ou pessoa que a deu, e ainda a todos os Naires, e como tal o vingão». — Fr. António de Gouveia, *Jornada do Arcebispo*, f. 116, v.

1613. — «Este nayre que por sua vontade se veyo entregar ha morte era hum dos **jangadas** daquelle pagode». — Francisco de Andrada, *Chron. de D. João III,* III, f. 123, v.

1615. — «Tem á sua obediencia muitos dos a que chamam **jangadas**, que são Naires deputados a acompanhar qualquer pessoa». — Pyrard de Laval, *Viagem,* I, p. 284.

1698. — «Era necessario que a igreja tivesse sempre dous ou tres

Naires, dos que no Malabar chamam **Gengadas**, e servem de procurar e defender os privilegios e isenções das pessoas, das quaes são **Gengadas**, e de tomar satisfação de qualquer affronta que se lhes faça». — *In O Chronista de Tissuary*, II, p. 83.

1894. «Quando um dos **jangadas** toma conta de um estrangeiro, é como se lhe respondesse pela vida; nenhum dos outros se atreve a tocar-lhe n'um cabello». — Lopes de Mendonça, *Os Orphãos de Calecut*, p. 194.

*

Parece-me, à vista do exposto, que o vocábulo pode ter a seguinte entrada no dicionário português.

Jangada, *s. f. (Ind.)*. Junção de duas, e às vezes mais, embarcações pequenas, para serviço dos rios ou portos. Armação de madeira para transportar por mar ou rio, ou para recolher os salvados de naufrágio; *(ind.)* ligeira construção de pranchas para pescar ou para incendiar embarcações; *(ind.)* conjunto de toros de árvores, ligados uns aos outros e levados por água; *(ind.)* contrapêso de madeira, que se junta a um dos bordos de barcos estreitos, «cangalha»; *(fig.)* caranguejola; *(ant. ind., m. ou f.)* naire que se comprometia a guardar, com o sacrifício da sua vida, uma pessoa ou um estabelecimento. Do malaiala *chaṅṅādam* < sânsc. *saṅghaṭṭa*, «junção, união».

O Dicionário de Cândido de Figueiredo consigna como *brasileiro* outro significado: «árvore silvestre, de pêso insignificante, e que por isso convêm para a construção de jangadas». O *Contemporaneo* regista a locução «de *jangada*, de enfiada, de escantilhão; em confusão». O da Academia Espanhola exara, com nota de *familiar*, a acepção de «salida ó idea necia y fuera de tiempo ó ineficaz».

XIII

Pagode

De todos os termos asiáticos, adoptados pelos europeus, o que mais atenção tem merecido aos orientalistas e tem ocasionado acalorados debates é incontestávelmente *pagode*, que de português passou para outras línguas da Europa[1].

A difficuldade e o interêsse não estão em investigar os seus significados, que são clara e distintamente indicados pelos escritores nacionais, mas em conhecer a sua sobordinação histórica, e mui particularmente em determinar com segurança a sua etimologia.

Os portugueses, alêm disto, devem naturalmente ter a curiosidade de saber o motivo por que o vocábulo adquiriu no continente, ao menos desde o século XVII, um sentido tam translato.

*

§ 1.º — **Sematològia.**

Os nossos indianistas assinam à palavra *pagode* três sentidos diferentes, com relação à Índia, Indo-China e extremo Oriente, sendo a Índia o ponto de partida. «*Pagode* entre os Portuguezes da India significa o idolo, e o templo, e tambem huma certa moeda de ouro». P. Francisco de Sousa, *Oriente Conquistado*, II, IV, 2.

Há controvérsia acêrca da prioridade relativa entre os dois primeiros. Registo-os conforme a evolução que se me afigura mais consentânea à razão, contra a opinião geralmente seguida.

I. **Pagode** é *«idolo indiano, imagem de deuses ou santos*

1 «This obscure and remarkable word is used in three different senses». Glossário Anglo-indiano.

asiáticos». Actualmente é pouco usado nesta acepção. Os Vedas não mencionam imagens nem templos. Parece que a sua introdução e propagação se devem ao budismo e jainismo.

1525. — «Trazem hũs carros triumfaes que andam sobre suas rodas, omde amdão bailhadeyras e outras mulheres com tamgeres ao **paguode**, o ydolo». «Tem elrey hũa casa feyta de pano com a sua porta cerrada, onde tem hum **pagode** o ydolo». «As mulheres solteiras e bailhadeyras ficão bailhamdo diante do **paguode** o ydolo gramde pedaço». — *Chronica dos Reys de Bisnaga*, pp. 100, 102 e 104.

1535. — «Disserão a elrey que era tempo que os **pagodes** lhe tinhão dado o synall do vencimento». «Disserão que os seus **pagodes** não erão contemtes com aquella obra, por ser gramde, sem lhe darem algũa cousa». — *Ibid.*, pp. 29 e 56.

1538. — «Que lhe jurava [a rainha de Onor, no Canará] pelas alparcas douradas do seu **pagode**, que tanto folgaria com a victoria que Deos lhe désse contra elles, como que o Rey de Narsinga cuja escrava ella era, a assentasse á menza com sua molher». — Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 9.

1551. — «Metese o diabo nelles muytas vezes, e dizem que he hum dos seus deuses, ou **pagodes**, que assi lhe chamão».—Castanheda, *Historia*, I, cap. 14.

1552. — «Dizendo todos ter ofendido aos seus **pagodes** em não lhe fazer sacrificios e offertas que lhe tinha prometido». — João de Barros, Déc. I, IV, 18.

1557.—«E que a seu primo não lhe avia de valer o Rey de Calecut, nem seus **pagodes**». — *Comment. de A. Dalboquerque*, II, cap. 51.

1559. — «Tendo-se suspeita que em alguma casa ou casas dos ditos gentios ha os ditos **pagodes** e idolos, as pessoas a cuja noticia vier o denunciarão». — *Carta régia, in Archivo Port.-Or.*, fasc. 5.º, p. 389.

1561. — «Jurando [o rei de Cananor em 1498] mais por seus **pagodes**, que são seos idolos que adoram por Deoses, que tudo compriria até morrer». — Gaspar Correia, *Lendas*, I, p. 119.

1563. — «E tambem se gasta o [sândalo] vermelho em **pagodes** ou idolos». — Garcia da Orta, Col. IXL.

1567. — «Acender candeas diante dos **pagodes**, ou em lugares a elles destinados, untalos com azeite, sandalo, e mais cousas». — 1.º Concilio de Goa, *in Archivo Port.-Or.*, fasc. 4.º, p. 13.

1602. — «Taparão todos os olhos dizendo que tirasse aquella sugidade, que erão Christãos, e não adoravão idolos, nem **pagodes**, quaes cuidavão que erão todas as imagens». — Fr. António de Gouveia, *Jornada do Arcebispo*, f. 46 v.

1603. — «Perguntei-lhes se Thodares tinhão **pagodes**, responderão que tinhão huma bufara [bufala] por **pagode**». — *In O Chronista de Tissuary*, III, p. 138.

1608. — «Faço deixar as cinzas, e as mais ceremonias, e sinal de **pagode**, e persuado a este gente que o não tragão na testa (como costumão todos a honra dos **pagodes**) e que não adorem o **pagode** de Choconadá». — P. Fernão Guerreiro, *Relaçam*, f. 92.

1611. — «Particularmente com os Bonzos, os quaes tinhão chea a casa de imagens de **pagodes**» (na China). — P. Sabatino de Ursis, *Matheus Ricci* (Roma, 1910), p. 21 [1].

1613. — «As duas principais são de figuras de relevo das historias dos seus infames **Pagodes** repartidos por fóra em onze paineis». — P. Manuel Barradas, *Hist. tragico-marit.*, II, p. 106.

«Iam diante quatro ou cinco andores com alguns **Pagodinhos**». — *Id.*, p. 107.

1615. — «Os povos gentios deste paiz de Bengala tem por seu **pagode** ou idolo um elephante branco, que é mui raro de encontrar». — Pyrard, *Viagem*, I, p. 279.

1624. — Vão dando grandes vivas e euges a seu **pagode** de contino com estas palavras (ye Badrynate ye ye)». — António de Andrada, *Novo Descobr. do Gram Cathayo*, f. 3.

1650. — «Nem se pode dizer serem os **pagodes** auctores do universo, quando é certo que qualquer **pagode** (ainda o primeiro que se assigne) teve pae e mãe». — P. António Cardim, *Batalhas*, p. 138.

1663. — «E ao passar de cada conta não dizia mais que, Rama, Rama, Rama, que he o nome do seu mais prezado **pagode**». — P. Manuel Godinho, *Relação*, p. 24.

1697. — «Hum bramane gentio de larga idade era tão devoto dos seus idolos, que por onde quer que fosse, levava sempre comsigo grande soma de **pagodinhos**». — P. Francisco de Sousa, *Oriente Conquist.*, II, I, 2.

1865. — «Os **pagodes** *templos* estavam já a este tempo derrubados, como se vê por muitos documentos. Aqui porem falla dos **pagodes**

---

[1] Êste autor, todas as vezes — e são muitas — que emprega a palavra *pagode*, dá-lhe o sentido de «ídolo», designando por *varela* o templo. «Uma *Varela* velha que é templo dos idolos, por haver muitas nesta cidade» (Pequim). Pag. 62.

idolos; porque a uma e outra cousa se applica o vocábulo». — Cunha Rivara, *Archivo Port.-Or.*, fasc. 5.º, p. 229.

1883. — «Logo que o *bonzo*, o padre chinês, tem declarado o lugar em que o finado deve ser enterrado, faz-se o saímento como descrevi, e os **pagodes**, os bonecos, as figuras de papel e de papelão... são queimadas junto do tumulo». — Adolfo Loureiro, *No Oriente*, I, p. 342.

1544. — «Delectaret me si nunciares neminem jam ex illis *Orracam* [vinho de coqueiro] bibere, neminem **pagodes** sculpere». — S. Francisco Xavier, Lib. I, *Epist.* 79.

1549. — «...patrios Deos (**pagodes** vocant) in contemptu indigenarum esse venturos». — *Id.*, Lib. III, *Epist.* 24.

1584. — «Hanno certi loro **Pagodi**, i quali venerano come santi, e sono i loro idoli, referendo a Dio principalmente ogni cosa si delle naturali come delle volontarie». — Filipe Sassetti, *Lettere*, p. 220.

1589. — «Les Bramenes aussi qui sont Prestres des Malabares et Indiens y servent à leurs Idoles qu'ils appellent **Pagodes** et ont Temples dediez à icelles». — Linschoten, *Histoire*, p. 23.

O mesmo viajante intercala na sua obra uma estampa de alguns ídolos, com a seguinte legenda: «Horrendae Idolorum effigies, quae in omnibus viarum angulis Indi prostrati passim adorant et donarijs prosequuntur, a Bramenis sacerdotibus, ob sapientiae opinionem apud illos magni habitis, **Pagodes** dicta».

1620. — «Sur la minuit on porte le **pagode** au son de trompettes, et on tire quantité de feu d'artifices, que ces Peuples preparent fort bien». — Methold, *in Relations*, I, p. 6.

1630. — The Bramenes under each green tree erect temples to **pagodes**». — Lord, *in Glossary*.

1900. — «In those days [do bispo D. João de Albuquerque] the word **pagoda** was used by the Portuguese to denote both the Hindu temple and the idol; and it was in more recent times that the word was confined to the temple alone». — Gérson da Cunha, *The Origin of Bambay*, p. 137.

*

II. **Pagode** é «*templo hindu* e, por extensão, *mesquita* dos mouros e *varela* dos budistas» [1].

[1] Duarte Barbosa chama em um lugar *mesquita* ao oratório hindu: «Estaom os noiuos [brâmanes] ambos assentados em hũ estrado muyto cubertos douro e pedrarias e joias, diante de si tem hũa *mesquita* com hũ Idolo cuberto de flores». *Livro* (2.ª ed.), p. 279.

«In the 17th century we find the word sometimes misapplied to places of Mahommedan worship, as by Faria y Sousa, who speaks of the «**Pagode** of Mecca». *Glossary*.

Nesta acepção é mais usado hoje em dia assim pelos escritores nacionais, como pelos estrangeiros, inglês *pagoda*, francês *pagode, pagodin* [1].

1516. — «Ha nesta tera [Malabar] outra ley [casta] de gente a que chamaom *Cuiavem*, que nom tinhaom diferença dos Nayres, somente por hũu ero que fizeraom ficaraom em ley sobre sy; seu oficio he fazerem louças e tijolo pera cobrirem has casas dos Reis e dos Idolos... tem idotoria sobre sy, e seus Idolos apartados. Nas suas casas de oração a que chamaom **Pagodes** fazem muitas feitiçarias e nigromancias». — Duarte Barbosa, *Livro*, p. 333.

1525. — «Estes **pagodes** são casas em que fazem suas orações, e tem seus idolos, os quaes são de muytas maneiras». — *Chronica de Bisnaga*, p. 84.

1535. — «Nesta cidade fez muitas obras, e as esmollas aos **pagodes**, e nella fez hũu **pagode** muito honrado, ao quall deu muitas remdas». — *Ibid.*, p. 22.

1542. — «Destes **pagodes** que digo ha muitos de edificios muyto sumptuosos, principalmente os das religiões em que vivem os menigrepós, conquiais, e talegrepos, que são os sacerdotes das quatro seytas». — Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 107.

1545. — «Fomos logo metidos dentro de hum **pagode**, que era hum templo da sua adoração, cercado em roda de parede muyto alta» (no Japão). — *Id.*, cap. 138.

1551. — «Em hum **pagode** que he casa de oração dos seus idolos que tem deputado para isso». — Castanheda, *Historia*, I, cap. 14.

«E fazemlhe casas dedicadas aos diabos, a que chamão **pagodes**». — *Id.*, II, cap. 16.

1552. — «Do rio Zanguizar á outras vinte e cinquo legoas onde

[1] «**Pagode.** Monument religieux de l'Inde et de l'extrême Orient... consistant à l'origine en une sorte de chapelle, soit tailée dans le roc, soit construite á ciel ouvert, mais dans laquelle la statue de la divinité est dressée au centre de piliers, supportant une pyramide polygonale». *La Grande Encyclopédie*.

está o **pagode** se contem Ceitapor, Carapatão, Tamaga». — João de Barros, Déc. I, IX, 1.

1554. — «E pera o mosteiro de santa fee oyto çentos e corenta e cinquo mil reis em cada hum ano, afora a Renda dos **paguodes**, que sua alteza deu pera a dita casa, que Rende seyscentos mill reis». — Simão Botelho, *Tombo*, p, 70.

1558. — «Os christãos se espalharão por diversas partes, e a nossa casa foi dada a **pagode**, ou casa de idolos». — P. Gaspar Vilela, *Cartas de Japão*, I, f. 59.

1563. — «E todas as casas [de Calecut em 1500] cubertas **d'ola**, que he a folha de palmeiras, que por seo costume e ley, ninguem tem casas cubertas de telha senão as casas de seos **pagodes**, que são suas igrejas, e as casas dos Reys». — Gaspar Correia, *Lendas*, I, p. 183.

1563. — «Tem outro **pagode** em huma parte da ilha, que chamam Maljaz; a qual he huma casa muyto grande, tambem feita dentro na pedra; e tem dentro muytos **pagodes** [ídolos], e muyto mal assombrados». — Garcia da Orta, Col. LIV.

1566. — «São estes gentios Canaris do Malabar mui ceremoniaticos, tem templos a que chamam **pagodes**, mui grandes, e bem armados, com muitas imagens, dellas afiguradas, quem anjos, e diabos, dellas como homens e mulheres, e outras de diversos modos». — Damião de Góis, *Chron. de D. Manuel*, I, cap. 22.

1568. — «Eu sou informado que á ilha de Guoa vem *Jogues* [ascetas hindus] que trazem bullas dos **pagodes** dos idolos dos jentios». — *Regimento Jeral, in Archivo Port.-Or.*, fasc. 3.º, p. 20.

1602. — «Todo aquelle **pagode**, em que notamos cousas admiraveis...» — Diogo do Couto, Déc. IV, IV, 7.

«Tem o mais soberbo e sumptuoso **pagode** que ha em toda aquella ilha». — *Id.*, Déc. VI, VII, 7.

1603. — «Souberão os Gentios e Bramanes dos **Pagodes** destas festas e intento do povo, e como auião de leuar o Arcebispo na procissão». — Fr. António de Gouveia, *Jornada do Arcebispo*, f. 57.

1609. — «Poseram esta imagem entre os seus santos no seu **Pagode**, que é a sua Egreja». — Fr. João dos Santos, *Ethiopia Or.*, II, p. 82.

1615. — «O grande **Pagode**, ou templo real, que é o maior do reino [de Calecut], onde ha grande numero delles. A imagem do idolo que alli se adora, a que tambem chamam **Pagode**, está collocada na parte mais interior do templo». — Pyrard de Laval, *Viagem*, I, p. 350.

1632. — «**Pagode** chamamos á casa que tem por templo». — Fr. Luís de Sousa, *Hist. de S. Domingos*, III, p. 245.

1635. — «...se ia fazendo e fortificando pelos mouros vassalos do Idalcão um **pagode** [mesquita] á maneira de fortaleza». — António Bocarro, Déc. XIII, p. 87.

1668. — «E nós fomos prolongando da costa com vento em popa, e ganhamos o barlavento das Ilhas té passarmos o **Pagodinho**». — Fr. Jacinto de Deus, *Vergel das Plantas*, p. 142.

1685. — «Para o outro lado [do Pico de Adão em Ceilão] está o **Pagode**, que he a sua Igreja». — João Ribeiro, *Fatalidade Historica*, I, cap. 23.

1697. — «Usamos indistintamente na India desta palavra, **Pagodes**, para significarmos ou idolos, ou templos gentilicos». — P. Francisco de Sousa, *Oriente Conquist.*, I, I, 2.

1825. — «Tem alguns **pagodes**, asylos da superstição, adornados com idolos de feia catadura». — José Inácio de Andrade, *Cartas* (Lisboa, 1847), I, p. 18.

1883. — «Cheguei a um templo budhista, o principal da cidade [de Colombo]. Em uma das mais bellas estradas do paiz abre-se um portão que dá accesso a um recinto, onde se encontram quatro templos ou **pagodes**». — Adolfo Loureiro, *No Oriente*, I, p. 225.

1884. — «Os templos em que se pratica o culto chinez chamam-se **pagodes**, e os sacerdotes *bonzos*». — *Id.*, II, p. 68.

1886. — «Os **pagodes**...são templos gentilicos, em que os idolos estão expostos á adoração dos devotos. São ordinariamente de fórma quadrada ou quadrilonga; os maiores são divididos em tres naves e de construcção perfeitamente oriental». — Lopes Mendes, *A India Port.*, II, p. 55.

1898. — «**Pagodes**, a que os hindus chamam *divola* ou *devalem*, são os templos em que os idolos estão expostos á veneração dos fieis». — Oliveira Mascarenhas e Antunes Monteiro, *Atravez dos Mares*, p. 173.

1516. — «In questa terra di Goa, e di tutta l'India vi sono infiniti edificii antichi de' Gentili e in una isoletta qui vicina detta *Dinari* [= *Divari*], hanno i Portoghesi per edificare la terra di Goa distrutto un tempio detto **Pagode** (pigliava per nome proprio ciò ch'è nell'India commune...) ch'era con maraviglioso artificio fabricato». — André Corsali, *apud* Gubernatis, *Storia*, p. 116.

1544. — «Ego Christianorum vicos circumiens, per Brachmanorum aedes (**Pagodes** vocant) transire soleo». — S. F. Xavier, Lib. I, *Epist.* 14.

1584. — «Hanno certe loro chiese, che chiamano **Pagodi**, dove vanno a farsi schiavi del nabisso [= abisso]». — Filipe Sassetti, *Lettere*, p. 231.

1616. — «Ils appellent, leurs petits Temples des **pagodes**, ils sont bastis en rond; il y a des Idoles qu'ils adorent, quoy qu'ils representent des Monstres». — Terry, *Voyage aux Indes Orientales (in Relations)*, p. 94.

1640. — «Leurs Temples ou **pagodes** sont de bois» (em Japão). — *Relation du Japon (ibid.)*, p. 32.

1638. — «There they meet us at a great **pagodo** or **pagod**, which is a famous and sumptuous Temple (or church)». — Lord, *in Glossary*.

1653. — «Ils peuvent seulement faire profession de païens ou de musulmans, sans avoir aucune **pagode**, mosquée ou statue» (em Goa). — Le Guaz de la Boullaye, *Voyages*.

1666. — «Il y a des Mosquées et des **pagodes**, c'est-à-dire des Temples de Gentils, en cette Ville». — Thevenot, *Voyages*, III, p. 18.

1676. — «Pour moi qui ai vu aux Indes plusieurs **pagodes** ou Temples d'Idolâtres, et des édifices plus beaux que ne pouvait être le Temple d'Ephese, je crois que ce bassin servoit plutôt à mettre les offrandes du peuple, comme il y en a de semblables aux **pagodes** des Indiens». — Tavernier, *Voyages*, I, p. 111.

1782. — «Ces énormes machines qui couronnent les portes, les décorations intérieures, et les milliers de colonnes qui entourent les **pagodes**, imposent le respect, et annoncent la demeure de la divinité». — Sonnerat, *Voyages*, I, p. 101.

1884. — «Les temples de l'Indoustan et du Bengale sont en général ce qu'on appelle dans le Sud des **pagodins**, c'est-à-dire de petits sanctuaires surmontés de pyramides assez élancées». — Mgr. Laouenan, *Du Brahmanisme*, I, p. 40.

1900. — «Passe une région habitée; des villages, des **pagodes**, de vieilles églises, en ce style un peu hindou qu'ont adopté ici les chrétiens syriaques». — Pierre Loti, *L'Inde*, p. 106.

1906. — «Il a eu recurs au bras de ses soldats, à la demolition des **pagodes**, à la proscription, à la confiscation des propriétés, aux buchers de l'Inquisition». — Cristóvão Pinto, *Les Indigènes de l'Inde Portugaise*, p. 2.

III. **Pagode**, «antiga *moeda de ouro*, que corria na Índia meridional, de valor variável desde 360 até 3:600 réis». Dizia-se por vezes «pagode de ouro», para se distinguir das outras acepções do vocábulo [1]. A denominação portuguesa de *pagode* é posterior, como declara o *Tombo Geral*, à de *pardau*, que é de origem indiana, vulgar *partāp* ou *pardāp*, sânsc. *pratāpa*. Deveu a sua origem à efígie do ídolo, ou «figura do *pagode* desta gentilidade», como diz Diogo do Couto. Vid. Linschoten e Bluteau *infra*.

[1] Yule diz que também havia moeda de **prata**, com idêntico nome, talvez dado pelos ingleses. Mas os nossos escritores não a mencionam, provávelmente porque não corria nos nossos domínios, pelo menos com tal designação.

«Moedas da India: *pagoda* de ouro (East Ind. Company), *rupee* da India inglesa do sec. XVII e XIX, e *rupee* local do sec. XVIII, *half pagoda*, $^1/_4$ *pagoda*, de **prata** (East. Ind. Company), *fanam* de Madrasta» (no Museu Rial Escocês)». — J. Leite de Vasconcellos, *De Campolide a Melrose* (Lisboa, 1915), p. 106.

O *pagode*, além de se sujeitar às flutuações do mercado, tinha diversa valia conforme as suas espécies ou procedências. A tarifa denominada de Sivá Poy avalia o de Balagate em pouco mais de 8 xerafins, o de côche em 9½ xerafins, e o de Patvar em 12 xerafins. Vid. Francisco Xavier Fernandes, *in Bol. S. G. L.*, 23.ª série, p. 284.

Os nomes indígenas da moeda são: *varāha* ou *varā*, do sânsc. *varāha*, «javali», uma das encarnações (*avatares*) de Vixnu, cuja efígie aparece em várias emissões; e *honā* ou *hūn*, do sânsc. *suvarṇa*, «ouro».

1595. — «A qual moeda de **Pagodes** se chamava antigamente «pardáo d'ouro», e tinhão de valia trezentos e sessenta reis». — Francisco Pais, *Tombo Geral*, f. 84.

1611. — «Havia muitos Chatins, que são mercadores que falavão por *candis* de **Pagodes** de ouro, que he hūma moeda como tremoços, que tem a figura do *pagode* desta gentilidade, e vale cada hum mais de quatrocentos reis». — Diogo do Couto, *Dial. do Sold. Pratico*, p 156.

«Ainda na nossa entrada na India houve muitos que fallavão por tantos alqueires de **Pagodes**, por onde parece que seu commercio, e trato foi sempre maior que de todas as Cidades da India». — *Id.*, Déc. X, III, 16.

1615. — «Perto desta grande praça onde ha o mercado ha um grande edificio [em Calecut], onde se bate a moeda d'el-rei, que corre em toda esta costa de Malabar. São moedas de ouro, que de um lado tem a effigie d'el-rei e do outro um **Pagode** ou idolo». — Pyrard, I, p. 350.

1618. — «Outras moedas correm lá a que chamão **Pagodes**; vale cada uma dellas nove tangas e meia até dez, que importam 570 reis até seis tostões». — Manuel Barbosa, *in Archivo Port.-Or.*, fasc. 5.º, p. 328.

1619. — «Pagará por cada cem **pagodes** de avaliação dous **pagodes** e meyo». — Regimento do Vedor Nuno Vaz Castelo Branco.

1720. — «**Pagode**. Tambem he moeda de ouro, de duas, ou tres castas, que o gentio da India fabrica, e por ser cunhada com a effigie do diabo, foy chamada **Pagode**». — Bluteau, *Vocabulario*.

1810. — «Cobra-se em moeda de **pagodes** denominada *Nixanny*». — Joaquim Soares, *Doc. Comprobativos*, p. 434.

1814. — «Explanação do dinheiro dos **pagodes** da moeda *nixanny* que é distribuido em oito partes, a saber: *Hona* ou *vara* chamado em portuguez **pagode**, 2 dharanes, 3 doules, 4 belans, 5 vis, 6 arvis, 7 rucós, 8 paurucós». — *Id.*, p. 449.

1840. — «Duas são as especies de **Pagodes**: *Sannury* e *Nixany*. Os primeiros (Sannury) são divididos em seis fracções — **Pagode** — Pratap — Damo — Pagó — Visvó — Cannó. De 4 cannós se compõe hum Visvó; de 4 Visvós hum Pagó; de 4 Pagós hum Damo; de 5 Damos hum Pratap, e de 2 Pratapos hum **Pagode**, que equivale a 6 xerafins, 2 tangas, e 30 reis. O valor de cada hum dos segundos (Nixany) são 5 xerafins». — F. N. Xavier, *Collecção de Bandos*, I, p. 269.

1848. — «Fixar definitivamente o valor dos **Pagodes**, ou *Oras* a 6 xerafins, sendo bens dos particulares». — *Id.*, II, p. 191.

1825. — «A companhia dá-lhe armas, fardamento, e $2\frac{1}{2}$ **pagodes** por mez; equivalem a 16$800». — José Inácio de Andrade, *Cartas*, p. 60.

1904. — «Esteve arrendada por 1:750 **pagodes** equivalentes a 2:887 xerafins, duas tangas e trinta reis». — F. X. Fernandes, *Regimen de sal*, etc., *in B. S. G. L.*, série 22.ª, p. 321.

1566. — «Nell'uscir poi li caualli Arabi di Goa, si paga di datio quaranta due **pagodi** per cavallo, e ogni **pagode** val otto lire alla nostra moneta; e sono moneta d'oro». — César Frederici, *apud* Ramúsio, III, f. 388.

1586. — «Li cavalli pagano di nolo la metà, e ad uscire di qui 40 **Pagodes** d'oro coniato, che sono tanti scudi d'oro in oro». — F. Sassetti, Lettere, p. 289.

1589. — «Il y a aussi des **Pagodes** de deux ou trois sortes, qui sont pieces d'or qui valent tousiours plus de huict *Tangas*. Ils sont batus par les Indiens Payens qui y mettent l'effigie d'un Idole ayant la forme d'un diable, d'où aussi ils prennent le nom». — Linschoten, *Histoire*, p. 72.

1620. — «Il a de revenue 25 *leckques* [= laques] de **Pagodes**, qu'il tire de tous ses Sujects». — Methold, *in Relations*, I, p. 2.

1666. — «Les **Pagodes** sont des pieces d'or, dont il y a de vieilles et de neuves; lorsque j'étois à Bagnagar, les vieilles valoint cinq roupies et demie, c'est-a-dire environ huit livres, parce qu'elles y étoient rares et les neuves ne valoient que quatre roupies». — Thevenot, *Voyages*, III, p. 279.

1782. — «La **pagode** est une monnoie d'or plate d'un côté et convexe de l'autre; sur le côté plat, il a pour l'ordinaire quelques figures des Dieux indiens... Il y a un grand nombre d'espèces de **Pagodes**». — Sonnerat, *Voyage*, I, p. 144.

1673. — About this time the Rajah... was weighed in Gold, and poised about 16,000 **Pagodes**». — Fryer, *in Glossary*.

1675. — «El despojo fue tal, que uvo moço a quien cayeron en las manos cinco talegas de **Pagodes**, monedas del oro tamaño de medio real de plata però mas gruessa, y de valor de um escudo». — Faria y Sousa, *Asia Port.*, III, 78.

1676. — «Ils le laisserent en repos à condition qu'il payeroit aux Mogols un tribut annuel de 200.000 **Pagodes** Ces **Pagodes** sont des especes d'or qui valent tantôt plus et tantôt moins, depuis six francs jusqu' à sept francs et demi de notre monnoye». — Tavernier, *Voyages*, III, p. 136.

1791. — «Le docteur aurait été obligé d'aller se purifier dans le Ganges, s'il n'eût abrégé toute difficulté en présentant quelques **Pagodes** ou pièces d'or à son introducteur». — Bernardin de Saint-Pierre, *La Chaumière Indienne*.

1796. — «La *Bhagavadi*, moneta d'oro che ha l'immagine della dea Bhagavadi, nome corrotto in **Pagodi** o **Pagode** dagli Europei, è moneta rotonda, convessa in una parte». — Fra Paolino, *in Glossary*.

1825. — «La première classe est celle des individus dont toute la propriété est au-dessous de la valeur de douze **pagodes** (5 liv. sterling ou 120 fr.)». — P. Dubois, *Moeurs, Institutions et Cérémonies des peuples des Indes*, I, p. 98.

*

IV. **Pagode** é «festa ruidosa, folia, pândega, bambochata; despesa louca». Usado em Portugal.

1655.—«Pelo amor, que tomárão à Estalagem nova do Rocio na minha vizinhança, vão lá fazer seus **pagodes**».—D. Francisco de Melo, *Apologos Dialogaes*, p. 226.

1866—«Os rapazes riam ao contar o **pagode**, feito na vespera á noite em casa de uma mestiça solteira».—Conde de Ficalho, *Garcia da Orta e o seu tempo*, p. 177.

1900.—«Já não ha «cabarets», com «bocks» a 50 centimos, com canções e **pagode**».—O *Século*, de 30 de Abril, citado nas *Apostilas*.

1902.—«Com o regimen do **pagode**, que tem sido o programma dos governos até hoje».—*O Século*, de 15 de Abril, *ibid*.

O Dr. Adolfo Coelho consigna a acepção de «divertimento» como *figurada*. O *Diccionario Contemporaneo* acoima-a de «plebeia» e o de Cândido de Figueiredo, de «chula». Gonçalves Viana reputa-a «termo de calão» e «de uso muito moderno».

Muito moderno não se pode certamente considerar o têrmo que vogava, no mesmo sentido, em Portugal no século XVII, e que D. Francisco emprega como muito conhecido.

Quanto à pecha de *chulo* e *plebeu*, parece que *pagode* não merece actualmente tal tratamento, sendo usado frequentemente pela imprensa periódica e gente polida, ao menos com referência aos governos e aos parlamentos. Em todo caso, tende a generalizar-se e a nobilitar-se, se bem que represente coisa censurável.

Qual é a explicação dêste sentido específico, tão descordante dos originários? É de conjecturar que se teria originado do carácter das festas dos *pagodes* indianos, que são de ordinário espalhafatosas, e às vezes extravagantes, particularmente aos olhos de um expectador estranho. «É natural que esta acepção, diz Gonçalves Viana, provenha das funções que se realizam nos pagodes, e que indivíduos

portugueses que tivessem estado na Índia houvessem trazido para cá o termo, já no sentido de «folgança».

*

Quanto a derivados de *pagode*, eu não encontrei, além do diminutivo *pagodinho*, já mencionado, senão *pagodento*, empregado sómente por um escritor, no sentido de «amigo dos pagodes, devoto dos pagodes, pagão».

1650.—«Ella era senhora do reino e do mesmo rei, e como fosse grande **pagodenta** e capital inimiga dos christãos...».—P. António Cardim, *Batalhas*, p. 218.

«E pode ser tambem que a divina semente brote um dia na terra esteril destes **pagodentos**».—*Id.*, p. 227.

O Sr. Cândido de Figueiredo, porêm, regista muitos outros, como inéditos e com o sentido europeu, tais como: *pagodear*, levar vida de pândego ou estroina; *pagodeira*, estroinice; *pagodeiro*, pândego; *pagodice*, pagodeira; *pagodista*, pessoa estroina, que gosta de pagodes. Êste último vem abonado com Camilo, *Corja*, p. 315 [1].

Se de facto todas estas formações são modernamente usadas pelo povo, é claro que a expressão *pagode* possui muita pujança de vida e fecundidade e tem grande fascinação; o que é garantia segura de longa existência próspera.

*

§ 2.º — **Etimologia.**

Apontam-se vários étimos de *pagode*, mais ou menos plausíveis:

1. As locuções chinesas *pao-t'ah*, «montão precioso»,

[1] 1915.—«Pimenta de Castro não cedia e, para metter tambem riso na **pagodeira**, invocava para os seus desmandos e crimes a auctorisação parlamentar de 7 de agosto».—*O Povo* (de Lisboa), de 2 de Setembro.

e *poh-kuh-t'ah*, «montão de ossos brancos». «Escriptores ha tambem que dizem que a sua origem é puramente chineza, sendo aquella palavra a transcrição phonetica dos caracteres «Pe-Kou-Ta», «rima ou pilha de ossos brancos». Mas esta etymologia está hoje rejeitada por bons sinologos». Joaquim Calado Crespo (1898), *Cousas da China*, p. 27.

E Yule observa judiciosamente que dos monossílabos chineses se pode extrair a etimologia de qualquer palavra. Pode-se também acrescentar que, se a história tem voz no assunto, a derivação chinesa é impossível, visto que em princípios do século XVI os portugueses não tinham travado relações com a China e o têrmo era então corrente entre êles na Índia [1].

2. O português *pagão*, que foi adoptado pelo etimologista Wedgwood, citado no Glossário, e que Yule julga ter facilitado a adopção de *pagode* pelos portugueses. Mas seria caso singular a deformação da voz portuguesa *pagão* em *pagode*, para designar objectos tão diferentes. Além disto, a palavra *pagão* raro ocorre nos nossos indianistas, que empregam neste sentido a dição *gentio* (e os seus derivados *gentilidade* e *gentilismo)*, que foi apropriada pelos ingleses sob a forma de *gentoo*. Deram, porêm, por analogia, nomes portugueses a alguns frutos indianos, como *figo* à «banana», *pera* à «goiava», *côco*.

3. O singalês *dágaba*, «santuário búdico», pela transposição das sílabas, que deveria dar *bágada* e não, *pagode*. Mas o étimo não era corrente na Índia no tempo de Duarte Barbosa, nem os portugueses tinham então trato intenso com Ceilão. Foi na Indo-China e no extremo Oriente que primeiro conheceram os templos e mosteiros

[1] «O Padre Sabatino de Ursis, que viveu doze anos na China, em princípios do século XVII, entende por *pagode* únicamente «ídolo».

dos budistas, os quais denominaram *bralas* (do malaio *bĕrhāla)*, vocábulo que depois se corrompeu em *varelas* [1].

4. O persa *but-kadah*, «templo de ídolo», proposto por Ovington, Reinaud, Littré, Devic, Burnell, e adoptado por Adolfo Coêlho e Cândido de Figueiredo na primeira edição [2]. Mas fonéticamente, *but-kadah* ou *but-kedah* difere muitíssimo de *pagode*, e semânticamente, não dá razão de todos os significados. Também é preciso supor que os portugueses receberam o vocábulo dos muçulmanos [3].

5. O sânsc. *bhagavat*, «adorável, deus», propugnado por Yule contra Burnell e admitido por alguns outros orientalistas.

Parece-me que êste é o mais verosímil, na sua forma feminina *bhagavatī*, «deusa», atribuida por excelência a

[1] «Angelo de Gubernatis declara que *pagode* é «voce probabilmente di origine buddhistica, da *bhaga*, onde *bhâgadhi*, varrebbe *continente il bhaga»!* O páli, língua sagrada do budismo, não conhece *bhāgadhi*. — Childers não o regista no seu dicionário — nem *bhagam* é têrmo vernáculo, com alguma acepção peculiar, mas importado do sânsc. *bhaga*, de que Apte consigna dezoito significados, entre os quais «uma forma de Xiva» e «*pudendum muliebre*».

Também o mesmo escritor identifica (p. 117) o rei *Cammurim* (= Çamorim) com «il residente di *Kumàrì*, il signor di *Kumàrì* (= Comorim); *Canconi* com «abitanti di *Cunjevara*», que fica em Madrasta; *Balagat* (= Balagate, nos Gates) com *Palagat* de Choramândel! E tem êle o arrôjo de afirmar (p. 321) que «più crassi e più avidi de' nostri, i Portoghesi, ad eccezione di pochissimi, si godettero sibariticamente l'India e la predarono, senza vedere, senza cercare più lontano»! Se tivesse lido, por exemplo, a Década V de Couto, encontraria aí um completo tratado das religiões da Índia, magistralmente expendido.

[2] «Introduzião para a *Badgana*, que he o quarto dos idolos, que estava edificado junto da praia do mar» (em Maldiva). — Ben-Batuta (1340), *Viagens*, II, p. 274.

[3] Em hindustani, *but-khānah* quere dizer actualmente «loja maçónica».

Durgá ou Calí (mulher de Xiva), que também se chama simplesmente *devī*, «deusa».

Segundo o autorizado testemunho de *Sir* Walter Eliot, a divindade tutelar de aldeia na Índia meridional, onde predomina o xivaísmo, é sempre alguma forma de Durgá, e a sua figura aparece em grande parte da moeda de ouro, corrente no Decão.

Ora, *bhagavatī*, na sua transição para as línguas dravídicas, devia, em obediência às leis fonéticas gerais (vid. em *chatim*) transformar-se vulgarmente em *pagawdi* ou *pagôdi*. Quanto a *p* por *bh* inicial, temos em tamul (o principal idioma dravídico) *pāṇḍam* por sânsc. *bhaṇḍam*, «vaso de barro»; *Pirama* por sânsc. *Brahma; baspam* ou *parpam* por sânsc. *bhasman*, «cinza». Quanto a *d* por *t* intervocálico, temos em malaiala: *pradi* (cópia) por sânsc. *prati, sammadi* (consenso) por sânsc. *sammati, apakaḍam* (acidente) por sânsc. *apaghāta*.

Resta, por tanto, justificar a redução de *-ava-* a *o*. Mas convêm primeiro observar que se a forma indígena fosse *pagăwdi* ou *pagudi*, soariam ambas aos ouvidos dos estrangeiros quási como *pagôdi*. Ora, o *v* indiano é semivogal, equivalente ao inglês *w*,[1] o qual com o *ă* breve antecedente soaria *au* (como acontece vulgarmente em concani) e absorveria a vogal seguinte, do que temos exemplo no tamul *paramechchuran*, do sânsc. *parameçvara*, «Supremo Senhor»; no neo-árico *sonā* ou *sonem*, do sânsc. *suvarṇa*, «ouro», em dravídico *honā* ou *hūn*. E efectivamente, Marco Polo (1298) diz que a oração que se repete diáriamente 104 vezes na Índia meridional é: *Pacauca, Pacauca, Pacauca*[2].

[1] «In Malayâlam the sound of *v* stands midway between the English *v* and *w*. This soft sound is common in colloquial Tamil also». Caldwell, *Grammar of the Dravidian Languages*, p. 58.

[2] *Apud* Ramúsio, II, f. 53. Yule nota que a lição de Ramúsio é errada, devendo ser *Pacauta*, conforme M. Pauthier. E em harmonia com a fonética tamul-malaiala, deve pronunciar-se *pagauda*.

Mas a forma *pagodi* existe em algumas regiões dravídicas. Em Curg o povo dá a Calí, segundo Kittel, o tratamento de *pagŏdi* ou *pavodi*, que é corrução *(tadbhāva)* de *Bhagavatī*. Gundert regista, no seu dicionário, o malaiala *pagôdi* (mas escreve *pakôti*, consoante a índole da língua) como sinónimo de «*bhagavatī* Durgá», do qual deriva o português *pagode*. Burnell, porêm, sustenta o contrário, considerando a palavra portuguesa como étimo da malaiala!

Não há dúvida que os malabares adoptaram algumas formas portugesas de vocábulos indianos, como *palanquim, corja*. Mas é inexplicável que restringissem a significação de *pagode* à deusa Durgá.

As objecções que se aduzem contra esta derivação não teem grande pêso. É verdade que em *pagode* aparece *e*, que *bhagavat* não tem. Mas tambem o não tem *but-kadah*, que se lhe antepõe; nem é necessário derivar o têrmo português imediatamente de *bhagavat;* se o fôsse, a dição portuguesa não poderia deixar de ter de encôsto o *e* final. Cf. *laque, cate, bangue*, de *lākh, kāt, bhāṅg*.

Nem vale alegar que *bhagavat* não é nome de templo em nenhum idioma indiano; pois não é indispensável supor, como querem Yule e outros etimologistas, que a acepção de «templo» é «a primeira e a mais proeminente ... podendo-se dela deduzir as outras aplicações».

Históricamente, não há nada que justifique a prioridade da significação «templo» da dição portuguesa *pagode*. As referências, neste sentido, de Duarte Barbosa e Corsali em 1516 não auctorizam a ilação *ex silentio* de que não era então ou antes empregada a expressão para designar «ídolo». A vulgarização e a prevalência da primeira acepção, em detrimento da segunda, teem outra razão de ser.

Em quanto havia em português o têrmo profano *ídolo* para denotar as «imagens do culto pagão», muito usado na época, seria profanação, perante o fervor religioso do século XVI, denominar *templos* ou *igrejas* as «casas dos falsos deuses».

Não faltam, contudo, indícios históricos em contrário. Pena é que não possuamos nenhum documento da primeira dezena do referido século que mencione o vocábulo. Em ambas as partes da *Chronica de Bisnaga* (1525-1535), porêm, ocorre *pagode* com muita freqüência por «templo», cinco vezes por «ídolo» e nenhuma por «pardau de ouro». A parte mais antiga emprega-o no segundo sentido em três lugares, declarando, para evitar a ambigüidade, em cada um o seu significado, não como novo, mas como relativamente pouco usado e já quási suplantado pelo outro.

O Padre Francisco de Sousa (1697), muito competente no assunto, enumerando mais de uma vez os significados de *pagode,* põe em primeiro lugar, como já vimos, «ídolo», em segundo, «templo», e em terceiro, «moeda», indicando dêste modo a sua concatenação cronológica, que é ao mesmo tempo a mais coerente. Não seria, aliás, possível explicar a ampliação do nome de templo ao ídolo, a não se admitir uma anomalia singular. E tem muita razão Gonçalves Viana para dizer: «Quanto a mim, toda a investigação ulterior deve partir da acepção «ídolo», e não, da de «templo» [1].

O nome da divindade — *bhagavat* ou *bhagavati* — ampliar-se hia, ao contrário, fácilmente, sem mesmo ser preciso

[1] Se Yule tivesse isto em vista e não se deixasse influenciar pela ulterior generalização, e quási exclusivo emprêgo pelos estrangeiros, de *pagode* no sentido de «templo», a sua defesa de *bhagavat* ou, antes, *bhagavati*, ficaria consideràvelmente simplificada e roborada.

recorrer à influência de *but-kadah,* se não na bôca dos indígenas, ao menos na dos estrangeiros, árabes ou portugueses, e com mais probabilidade na dêstes. Temos para exemplo a palavra portuguesa *milagre,* que os maratas do Concão e os muçulmanos do sul tomam ora por uma imagem da Virgem Maria, ora por uma igreja católica, porque na região há muitos templos dedicados a Nossa Senhora dos Milagres [1].

Também em Portugal, como nos outros países da fala românica, as igrejas se denominam elípticamente pelo nome do orago. Assim dizemos: «Vou à Encarnação»; «hoje há festa no Loreto»; «S. Vicente dista muito daqui», etc. Ora, se isto se diz e se dizia na metrópole ¿ porque não fariam o mesmo os portugueses com relação aos templos do Oriente, estendendo o nome do ídolo à casa do seu culto, mormente quando havia carência de têrmo apropriado? E todavia, *Encarnação, Graça, Estrela, Madalena,* não significam, de per si, «templo» — os dicionários não lhes atribuem tal significado.

Afigura-se-me, porêm, que os portugueses nada mais fizeram que generalizar a dupla acepção em que os naturais empregavam o vocábulo restritamente. Duarte Barbosa, de quem diz Gaspar Correia que falava a língua do Malabar melhor que os indígenas, declara que se chamavam *pagodes* tão sómente as casas de oração de uma casta especial (*cuiavens*) dêsse país. A razão não pode ser outra senão que tais casas eram dedicadas a *Bhagavatī,* vulgarmente conhecida por *Pagôdi.* E é precisamente êste o sentido que, conforme o lexicógrafo Gundert, a última dição tem em malaiala.

[1] Na *Chronica dos Reis de Bisnaga* (1525, p. 98) se lê que «fora dos muros da cidade da bamda do norte tem tres *pagodes* muy fremosos, o quoal hũu se chama *Vitella*». Mas *Viththala* é o nome do ídolo e não do templo.

Assim se explica também o motivo por que Corsali alude ao *Pagode* da ilha de Divari (freguesia de Nossa Senhora da Piedade) como se fôra nome próprio. Vernàculamente, nomear-se hia *Bhagavatī,* da invocação do orago; mas o autor preferiu a forma aportuguesada, que já vogava no Malabar.

Os portugueses, que se não podiam prender por esta tecnologia religiosa e não notavam conspícua diferença entre uns edifícios e outros, entre umas estátuas e outras, estenderam gradualmente a denominação de *pagodes* aos templos e ídolos da Índia em particular e aos do Oriente em geral.

Em suma. Ponderada a questão sob todos os aspectos, de entre os étimos de *pagode,* que se tem até hoje aventado, o que tem argumentos assás sólidos a seu favor e, a meu ver, irrefragáveis é *bhagavatī,* «deusa Durgá ou Parvatí, o qual provàvelmente já se tinha corrompido, na bôca dos indígenas do Malabar e dos chatins de Choramândel ali residentes, na mesma forma (*pagôdi*) ou muito aproximada (*pagăudi*), em que constantemente a empregaram os portugueses e os estrangeiros. Vid. Gonçalves Viana, *Apostilas,* e o Glossário Anglo-indiano.

A inscrição do vocábulo poderia estar concebida nos seguintes termos:

Pagode, *s. m.* (*Ant.*). Ídolo, imagem de deus ou santo, na Ásia meridional; templo pagão, especialmente hindu ou chinês; (*ext. ant.*) mesquita; (*ant.*) moeda de ouro indiana, valendo primitivamente 360 a 400 réis e depois até 12 xerafins ou 3:600 réis; (*fig.*) divertimento descomedido, festa ruidosa, folia; despesa louca. Muito provàvelmente do malaiala *pagôdi,* «deusa Durgá», sânsc. *bhagavatī,* «deusa».

XIV

Pariá, pária

Escassamente usado na antiga literatura portuguesa, concernente à Índia, o vocábulo *pariá* ou *pária* tem modernamente adquirido grande voga em Portugal, como no resto da Europa, devido à influência dos escritores franceses, sendo na França importado de Pondicheri, onde é muito corrente. Os ingleses, da sua parte, também teem concorrido muito para a sua difusão.

Como vários outros termos de origem indiana, *pariá* é empregado pelos europeus em sentido figurado, muito aberrante do originário. Igualmente, o indivíduo representado pela palavra tem sido pintado por Raynal, Bernardino de Saint-Pierre, Casimiro Delavigne e outros, com côres tão negras e impressivas e com tanta profusão de flores de retórica, que mal podemos identificá-lo no solo natal.

Mas é sempre uma ostensão verbal de humanitarismo, embora barato e anodino, que, se não consola os pariás nem melhora a sua condição, deleita todavia a imaginação do leitor privilegiado, e algumas vezes serve de pretexto a várias injustiças sociais [1]. Aliás, é ver como os que timbram de sequazes de Cristo e paladinos da igualdade e fraternidade, e propugnadores da verdadeira civilização, procedem com os pretos e índios na África austral e com os «homens de côr» na América democrática do Norte.

---

[1] «... whence too the misplaced halo of sentiment which reached its acme in the drama of Casimir Delavigne, and which still in some degree adheres to the name». *Glossary.*

«Os poetas do ultimo Occidente, extinctas as páreas orientaes, desataram a carpir, com evidente abuso de sensibilidade, o destino dos *párias* sociaes». Manuel de Melo, *Notas Lexicologicas,* p. 39.

Entretanto os *pariás*, própriamente ditos, que formam a mais numerosa das castas inferiores da presidência de Madrasta e se estendem até a Ceilão, não se reputam miseráveis e abjectos nem são refugo da sociedade; entreteem o mesmo pundonor da sua classe — ou o «castismo», como se diz na Índia — que os brâmanes e os xátrias, e tratam as camadas que consideram mais baixas, como as de sapateiros e lavadeiros, com o puritanismo e desdêm análogos aos das castas superiores. Manteem com aferrado zêlo as suas tradicionais prerogativas, especialmente em certas festividades religiosas, celebradas em nome da comunidade inteira dos hindus; teem seu próprio sacerdócio e culto de Vixnu e Xiva e subdivisões de classes. São êles que tangem os bombos nas solenidades, e em particular nos funerais, e também cultivam os campos, exercem diversos mesteres da aldeia e fornecem o maior contingente para a criadagem dos europeus, aos quais se equiparam em casta, visto que uns e outros comem e bebem as mesmas coisas [1].

O Padre Manuel Barradas, descrevendo o casamento dos *pariás* de Ceilão, onde êles se ocupam em pesca e na preparação de canela, diz: «As insignias que levam são as rodéllas brancas, e candeas acezas de dia, e uns buzios com que vão tangendo em lugar de charamelas. Todas estas são insignias reaes, que os Reis passados concederam a esta sórte de gente, porque sendo estrangeiros povoassem as praias de Ceilão, e ninguem mais que elles ou a quem elles derem licença pode uzar dellas. Estes sós pescam

[1] «Ce qu'on ignore généralement, ce que les *par'eya* d'aujourd'hui, quels qu'aient été leurs ancêtres, sont le plus souvent fort peu dignes de la commisération qu'on est porté à avoir pour eux et ne sentent guère leur abjection, pas aussi vivement du moins qu'on le supposerait». — Julien Vinson, *Instructions ethnographiques sur l'Inde dravidienne*, p. 9.

no alto, que no rio, ainda que o tem mais perto que o mar, nem no inverno, quando o mar está impedido, por maior necessidade que se lhes offereça querem pescar, pelo terem por afronta. E certo que faz espanto nesta e noutra gente desta sórte, que sendo tão mesquinha, coitada, e pobre; tem tantos pontos de honra, que antes morrerá, que ir contra ella». *Hist. tragico-marit.*, II, p. 86.

Os *pariás* também se orgulham com justo título de ter produzido nos tempos antigos poetas e poetisas de altíssimo merecimento, ainda hoje muito venerados na área tamúlica. «Um livro tem elles de um homem auido antre elles por mũy douto, chamado Valuuer, natural da cidade de Meliapor, que concorreo no mesmo tempo do Apostolo são Thome, que contem mil trezentos e trinta versos, em que trata do conhecimento de vm só Criador, da reuerencia que se lhe deue, do louuor da penitencia, humildade, abstencia, e do desprezo dos idolos: e por estas cousas, e por outras que ali escreueo, se presúme que foi doutrinado pelo mesmo Apostolo são Thome», — Couto (V, VI, Déc. 4).

«O *Kural* de Tiruvalluvar, a admirável colecção de estrofes na lingua tamul, que está impregnada do mais puro e elevado lirismo, é obra de um *Pareya*». Barth, (*The Religions of India*, p. 157) — «O *Kural* de Tiruvalluvar, obra que consta de 1330 dísticos, ou aforismos poéticos... é geralmente considerado não sómente como o mais belo, mas também como o mais antigo poema tamul de alguma extensão que actualmente existe... Certas composições poéticas de popularidade e uso universal são atribuidas a uma irmã de Tiruvalluvar, mulher *pareiya!* O verdadeiro nome de Anveyâr, como o de seu irmão, é desconhecido, — significando *Anvei* ou Anveiyâr «mãe», «venerável dama». Caldwell, *Grammar*, pp. 130 e 132.

Recordam-se igualmente com desvanecimento de que a sua casta ocupava outrora no país a mais elevada posi-

ção e contava até reis no seu grémio, e atribuem a sua presente decadência às vicissitudes políticas e aos vaivens da fortuna.

Os *pariás* de Choramândel, como os *poleás* do Malabar, os *malas* de Telinga e outros congéneres, tiveram a infelicidade de ser os mais primitivos habitantes, os autóctones da Índia, oriundos, com muita probabilidade, conforme a opinião, do Arcebispo Laouenan, da raça khuxita. Constituiram por isso, no longo decurso do tempo, a camada inferior, os alicerces do edifício social, suportando sôbre si o pêso dos posteriores povos invasores.

Tal é mais ou menos a sorte dos conquistados em todos os tempos e lugares, quando não são absorvidos ou aniquilados. Os drávidas subjugaram os aborígenes e fizeram-nos seus servos. Os árias levaram de vencida os drávidas, e reduziram-nos à condição de sudras. Os europeus dominaram nos indo-árias, e muitos dêles os trataram e tratam como ilotas, alegando a superioridade das suas armas e da côr da sua pele. Se amanhã a raça amarela, a que agora, em parte, estão a fazer tantos tagatés (permita-se a expressão), conquistar a Europa, aduzirá análogos argumentos de preeminência própria e de desprêzo dos vencidos.

*

Entremos, porêm, na literatura concernente a *pariá*.

1516. — «Ha outra ley [casta, no Malabar] de gente mais baixa e ciuel ha que chamaom **Parcens**,[1] que uiuem nos mais desabitados lugares, apartados das outras gentes; nem conuersaom com ninguem, nem ninguem com eles, hamnos por peiores que diabos e damnados; comem inhames e outras raizes de fruitas brauas, cobrem

[1] Assim está na edição da Academia; mas a tradução italiana de Ramúsio tem **Pareas**. Evidentemente, a lição portuguesa está viciada; deve ser pelo menos *Parçins* ou *Parceens*.

as uergonhas com folhas, comem tambem carne monteza». — Duarte Barbosa, *Livro*, p. 337.

1608. — «Com este seu argumento posso eu prouar que elle he hum villissimo **Parea**, pois antre nós assi os nobilissimos Bragmanes, como os **Pareas**, vilissimos todos sam de cor preta». — P. Fernão Guerreiro, *Relaçam*, f. 96.

1613. — «Todos aqui [em uma aldeia de Ceilão] são **paréas**, que é o mesmo que pescadores». — P. Manuel Barradas, *Hist. tragico-marit.*, II, p. 86.

1615. — «Os **pareás** e *chaleás* da Ilha de Ceilão andão muito divididos pelas aldeas de particulares, que se servem delles em lhe fazer a canella». — Alvará régio, *in Archivo Port-Or.*, fasc. 6.º, p. 1078.

1825. — «Qualquer violação da pragmatica estabelecida, custa o perdimento da casta: ficam excommungados no acto de commetter o peccado. Entram na classe de *mallachores* (**parias**), refugo de todas as castas; a sua condição leva-os aos serviços mais vis da sociedade». — José Inácio de Andrade, *Cartas*, I, p. 29.

1829. — «Estes se assemelham aos **Pariás** no sul da India, e aos Coles e outras castas baixas do norte». — Cottineau de Kloguen, *Bosquejo hist. de Goa*, p. 146.

1837. — «Suppõe que elles [ciganos] eram da classe mais inferior dos indios, a saber — os **parias** — ou como por lá chamam — os *sudros*». — *O Panorama*, de 4 de Novembro.

1846. — «Um **pariá** da Europa passou na terra, e nunca soube quaes as duras condições de existencia que a sociedade impõe aos da sua casta». — Alexandre Herculano, *Illustração*, I, p. 157.

1866. — «Não é dado ao *sudro* nem ao **paria** tocar no brahamane, como não é dado ás raizes tocar nas flores, nem á planta do pé tocar na bocca... As mãos do **paria** que tocarem no brahamane imprimem nelle o sello indelevel do inferno». — Francisco Luís Gomes, *Os Brahamanes*, p. 23.

1873:

> «Festejada Cassi, do tempo que lá vai,
> ninguem te viu nem disse: ó pobre solitaria,
> vem presenciar a festa, atribulada **pária**!...
>
> Tomás Ribeiro, *A Indiana*, p. 22.

1883. — «Ha, finalmente, outros que não têem casta. São os **parias** do sul da India, ou os *culis*, do norte». — Adolfo Loureiro, *No Oriente*, I, p. 135.

«Inferiores a todas estas [castas], despreziveis, malditos, vem depois os **parias**, ou *pharases*, que nasceram do cruzamento condemnado e monstruoso das diversas castas». — *Id.*, I, p. 152.

1898. — «O **pária**, tambem conhecido pelo nome de *chandéla*, é ainda mais desprezivel do que o proprio sudra, até ao ponto das outras castas o evitarem, como se evita o leproso». — Oliveira Mascarenhas e Antunes Monteiro, *Atravez dos Mares*, p. 112.

1906. — «Se o hindú, deixa a India, tornou-se **pária**, isto é, menos do que qualquer animal». — Hipácio de Brion, *Duas mil leguas no Hindustão*, p. 110.

1912. — «Não lhes [aos escriturários da fazenda] pode caber outro lugar senão de **pariás** na actual hierarchia fazendária». — *O Debate* (de Goa), de 11 de Novembro.

1915. — «Nós, os **parias**, os feelahs, os ilotas, os servos da actual gleba forense, voltaremos a ter o nosso S. Martinho». — *A Nação*, de 12 de Dezembro.

1627. — The **Pareas** are of worse esteeme». — Methold, in *Glossary*.

1780. — If you should ask a common cooly or porter what cast he is of, he will answer, «the same as master, **pariar**-cast». — Munro, *ibid.*

1782. — «Les **Parias** forment la dernière Caste; ils son regardés par les autres Indiens comme des gens infâmes, souillés, abominables et reprouvés: dans les actes publics et dans la vie civile, on ne daigne pas les mettre au rang des Castes. Proscrits par cet avilissement, ils ont leurs habitations dans des quartiers séparés». — Sonnerat, *Voyage*, I, p. 55.

1791. — «N'approchez pas d'ci, il y a un **Paria**! Aussitôt la troupe effrayée cria: Un **Paria**! Un **Paria**!». — Bernardino de Saint-Pierre, *La Chaumière Indienne.*

1825. — «La plus commune et la plus nombreuse [illegible] tribus, est celle de **pareyer**, comme ils sont nommés dans la langue tamoule et d'ou vient le nom de **pariahs**, qui leur est donné par les Européens». — P. Dubois, *Moeurs*, I, p. 50.

1857. — «On nous appellait maintenant à entendre de la poésie de moralistes *paréyars* ou **parias**, comme nous les appellons en France». — *Fleurs de l'Inde*, p. 154.

1884 — «Le mot **Paria** vient du Tamoul *Pareyan*, qui, selon nous, signifie *l'homme du tambour*, (*parei*, tambour, *an*, individu, homme)... A chaque instant, en un mot, le **Paria** et son tambour sont mis en requisition. D'autre part, on peut dire que le **Paria** s'est identifié avec son tambour». — Mgr. Laouenan, *Du Brahmanisme*, I, p. 93.

*

O étimo do vocábulo é o tamul *par̥eiyan*, plural *par̥eiyar*, composta de *par̥ei*, «bombo, tambor», e de *an*, «homem; quere dizer, «tocador de bombo», sendo tal um dos principais mesteres hereditários dos *pariás* [1].

Vê-se das abonações que a forma mais antiga, usada por nossos escritores, é *pareá*, equivalente fonéticamente a *pariá*, do mesmo modo que *chaleá* (do tamul *xakkilyan*, singalês *sakkiliyé*) nome de outra casta, está por *chaliá*, também assim escrito em português e inglês. É igualmente com esta acentuação que o têrmo se usa na Índia Portuguesa, assim como em francês. E é a única legítima e em harmonia com outras formas similares, como *poleá* (casta do Malabar), do malaiala *pulayan*, *maleá*, (outra casta) do malaiala *malayan*.

É provável que todas essas dições se pronunciassem, nos inícios da introdução, com o *ê* fechado, que depois se iotizou em conformidade com a fonética portuguesa: *par̥eiyan* > *parêá* > *pariá*; *malăyan* > *malêá* > *maliá*; *chalêá* > *chaliá*.

A oxitonação funda-se na etimologia e na índole da língua portuguesa. Sendo as referidas palavras compostas de dois elementos, um específico e outro comum, *an* ou *ar* (conforme [illegible] número gramatical), salienta-se a composição com a ênfase no ponto da união, isto é, na letra *a*, caindo, por consequência, nas transcrição o fonema seguiute, *n* ou *r*.

Alêm disso, o nome de *á* final acentuado representa melhor em português um indivídio do género masculino do que o de *a* átono, que é, em regra, terminação femi-

[1] O ditongo *ai* pronuncia-se *ei* em tamul, e assim se transcreve commummente.

nina. Assim, temos vocábulos indianos aportuguesados: *macuá, caruá, chaliá, poleá, pariá.*

Em Portugal, todavia, prevaleceu a esdruxulação da palavra, não se sabe por que razão. «Quanto à acentuação *pária,* sem dúvida errónea, temos já agora de a aceitar, pelo menos como liberdade poética, pois assim acentuaram nada menos de cinco poetas modernos... cujos nomes, com sobeja razão, todos acatam como de mestres». Gonçalves Viana, *Apostilas.*

O abalisado filólogo não investiga a causa do êrro. A prosódia inglesa *(pária)* não o explica; em Portugal sabe-se, geralmente, o inglês pela escrita, não pela enunciação; aliás, não se grafaria nem se pronunciaria *thug, suttee, pyjama, cutter,* que em inglês se leem *ṭhag, săṭi, paijamá, cățăr,* conforme os étimos *ṭhak, satī, pāejāma; catur,* português antigo, do indiano *kātar.* Nem se diria *Sumatra, Colombo,* que os nossos indianistas, que sabiam mais do que nós, escreveram correctamente *Samatra, Columbo,* bem como *Choramândel* ou *Choromândel, Ádem* [1].

Percebia-se que se dissesse, com algum fundamento na etimologia, *pareia* ou *parêa,* ou mesmo *paría.* Mas parece que foi precisamente para se não confundir, na fonação, o substantivo com o imperfeito do verbo *parir,* e por nem sempre ocorrer acentuado o vocábulo indiano nos auctores antigos e modernos, que se considerou a dicção proparoxítona.

Erróneos são igualmente os significados próprios que registam os lexicógrafos: «homem expulso da sua casta, homem da última casta dos índios». Os *pariás* são, como

[1] «Pronuncia-se *pária,* porquê? Não será, cogito eu, por imitação do italiano moderno nem do hespanhol. Mas verosimilmente porque, derivação immediata do francez, pareceu defeso introduzir o vocabulo á circulação sem o carimbo da prosodia nacional». Manuel de Melo, *Notas Lexicologicas,* p. 39.

diz o Bispo Caldwell, «casta antiga, perfeitamente definida, diferente das outras», e que não é a última nem das últimas. O expulso da casta ou o indivíduo da ínfima casta do sistema bramânico chama-se *chandala.* Nem êsse passa os seus dias a deplorar a sua sorte ou a revoltar-se contra a sociedade; conforma-se com o seu fadário, e é o que lhe vale.

Constituindo, porêm, os *pariás* a casta mais numerosa de Madrasta e estando mais em contacto com os europeus, estenderam êstes o seu nome a todas as castas baixas e até aos indivíduos indígenas que não teem nenhuma casta ou foram excomungados. E neste sentido o transportaram para os seus países, onde o aplicaram metafóricamente ao expulso ou excluído da sociedade.

A inscrição do vocábulo poderia ser do seguinte modo:

Pariá (erróneamente **pária**), *s. m.* Homem de uma casta baixa dravídica; *(no sentido europeu)* homem da ínfima casta indiana ou expulso da sua casta; (fig.) homem desprezado pelos seus semelhantes ou excluído da sociedade. Do tamul *parei-an,* «tocador de bombo»,

XV

Salema, salame. Sumbala, zumbaia

A maneira de saudar e a manifestação de homenagem dos Orientais diferem notávelmente das dos europeus, e são caracterizadas por muita ênfase e afectação. Os nossos indianistas, não encontrando na língua própria termos adequados para as expressar, adoptaram os mesmos termos que os indígenas empregavam.

Tais são dois: *çalema* ou *salema,* e *çumbaia* ou *zumbaia.* O primeiro é de origem arábica e usado entre os muçulmanos e pelos muçulmanos. O segundo é de procedência indiana e emprega-se em geral para denotar as cortesias dos asiáticos. Alguns dos nossos antigos escritores, todavia,

servem-se do vocábulo *çalema*, por mais conhecido, em lugar de *çumbaia*.

Na língua portuguesa comum, *çalema*, que o Sr. Cândido de Figueiredo regista como inédito nesta acepção, se em algum tempo entrou, não se popularizou, sendo modernamente representado por *salamaleque*, talvez pela influência francesa, e às vezes por *salame*, com referência à India, onde não está em uso a frase *salamaleque*. *Zumbaia*, pelo contrário, está ainda em vigor, com o significado um tanto alterado, e é provável que continue.

I.—Salema

Salām' quer dizer «paz» em árabe, e é a expressão de que se servem os maometanos nas suas saudações, do mesmo modo que os hindus, de *Ram' Ram'* = Rama, Rama, mas exclusivamente entre si. Entende-se contudo por *salām'*, extensivamente, qualquer acto de saudação, como sinónimo de «comprimentos», e neste sentido a expressão é corrente em toda a Índia Inglesa [1].

Gaspar Correia, Castanheda e João de Barros empregam, sem explicar, o verbo *çalamear*, que não vejo mencionado na maioria dos dicionários que tenho à mão, e que estaria então em voga, pelo menos como têrmo náutico, e dão-lhe um significado, que com certeza não é «fazer çalema» [2].

[1] «**Salema**. Palavra Turquesca, derivada das palavras, com que que costumão os Turcos saudar-se quando se topão, *Ala hye Zalemaq*, que valem o mesmo, que *Deus vos salve*. Algũas vezes usamos della para significar a submissão, e reverencia do subdito ao seu superior».—Bluteau, 1720.

«**Salâm**. Mot arabe, fort voisin, comme sens, du mot français *salut* et qui a eu une fortune sensiblement analogue». *La Grande Encyclopédie*.

[2] Domingos Vieira diz que *çalamear* é «levantar ou cantar a

«Passarão todo o dia até a noyte, que foy a revolta mayor, e rogir carretas, e çalhar, e **çallamear**, e muyto rumor, e assouiar de ápitos como que as galés todas querião entrar o rio».—*Lendas*, III, p. 62.

«Logo os nossos capitães começaram de mandar levar ancora, e aparelhar-se pera a partida, sem as naos apitarem nem **çalamearem** por não serem sentidos dos *Rumes*» (turcos).—*Historia*, II, cap. 79.

«A hum tempo como se homẽs do mar que **çalameão** pera a hum tempo poerem toda a força assi a pozerão elles em o lanço da escada de madeira, com que a inclinarão pera dentro».—Déc. III, VIII, 4.

Salamí é o «presente que se oferece ao senhorio ou ao superior». Eu recebia semelhantes presentes quando visitava as propriedades das missões na qualidade de vigário geral de Bengala. Mas António Nunes emprega a dição, em outra acepção, com referência a Diu: «O qual **Salamim** he hum direito, que se pagão das corretagens».—*Livro dos pesos*, p. 28 [1].

Salamaleque representa o árabe *salām 'aleik*, «a paz seja contigo» [2].

Os nossos indianistas descrevem o modo como se fazia a *çalema* de homenagem.

celeuma; cantar a córos». E Bluteau deriva *çalema*, neste sentido, de *celeuma*:

«**Salema**. Vozaria dos Marinheiros. He derivado da palavra Greco-Latina Celeuma, Vid. Tayna. (As **Salemas** ordinarias dos Marinheiros se fazem com tantas vozes que não são ouvidas muytas vezes. Britto, *Viagem do Brazil*, p. 278)».

[1] *Selamim*, registado nos dicionários sem etimologia, no sentido de «décima sexta parte de um alqueire», parece que é têrmo diferente.

[2] «La formule; *Es-sálam-aleik*, «que le salut soit sur toi», avec l'emploi du singulier, est moins correcte, mais néanmoins fort usitée: c'est d'elle que provient le mot français *salamalec*». *La Grande Encyclopédie*.

*

1345. — «A saudação dos Mosselemanos he a **Salema**». — Ben-Batuta, *Viagens,* II, p. 295.

1514. — «O embaixador [do Bisnaga] entrando a porta da camara, o Gouernadador s'aleuantou da cadeira em que estaua assentado, e esteue em pé fazendolhe o embaixador grande **çalema** [zumbaia], e chegando mais perto tornou a fazer outra». — «Chegando ElRey [de Ormuz] o Gouernador o recebeo com grande cortesia, que tambem lhe fizerão os capitães, e se apartou ElRey, e chegou Resnordim e os outros, cada hum per sy a fazer suas **çalemas**. O mouro com desacordo tornou outra vez a fazer **çalema** ao Gouernador». — Gaspar Correia, *Lendas,* II, pp. 379 e 431.

«Os que me fogirem em todo o mundo me non poderão escapar; mas vindome fazer **çalema**, e pedir misericordia a meus pés eu ouvirey». — *Id.,* III, p. 509.

1525. — «A **çalema** [zumbaia] he a mayor cortezya que antre eiles ha, que põem as mãos juntas em cima da cabeça o mais alto que podem e cada dia vem fazer a **çalema** a elrey». — *Chronica de Bisnaga,* p. 92.

1535. — «A maneira da sua **salema** que os capitães fazem a elrey cada dia he esta... vem cada hum per sy, e abaixa a cabeça, e alevanta as mãos, ysto chamão **salema**». — *Ibid.,* p. 63.

1552. — «Tomou [o rei de Cambaia] a carta do gouernador, que ele leo logo, e lido lhe disse como ho gouernador lhe mandou sua **çalema**, e estaua a seu serviço com toda a armada». — Castanheda, *Historia,* III, cap. 132.

1553. — «Todolos dias auião ao paço dar hũa vista a elrey fazendolhe hũa reuerencia, a que os Mouros chamão **[illegible]lema**, e alguns *çumbaya,* principalmente no Malayo». — João de Ba[illegible], Déc. II, IV, 2.

1556. — «Fossemos fazer-lhe **celemá** á sua galé». — Lopo de Sousa Coutinho, *Hist. do cerco do Diu,* p. 160.

1567. — «Disse-lhe Diogo Fernandez, que Afonso Dalboquerque Capitão Geral da India lhe mandava sua **Çalema**». — *Commentarios,* IV, cap. 22.

1573. — «Se **çalema** quer dizer paz em arabio, falsa paz lhe chamo eu a essa». — *Garcia da Orta,* Col. X.

1589:

> «De nós a artilharia quis somente,
> E as armas com que tanto o maltratamos,

> E por ser da vitoria mais contente
> Que fazer-lhe á galé **çalema** vamos».
>
> F. de Andrada, *O Primeiro Cerco de Diu,* XV.

1600. — «Beijandolhe huns a mão, outros a roupeta com todas as **çalemas** [zumbaias], e mostras de maior reuerencia». — P. João Lucena, *Historia,* X, cap. 8.

1608. — «Ao qual o Mouro hũa vez chamou, e o começou a persuadir, que se fizesse Mouro, e que fizesse o **Salemà** a Mafamede». — P. Fernão Guerreiro, *Relaçam,* p. 160.

1613. — «Todos aly tinhão por costume irem todas as manhãs ver o Xarofo, e fazerlhe **çalemá**». — Francisco de Andrada, *Chronica de D. João III,* I, f. 25.

1707. — «Os mouros tem tambem na cidade duas mesquitas, onde fazem suas **salemas** e cerimonias». — *Archivo Port.-Or.,* Suppl. 2.º, p. 184.

1873. — «Agora ajoelhas para fazer **salame** [zumbaia] ao deus Brâhma». — Tomás Ribeiro, *Jornadas,* I, p. 368.

1874. — «Estas caras cobreadas, com os seus bigodes argolados; estas attitudes academicas, apesar dos muitos **salames**...». — *Id.,* II, p. 101.

1883. — «Aquelles policias fazem a continencia aos europeus que encontram, sendo com estes igualmente respeitosos muitos arabes e indostanis, que cumprimentam levando a mão á testa e dizendo **salam**». — Adolfo Loureiro, *No Oriente,* I, p. 187.

1906. — «N'esse momento todos os presentes gritavam: **salam salam**». — Hipácio de Brion, *Duas mil leguas,* p. 46.

1616. — «I y a tousiours beaucoup de monde qui s'assemble pour lui donner le **salam** et pour crier, *Padcha salament*». — Terry, *Voyage (in Relations),* p. 27.

1813:

> «Ho! who art thou?» — «This low **salam**
> Replies, of Moslem faith I am».
>
> Byron, *The Giaour.*

1559. — «Nesta terra estando tomando o sol, nos salvaram á mourisca dizendo: **Salemleque**». — *Hist. tragico-marit.,* II, p. 158.

1609. — «Veo a correr, e nos atravessou diante, e pondo a mão no peyto, e abayxando a cabeça, disse **Salá Malech**». — Fr. Gaspar de S. Bernardino, *Itinerario,* p. 148.

1615. — «O Senhor da ilha (nas Maldivas) é o primeiro que entra offerecendo o presente, e sauda o recemchegado dizendo **Sallam Alecon,** que é a saudação commum». — Pyrard, *Viagem,* I, p. 62.

1663.—«O seu [dos alarves] tirar do chapéu é pôr a mão direita sobre o coração, e dizer: **Salamalé** *con xabalker*. Quer dizer: Deus vos salve e dê saude».—P. Manuel Godinho, *Relação*, p. 134.

1866.—«Abriu-se uma porta e entrou um *sipai*, que, depois de fazer tres profundos **salamaleks**, entregou a Roberto um papel».—F. L. Gomes, *Os Brahamanes*, p. 31.

1894.—«O supposto mouro muito prazenteiro, despediu-se com muitos **salamaleques**».—Lopes de Mendonça, *Os Orphãos de Calecut*, p. 210.

Temos, por tanto:

Salema ou, melhor, **çalema** (ant.) *s. f.*; **salame** *(ind. mod.)* *s. m.* Saudação entre os muçulmanos ou da parte dos muçulmonos; *(ext.)* saudação em geral, vénia, mesura; *(ant.)* celeuma [1]. Do árabe *salām*, «paz».

Salamear, ou **çalamear**, *v. t. e. i.* (ant.). Fazer *çalema*, saudar, cumprimentar; *(ant.)* inclinarem-se muitos indivíduos ao mesmo tempo para fazer uma manobra comum, como puxar por um calabre; fazer celeuma. De *çalema*.

II.—Zumbaia

Os dicionários portugueses não indicam a etimologia de *zumbaia*, e muitos nem registam a forma antiga e legítima, *sumbaia*. Mas João de Barros já sabia a sua procedência, visto que diz que «os Mouros chamão *çalema*, e algũs *çumbaya*, principalmente no Malayo» [2].

E de facto, *sĕmbah* em malaio é «saudação sugestiva de profundo respeito ou homenagem» (Wilkinson), e *sĕmbahyang*, «culto de Deus, oração, ritual» *(id.)*; *yang* é «divindade».

[1] Neste sentido, é possível que *salema* e *salamear* tenham outra origem, como indicam ou insinuam alguns lexicógrafos.

[2] Bluteau diz que é «termo da India», e regista «*zumbayar*, fazer zumbaya; *zumbayar o corpo*, abaixar o corpo com profunda reverencia»; e abona com Barros: *zumbayando* todo o corpo.

A 2.ª ed. do Dic. de Cândido de Figueiredo diz que *zumbaia* é do árabe, mas não indica o étimo.

O étimo do vocábulo português é, por tanto, incontestávelmente, o malaio *sĕmbahyang*, empregado no sentido de «saudação reverencial, feita a um rei ou homem eminente».

Quanto à justificação fonética, a nasal final não se reproduz, como não se reproduziu o *m* do malaiala e tamul. Vid. *jangada*, e cf. *rota* do malaio *rótan*. A vogal da primeira sílaba oscila entre *ă* surdo e *ĕ* surdo; não admira, por isso, que os estrangeiros a representassem por *o* surdo ou *u*. Na evolução de *s* inicial em *z*, e talvez na mudança de *e* em *u*, houve influência do verbo *zumbar*, devida à aproximação dos sentidos; pois o referido cronista diz (Déc. II, VI, 3): «O Mouro fez sua cortezia a que elles chamão **çumbaya**, *zumbando* todo o corpo té poerem o rostro nos geolhos e se tornão a endireitar».

Com respeito aos significados, se bem que *sĕmbahyang* signifique, em rigor, «culto da divindade», não é de estranhar que se empregue o mesmo têrmo para denotar «homenagem venerabunda» em geral, como se empregam promíscuamente em sânscrito e nos prácritos as palavras *pūjā* e *namaskār*. Em malaiala *tamburān* é nome de Deus e de rei, como o é *phra-chão* em siamês (*precheu* em Fernão Mendes); e em sânscrito *deva*, «Deus», emprega-se como tratamento honorífico para os *rajás* e *maharajás*, e até para grandes animais nas fábulas, como leão, tigre, elefante. Fenómenos análogos ocorrem também noutras línguas, como em português com *adorar* e seus derivados [1].

Ainda mesmo que os malaios reservassem a locução *sĕmbahyang* sómente à latria, era natural que os portugueses confundissem com ela a voz *sĕmbah* e lhe atri-

[1] «Quando lhe falão, lhe (ao rei de Ceilão) chamão *Deos*, e tres vezes primeiro se estendem no chão com as mãos juntas levantadas postas sobre a cabeça».—João Ribeiro, *Fatalidade hist.*, I, cap. 14.

buissem os seus significados, achando tam extraordinário o seu modo de prestar homenagem ou de cumprimentar, que lhes parecia equivaler à adoração. E é certamente êste o motivo — e mais a atracção de *zumbar* — por que a adoptaram e aplicaram a factos similares doutras regiões.

Mas o Conde de Gubernatis, que, à imitação dos antigos etimologistas, que entroncavam todos os vocábulos do mundo na *língua-mãe* hebraica, prende todos os termos da Índia e da Malásia ao sânscrito, sugere por étimo de *sambaia* a voz *sandhyā* dessa língua, a qual significa «tempo da oração do brâmane ortodoxo», isto é, os crepúsculos da manhã e da tarde e o meio dia, e «a mesma oração». Nenhum idioma indiano, porêm, usa a palavra no sentido que geralmente lhe atribuem os nossos escritores. Nem *sandhyā* podia evolver-se em *sumbaia* ou *sambaia*, mais sim em *sāñj* ou *sāñz*, como o teem alguns prácritos. Demais, o têrmo de que se servem os nossos mais antigos indianistas como Gaspar Correia e os autores da *Chronica dos Reys de Bisnaga*, é *çalema*, não, *çumbaia*.

*

1540. — «Avia segurança para todos, com liberdade e franquia por todo aquelle mes de Setembro, conforme ao estatuto do Rey de Sião, por ser o mes das **Çumbayas**, dos Reys... Pagão pareas cada anno catorze Reys pequenos, os quaes por costume antigo erão obrigados a irem pessoalmente... fazerem-lhe a **çumbaya**, que era beijaremlhe o treçado, que trazia na cinta». — Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 36.

1545. — «... fazendo estes por algumas vezes **çumbayas** ao idolo». — *Id.*, cap. 150.

1547. — «Depois que com muytas cerimonias fizerão grandes **çumbayas** ao defunto, esgrimirão hũs treçados nús que trazião nas mãos por derredor da eessa» [1]. — *Id.*, cap. 166.

[1] A edição ferreiriana substitui *çumbaya* por *zumbaya*, denotando assim a evolução da forma.

1599. — «Nas escolas assim de ler como desgrimir, em que os Mestres ou Panicais tem pagodes, a que obrigam os moços a fazerlhe **sumbaya** em entrando como costumão, não podem os moços, Christãos hir ás ditas escolas». — Sínodo de Diamper, *in Archivo Port.-Or.*, fasc. 4.º, p. 326.

1602. — «Emparelhandose com a varanda em que elRey está fazem sua **sumbaya**, que he hir com a mão direita ao chão, e depois polla sobre suas cabeças em sinal que tomão a terra de debaixo dos pés d'elRey». — Diogo do Couto, IV, VIII, 6.

1603. — «Quando vão ás escolas os Christãos primeyro fazem oração ao Ceo, e a hũa Cruz que pera isso está em certo lugar da escola, e depois logo **Sumbaya** ao mestre, ao qual onde quer que o encontrão em toda a vida fazem a mesma cortezia que al Rey: e os moços Gentios entrando fazem tambem **Sambaya** a hum pagode que pera isso tem em certa casa junto da escola, e logo á sepultura dos Panicaes daquella escola» — Fr. António de Gouveia, *Jornada do Arcebispo*, f. 28 v.

1608. — «Os que entram ainda que sejão os mais nobres e principaes da corte lhe [ao P. Roberto de Nobili] fazem **zumbaya**, aleuantando as mãos postas sobre a sua cabeça, e abaixandoas com huma profunda inclinaçam, e os que querem professar seus discipulos, fazem tres vezes aquella ceremonia reuerencial, e depois se prostram por terra, e se tornam a aleuantar». — P. Fernão Guerreiro, *Relaçam*, f. 84 v.

1610. — «Pouco antes de nos chegarmos a elle [ao Xá], perguntou o Porteiro mór se queriamos chegar perto a beijarlhe o pé ou fazerlhe sua **sombaya** de longe, respondemos, que queriamos chegar perto, e que lhe fariamos a cortezia, e reuerencia que a nossos Reys costumamos fazer». — Fr. António de Gouveia, *Relaçam da Persia*, f. 46 v.

1617. — «Todos os grandes lhe fizeram a cortezia, e reverencia chamada entre elles **zumbaya**». — *Conquista de Pegu*, cap. 13.

1635. — «E fazendo muitas cortezias cada momento, a que elles chamão **zumbayas**, se acabou a falla sem o embaixador ver o rei». — António Bocarro, Déc. XIII, p. 695.

1650. — «Fez **zumbaia** á imagem de Nossa Senhora que comsigo trazia». — P. António Cardim, *Batalhas*, p. 27.

«As **zumbayas** costumam fazer os discipulos aos mestres, pondo-se de joelhos e batendo a cabeça». — *Id.*, p. 94.

«Sem fazer as **zumbaias**, que são as pareas que se pagam a estes reis». — *Id.*, p. 263.

1679. — «Foy sem detença aos Paços fazer a ElRey a **sombaya**,

que são humas adorações a seu uso, e ao nosso chamamos beijar a mão ao Principe, em gratificaçam da mercê do beneficio». —Fr. Jacinto de Deus, *Vergel das Plantas*, p. 274.

1694. — «Depois de lhe fazer a **zumbaya**, ou profunda reverencia com as mãos cruzadas sobre a terra como a Prègador e Sacerdote do mesmo Deus...». — A. Vieira, *Xavier Dormindo*, p. 27.

1767. — «Mandoulhe logo que fizesse a **Zumbaya**, (que he no estylo da Cafraria a maior reverencia»). —Fr. Luís de S. Catarina, *Hist. de S. Domingos*, IV, f. 706.

1915. — «Sabe expor sem as **zumbaias** *humildes*, que acompanham as petições mais justas da India Portugueza». — *O Ultramar*, de 25 de Janeiro.

1915. — «Mas no meio das palmas e dos vivas, das **zumbaias** e das lisonjas, das caricias e dos incursos, resistindo e reagindo, o senhor é, sem duvida alguma, — Heroe». — *Jornal da Noite*, de 1 de Setembro.

1585. — «Così senza intrare lá, sotto uno portico facendo sue orazioni (che chiamano fare **sombaya**) e era posto in cotal modo». — Filipe Sasseti, *Lettere*, p. 341.

1620. — «Puis ayant fait la **Sombaye** (qui est le salut, mettant les mains jointes sur la teste) commencerent à danser». — General Beaulieu, *Memoires, (in Relations)*, p. 54.

1675. — «Celebrado el intierro, el mayor de los tres, que dificilmente avia cobrado de la Reyna el sello Real, le fue a poner con profunda reverencia (**Zumbaya**, dizen ellos) en las manos al Tio». —Faria y Sousa, *Asia Port.*, III, p. 501.

1881. — «Le petit homme s'accroupit après avoir fait, comme tout le monde du reste, la **sembah**, salut respectueux». — Vinckel, *Bol. S. G. L.*, 2.ª série, p. 689.

O vocábulo poderia ter, por tanto, a seguinte inscrição:

Zumbaia, sumbaia *(ant. e mais correcto)*, *s. f.* *(Ant.)* Saudação respeitosa no Oriente, feita a uma divindade, a um rei ou a uma personagem: *(mod.)* cortesia exagerada, salamaleque: Do malaio *sĕmbahyang*, «mesura reverencial».

XVI

Veniaga, beniaga [1]

Veniaga é outro têrmo de origem asiática, que entrou na língua nacional em conseqüência das nossas relações comerciais com o Oriente, e está perfeitamente aportuguesado, a ponto de o decorar um lexicógrafo com a prosápia latina. O vocábulo não conservou o seu sentido originário, nem ultrapassou as raias de Portugal [2].

Antes de mais, vejamos o que dizem os nossos indianistas.

1525. — «Dysseram-lhe que hao outro dia vyryam fazer com elle **benyaguaa**, e vyerão ao outro dya seguynte até cyquoenta homens, os quaes, como foram dentro na nao, matarão toda a jente d'ella, e ha tomaram e haa [3] metêrão dentro do Ryo hondee agoura estaa» (em Pão de Malaca). — *Lembrança das cousas da India*, p. 6.

1517. — «Ao outro dia foy á vela seu caminho pera a ilha da **Veniaga** que está dezoito legoas de Cantão. Todolos tratantes n'esta ilha vendem e comprão, e daqui nom passão senão com licença dos regedores da cidade». — Gaspar Correia, *Lendas*, II, p. 524.

1539. — «Até que me despedio com boas palavras, e promessa de boa **veniaga** á fazanda que o Mouro trazia do Capitão» (de Malaca). — Fernão Pinto, *Peregrinação*, cap. 15.

1540. — «Disse elle, q̃ era do Reyno de Siam do bairro dos estrangeiros de Tanauçarim, e q̃ hia de **veniaga** como mercador q̃ era para a Ilha dos Lequios a fazer sua fazenda». — *Id.*, cap. 41.

---

[1] Não trato aqui do vocábulo *tufão*, que está suficientemente expendido em outra parte como têrmo oriental. Vid. *Influência*.

[2] «Êste vocábulo que por mero acaso tem certa semelhança na sílaba inicial com o verbo *vender* entrou completamente na lingua comum, de modo que, pela coincidência acima indicada, pouca gente o supõe peregrino.

[3] «O leitor já terá notado o abuso do *h* n'este e n'outros logares, assim como o das vogaes dobradas no fim das palavras, sem que o dobral-as tenha por fim supprir a falta do accento agudo». *Nota do editor*.

1552. — «E esta ilha está tres legoas da costa, e os Chins lhe chamão *Tamão* e nós outros da **veniaga**: porque naquellas partes chamão ao trato da mercadoria **veniaga**: e nesta ilha se faz o trato da mercadoria dos mercadores estrangeiros que vão tratar a China». — Castanheda, *Historia*, IV, cap. 28.

1562. — «Não tinhamos já monção pera ir pera a banda do norte a buscar o porto da **veniaga** da China». — *Cartas de Japão*, I, f. 96 v.

1563. — «A quinze de Agosto chegou á ilha Tamão a que os nossos chamão de **Beniaga**, que quer dizer *mercadoria*, vocabulo daquella partes já tão recebido entre elles [portugueses] que o tem feito proprio». — João de Barros, Dec. III, II, 6.

1569. — «Vay de Bengala ao Simide [Sinde] em embarcações açucre, que do Simide vay de **Veniaga** a Ormuz». — Fr. Gaspar da Cruz, *Tractado da China*, cap. 4.

1569. — «Os estrangeiros não trarão reliquias de **veniaga**, nem Moçafos» [alcorões]. — Carta de lei de D. António de Noronha, *in Archivo Port. Or.*, fasc. 4.º, p. 70.

1577. — «... como poucos annos há mandou fazer a tres soldados, que vierão do Pegú com **veniagas** a suas terras, os quaes mandou prender e levar a Goleconda». — *Primor e Honra*, f. 25.

1600. — «Assaz melhor **beniaga** ficara fazendo com o presente do que se faz com a seda da China». — P. João Lucena, *Historia*, VII, cap. 24.

1602. — «Não fez outros empregos, nem **veniagas**, nem quis nunca comprar hum *bar* [pêso asiático] de crauo». — Diogo do Couto, Déc. V, VII, 2.

1609. — «Ha infinito arroz que é **veniaga** de muitos mercadores». — Fr. João dos Santos, *Ethiopia Or.*, I, p. 87.

1632. — «Navegou para Timor a fazer sua **veniaga** do Sandalo e mandou aperceber quatro *Caracoras*» (embarca[illegible] da Malásia). — Fr. Luís de Sousa, *Hist. de S. Domingos*, III, p 315.

1635. — «E assim mandava a seda mais por **veniaga** que por presente». — António Bocarro, Déc. XIII p. 34.

1650. — «Hervas medicinaes de que se faz boa **veniaga**». — P. António Cardim, *Batalhas*, p. 228.

1864. — «Tinha Thomás Ratão, Cidadão de Cochim, embarcado suas **veniagas** com intento de fazer viagem pera o Sul». — P. Fernão de Queiroz, *Hist. de Pedro de Basto*, p. 183.

*

Dos testemunhos reproduzidos se deduz:

1.º O vocábulo tem duas formas, *beniaga* e *veniaga;* tendo a primeira visos de legítima e a segunda os da influência de *v* da palavra *venda*.

2.º O berço da dição é a Índia insular, como expressamente declaram dois dos nossos maiores e melhores cronistas, não tendo ela até então penetrado na metrópole nem engendrado o verbo *veniagar*.

3.º Os sentidos em que o têrmo era empregado são: «trato da mercadoria», negócio, tráfico, comércio; «mercadoria», fazenda, géneros; ganho, lucro comercial; cf. Fernão Pinto e Lucena.

4.º *Veniaga* não segnifica «lugar de comercio»; mas a ilha de *Tamou* ou Tamão, que constituia o empório do comércio chinês, era denominada pelos portugueses, à imitação dos malaios, «ilha da Veniaga» [1].

5.º A acepção figurada de «tranquibérnia ou traficância» produziu-se modernamente no continente do mesmo modo que a pejorativa de *chatim*.

Á vista do exposto, não é no latim que se há de buscar a origem da voz *veniaga*, como derivada de *veniagar*, nem *venum agere* podia normalmente dar *veniagar*, como *agere* não deu *ag[illegible]* mas *agir*. Também não se explicaria como é que *venum agere* produziu, uns dez séculos depois de morto (se é que jamais existiu, de que não estou certo), *veniagar*, e sómente em Portugal e sem nenhuma necessi-

[1] «A II de Agosto se escreueo a Cantão do que era passado com elrey até então chegarão as cartas a Jorge Botelho Diogo Calvo que estauão em a Ilha onde se faz mercadoria». Cristóvão Vieira, *apud* D. Ferguson, *Letters*, p. 57.

«The word *veniaga* is never used by the Portuguese writers by itself as a place name». Ferguson, *ibid.*, p. 9.

dade ou conveniência, havendo já aqui *tratar, mercadejar, traficar, negociar, comerciar, resgatar* (em sentido restrito), *chatinar*.

Andou, por tanto, avisado Rafael Bluteau (1712) em notar que é «*beniaga* palavra da Índia». Um lexicógrafo moderno também reconhece que *veniaga* é «têrmo asiatico», mas deriva *veniagar* da «raiz latina *venum*»!

E de facto, o malaio, língua franca da Insulíndia, tem *bĕrnyāga*, «mercadejar, comerciar», *pĕrnyagaan*, «comércio, mercadoria»; de origem sânscrita, *vāṇijaka* ou *vāṇijyaka* (de *vaṇij* ou *baṇij*), «mercador» (de que também provêm o concani *vāṇī*, e o português *baneane*), *vāṇijya*, «tráfico». David Haex (1631) regista, no seu *Dictionarium Malaio-Latinum*, *vinyága*, que denuncia a influência da forma portuguesa, com os significados «*negotiari, mercaturam exercere*».

É provável que a voz *beniaga*, sem *r*, que não há no étimo sânscrito, e com o duplo significado de «tráfico e mercadoria», estivesse em voga entre os mercadores estrangeiros, especialmente *quelins* de Choramândel, quando os portugueses chegaram a Malaca. A língua vernácula também usa *banian* ou *bĕnian*, na acepção de «mercador da Índia».

A inscrição do vocábulo é simples:

Veniaga, ou **beniaga** *(ant. e mais correcto)*, *s. f.* Comércio, negócio; mercadoria, fazenda; *(fig.)* tra[illegible]cia, tranquibérnia. Do malaio *bĕrnyāga*, «comerciar», sânsc. *vāṇijya*, «comércio».

Veniagar, *v. t.* e *i.* Comerciar, negociar; *(fig.)* traficar, mercadejar. De *veniaga*.

ÍNDICE

ERRATAS NOTÁVEIS

Pág.	*Lin.*	*Onde se lê:*	*Leia-se:*
Frontispício	6	pelo	por
5	9	ao meu ver	a meu ver
47	16	demmandandogli	dimandandogli
47	18	para ganhar	para se ganhar
51	20	O *andor*, é	O *andor* é
56	23	João Empoli	João de Empoli
61	3	pendurado	pendurada
123	15	(1580)	(1500)
123	31	*Braabres*	*Brabares*